



Fernanda Lopes Bortolini

**“SENHORA PRESIDENTE, ESTA É UMA CARTA PESSOAL”
– O GÊNERO COMO PRÁTICA SOCIAL E SITUADA**

Passo Fundo, março de 2020

Fernanda Lopes Bortolini

**“SENHORA PRESIDENTE, ESTA É UMA CARTA PESSOAL”
– O GÊNERO COMO PRÁTICA SOCIAL E SITUADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério.

Passo Fundo

2020

CIP – Catalogação na Publicação

B739s Bortolini, Fenanda Lopes
“Senhora presidente, está é uma carta pessoal” : o gênero
como prática social e situada / Fernanda Lopes Bortolini. – 2020.
122 f. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo
Fundo, 2020.

1. Análise do discurso. 2. Comunicação escrita. 3. Dialogismo
(Análise discursiva). 4. Gêneros discursivos. I. Valério, Patrícia da
Silva, orientadora. II. Título.

CDU: 801.73

A Elizete, Vilmar e Antonio, com carinho.

A todos que estabeleceram comigo, em maior ou menor intensidade, relações dialógicas geradoras de sentidos.

AGRADECIMENTOS

Após dois anos de estudos e reflexões chegou o momento de demonstrar minha gratidão a muitas pessoas que, em maior ou menor intensidade, me ajudaram, me inspiraram e me ensinaram.

À minha família, pelo apoio e carinho, gratidão.

Ao meu amor e interlocutor primeiro, Antonio, gratidão.

À professora Dra. Patrícia da Silva Valério, minha orientadora, que me guiou com afeto e generosidade ao longo desse período, gratidão.

À Universidade de Passo Fundo e à Fundação Universidade de Passo Fundo pela concessão da bolsa de estudos, gratidão.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UPF, por me acolher e possibilitar esta pesquisa, gratidão.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras pelos ensinamentos socializados, gratidão.

À Karine Castoldi, secretária do PPGL, por toda ajuda e suporte ao longo do mestrado, gratidão.

À amiga Julia M. Possa, pela amizade, interlocução e parceria de estudos, gratidão.

Aos amigos João Ricardo Santos e Vanessa França, pela leitura generosa, pelas ideias inspiradoras, gratidão.

Às professoras Dra. Adriana Dickel e Dra. Marlete Sandra Diedrich pela leitura atenta e contribuições na banca de qualificação, gratidão.

Aos professores Dra. Adriana Dickel, Dra. Marlete Sandra Diedrich e Dr. Pedro Farias Francelino que leem e avaliam esta dissertação, pela disponibilidade e aceite do convite, gratidão.

“Democracias frágeis têm uma vantagem sobre as sólidas: elas sabem quando acabam”.

Petra Costa (*Democracia em Vertigem*)

RESUMO

Este estudo, que se insere na linha de pesquisa Constituição e Intepretação do Texto e do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, assume como tema o estudo do gênero do discurso como prática social, oriundo da interação discursiva e constituído de relações dialógicas geradoras de sentido, instaura-se, dessa forma, como evento discursivo. Tem como objetivo geral compreender o evento discursivo, que se estabelece com a carta, do então vice-presidente Michel Temer, escrita à ex-presidenta Dilma Rousseff e divulgada à imprensa em sete de dezembro de 2015, a partir da mobilização de noções e princípios teóricos da perspectiva linguística e dialógica, constitutivos da arquitetura da Teoria Dialógica do Discurso e da Teoria dos Gêneros do Discurso. Para tanto, aborda na fundamentação teórica a perspectiva do Círculo de Bakhtin, a partir dos escritos de Bakhtin (2010[1975]; 2013[1929]; 2016 [1952-1953]), Volóchinov (2017[1929]), Medviédev (2016[1928]). O *corpus* do estudo é o evento discursivo que se estabelece com a carta de Temer a Dilma, divulgada à imprensa em sete de dezembro de 2015 e publicada na íntegra no Portal de Notícias G1. O estudo se configura pelos procedimentos adotados como uma pesquisa bibliográfica e documental, com uma abordagem qualitativa e de caráter exploratório. A análise revela que a carta se configura como uma grande resposta, não simplesmente à interlocutora imediata, Dilma Rousseff, mas à sociedade brasileira, em especial, aos eleitores insatisfeitos com o governo da época. Por meio de um discurso de vitimização, de isenção de responsabilidade e de alegação de competência, o locutor, figura pública representante do segundo mais alto cargo de autoridade do Executivo do país, desqualifica e deslegitima sua interlocutora imediata. Este estudo revela, ainda, a potência da Teoria dos Gêneros do Discurso para compreender eventos discursivos emergentes de sociedades complexas como a nossa.

Palavras-chave: Teoria Dialógica do Discurso. Gêneros do Discurso. Relações dialógicas. Evento discursivo. Carta de Temer a Dilma.

ABSTRACT

This research, posted on study line 'Constitution and Interpretation of the Text and Discourse' of Program of Postgraduate in Letters, of the University of Passo Fundo, has as theme the study of the discourse genre as a social practice, inserted in the discursive interaction and consisting of dialogic relations that generate meaning, and, consequently, established as a discursive event. The principal objective is to understand the discursive event - the letter from then Vice-President Michel Temer, written to the former president, Dilma Rousseff, and released to the press on December 7, 2015, from the mobilization of theoretical notions and principles from the linguistic perspective and dialogism, constitutive of the architecture of the Dialogic Theory of Discourse and the Theory of Genres of Discourse. Looking for it, the work addresses in the theoretical perspective of the Bakhtin Circle, based on the writings of Bakhtin (2010 [1975]; 2013 [1929]; 2016 [1952-1953]), Volóchinov (2017 [1929]), Medviédev (2016 [1928]). The corpus is the discursive event - the letter Fear Dilma, released to the press on December 7, 2015 and published in its entirety on the G1 News Portal. The study is configured by the procedures adopted as a bibliographic and documentary research, with a qualitative and exploratory approach. The analysis reveals that the letter is a great response, not simply to the immediate interlocutor, Dilma Rousseff, but to Brazilian society, in particular, to voters dissatisfied with the government of the time. Through a speech of victimization, exemption from liability and allegation of competence, the announcer, a public figure representing the second highest official authority in the country, disqualifies and delegitimizes his immediate interlocutor. This study also reveals the power of the theory of discourse genres to understand discursive events emerging from complex societies like ours.

Keywords: Dialogic Discourse Theory. Genres of Discourse. Dialogical relations. Discursive event. Letter from Temer to Dilma.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O PROBLEMA DO GÊNERO: A PERSPECTIVA DO CÍRCULO DE BAKHTIN... 16	16
2.1 A DUPLA ORIENTAÇÃO DO GÊNERO NA REALIDADE	21
2.2 SOBRE A FORMA ARQUITETÔNICA E A FORMA COMPOSICIONAL DO GÊNERO	25
2.3 A NECESSÁRIA ARTICULAÇÃO ENTRE GÊNERO E DISCURSO: O DISCURSO SE CONSTRÓI EM UM CAMPO DIALÓGICO	27
2.4 O ENUNCIADO COMO TOTALIDADE E SUAS FORMAS	29
2.5 OS GÊNEROS DO DISCURSO: PRÁTICA SOCIAL E SITUADA	35
2.5.1 O enunciado concreto: unidade real da comunicação discursiva	39
2.6 APONTAMENTOS E AS RESSONÂNCIAS DIALÓGICAS CONSTITUTIVOS DA TEORIA DOS GÊNEROS DO DISCURSO	43
3 A ARQUITETÔNICA DA TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO..... 48	48
3.1 A CONSTRUÇÃO DA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE LINGUAGEM DO CÍRCULO DE BAKHTIN: INTERLOCUÇÃO E CRÍTICA	50
3.1.1 As relações dialógicas constitutivas da concepção de linguagem e discurso no Círculo de Bakhtin	57
3.2 O LOCUTOR EM RELAÇÃO AO(S) OUTRO(S): A CRIAÇÃO CONJUNTA DO ENUNCIADO	60
3.3 O PRINCÍPIO DA RESPONSABILIDADE: A TOMADA DE POSIÇÃO AXIOLÓGICA	64
4 COMPREENSÃO DO EVENTO DISCURSIVO: ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E RELAÇÕES DIALÓGICAS	69
4.1“O GÊNERO LANÇA LUZ SOBRE A REALIDADE, A REALIDADE ILUMINA O GÊNERO”: A SITUAÇÃO SOCIAL CONSTITUTIVA DO GÊNERO DISCURSIVO	74
4.2 A ARQUITETÔNICA DO GÊNERO DO DISCURSO: A TRÍADE CONSTITUTIVA	79
4.2.1 A construção composicional: o aspecto da forma está consolidado no gênero discursivo carta e suas variações.....	81
4.2.2 O conteúdo temático da carta: para além do “desabafo”	81
4.2.3 O estilo na carta: o locutor realiza escolhas no seu projeto de dizer na interação..	87
4.3 AS RELAÇÕES DIALÓGICAS GERADORAS DE SENTIDOS INSTAURADAS NO EVENTO DISCURSIVO	90
4.3.1 O locutor em relação ao (s) outro (s): a construção conjunta das relações geradoras de sentidos	102
4.4 SENHORA PRESIDENTE, SERÁ QUE ESTA É UMA CARTA PESSOAL?: DISCUSSÃO DA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO EVENTO DISCURSIVO	104

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS	117

1 INTRODUÇÃO

Este estudo, inserido na linha de pesquisa Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, assume como tema o estudo do gênero do discurso como prática social, oriundo da interação discursiva e constituído de relações dialógicas geradoras de sentido, instaurando-se, dessa forma, como evento discursivo. Dedicase, pois, à compreensão de um evento discursivo, que se estabelece com a carta do então vice-presidente Michel Temer, escrita à ex-presidenta¹ Dilma Rousseff e divulgada à imprensa nacional em sete de dezembro de 2015. Para tanto, a pesquisa ampara-se em noções e princípios advindos da perspectiva da Teoria Dialógica do Discurso e da Teoria dos Gêneros do Discurso, de filiação do Círculo de Bakhtin².

O interesse por esta investigação surgiu genuinamente da situação social, política e, especialmente, discursiva que se estabeleceu no Brasil nos primeiros dias de dezembro de 2015, que se deu com a aceitação – no dia dois de dezembro daquele ano –, do processo de

¹ Assumimos, ao longo desta dissertação, o substantivo feminino “presidenta” (ou ex-presidenta) para nos referirmos ao mais alto cargo ocupado por Dilma Rousseff entre 2011 a 2016. Essa escolha encontra abrigo em gramáticos, como Celso Cunha (2016), que, em sua *Gramática do Português contemporâneo*, admite a prescrição do substantivo feminino “presidenta” na língua, ainda que este tenha uso restrito (CUNHA, 2016). Justifica-se, também, por esse termo ser regulamentado por lei, sancionada por Rousseff, a Lei nº 12.605, de 3 de abril de 2012, que determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas (BRASIL, 2012). Dessa forma, assumimos a perspectiva da língua em interação social, como reflexo da sociedade e dos sujeitos que nela interagem, e fazemos uma escolha discursiva que reflete a situação social e política do Brasil, quando uma mulher presidiu por vez primeira nosso país. Ressaltamos que, por mais que tal forma esteja prescrita na gramática e dicionarizada, evidenciamos uma insistência das pessoas fora da academia, especialmente alguns veículos midiáticos nacionais, em não usar a flexão do termo no feminino, usando a própria normativa como justificativa e revelando um estranhamento em tal uso. Talvez esse estranhamento se deva ao fato de ser uma novidade mulheres ocupando altos cargos, especialmente no Brasil, onde ainda não havíamos tido uma presidenta mulher até as eleições de 2010. Sobre esse tema citamos dois artigos na área da Linguística, que podem contribuir à reflexão sobre o tema e ao uso do substantivo feminino “presidenta”. O artigo intitulado “Presidenta ou a presidente: além das questões linguísticas” (NESPOLI-RAMOS, 2019), parte do pressuposto de que a palavra não é neutra, mas atravessada por questões ideológicas uma vez que funciona como um signo ideológico e como tal dialoga com as crenças de quem a emprega, e a partir desse pressuposto de orientação bakhtiniana, reflete sobre a tensão que envolve o termo “presidente” e suas formas gramaticais do feminino no contexto político (disponível em: <file:///C:/Users/User/Desktop/503-1413-1-SM.pdf>); e outro artigo intitulado “Presidente ou presidenta: gênero para dominação, diferença ou resistência?”, (SILVA, s/n), em que o autor realiza uma análise da escolha da presidenta Dilma Rousseff em usar a marca de gênero ou não em seu título alcançado nas eleições de 2010, sob a perspectiva da análise de discurso crítica (ADC) (disponível em: http://ascd.com.br/v1/wp-content/uploads/2015/11/SL_7.pdf).

² Adotamos, no decorrer deste estudo, os termos Círculo de Bakhtin e Círculo Bakhtiniano, expressões utilizadas pelos pesquisadores contemporâneos, ainda que não de maneira unânime. Os estudos advindos do pensamento bakhtiniano são decorrentes de trabalhos produzidos por Mikhail M. Bakhtin (1895-1975) e outros intelectuais russos – cientistas, literatos, filólogos, filósofos, professores, artistas –: Valentin N. Volóchinov (1895-1936); Pável N. Medviédov (1891-1938); Matvei I. Kagan (1889-1937); Lev V. Pumpiánski (1891-1940); Ivan I. Sollertínski (1902-1944); Maria Iudina (1899-1970); K. Váguinov (1899-1934); B. Zubákin (1894-1937). Além disso, não nos interessa adentrar e discutir a questão das autorias contestadas de algumas obras publicadas, nosso interesse é pela teoria, independentemente da complexa discussão sobre a autoria das obras. Dessa forma, associamo-nos à perspectiva de Faraco (2009), Brait (2013) e Grillo (2017) e respeitaremos as autorias das publicações/traduições consultadas e lidas para este estudo.

impedimento da continuidade do mandato de Dilma Vana Rousseff (PT), pelo presidente da Câmara dos Deputados no período, Eduardo Cunha (PMDB). E também da emergência do dizer que se estabeleceu a partir dessa situação social e política, em que emanaram muitos gêneros, de diferentes esferas de atuação e interação humana, os quais mobilizaram diferentes discursos e vozes sociais. Apenas para citar alguns exemplos possíveis de análise e interpretação, destacamos, por exemplo, as muitas opiniões de especialistas e jornalistas sobre a situação social, política e cultural do país, como fez Eliane Brum, jornalista e colunista do Jornal El País, no texto “Tupi or not to be”³, que refletiu sobre a dificuldade do Brasil em nomear na nossa língua a disputa que acontecia em 2015-2016 – foi impeachment, golpe, retrocesso, ataque à democracia? –, afinal, como nomear um evento que, para além de revelar uma crise política, econômica, lembra-nos a jornalista, revelou uma profunda crise de identidade, de ética e de estética. O texto, nesse sentido, reflete sobre a dificuldade de nomear um evento que dividiu o país, rachou as alianças políticas, gerou um descrédito na democracia e, por outro lado, aumentou o patriotismo e despertou manifestações socioideológicas antagônicas.

Ressaltamos, também, a potência dos discursos produzidos em postagens nas redes sociais brasileiras, como demonstrado no estudo⁴ da Fundação Getúlio Vargas (FGV), de que somente em abril de 2016, chegou-se a cerca de um milhão de menções ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff nas redes. Tal resultado se deu a partir do mapeamento de expressões e articulações semânticas, especialmente das *hashtags* pró e contra o processo de afastamento da presidenta e, dessa forma, foi possível mapear que o “sentimento” entre os usuários, segundo a FGV, se configuraram como diálogos e argumentos totalmente antagônicos, violentos, quase uma disputa de sentidos. Que muitas outras vozes emanaram dessa esfera discursiva? E que embates sociais aconteciam nessa arena discursiva? Quem dizia e a quem dizia? São questões que se ancoram na perspectiva linguístico-filosófica do Círculo de Bakhtin e que potencializam nossa perspectiva de compreensão do evento social, político e discursivo que se instaurou no país. Nessa perspectiva, compreendemos que mobilizar e estudar a perspectiva linguístico-filosófica do Círculo de Bakhtin é possibilitar estudar os gêneros como prática social e situada, que emerge das relações de interação, que se realizam nas relações dialógicas geradoras de sentido. Assim, compreender as relações dialógicas é compreender as relações de sentidos entre os textos, os discursos ditos e quais vozes sociais carregam consigo; é compreender quem diz, por que diz e, mais importante, para quem diz. Enfim, é poder realizar uma leitura mais

³ Texto na íntegra em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/25/opinion/1461595521_717873.html.

⁴ Acesso ao estudo: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/16941>.

completa dos gêneros, ao situá-los como formas de apreender a vida, pois o gênero, na perspectiva da Teoria Dialógica do Discurso, só se realiza na interação social.

O processo de impedimento de mandato de Dilma Rousseff revelou, como anteriormente mencionado, uma profunda disputa política e ideológica e se configurou, metaforicamente, como uma arena de embates entre dois polos, que trouxe em cada polo uma posição e atitude sobre o evento social, totalmente antagônicas. Em um polo, estabeleceu-se a ex-presidenta Dilma e aliados que denunciaram o processo aberto e aceito pela Câmara dos Deputados como um golpe parlamentar e assumiram como um ataque à democracia por refutarem a denúncia de suposto crime de responsabilidade fiscal cometido pela ex-presidenta; no outro polo, estabeleceram-se os apoiadores do impeachment, que rechaçaram a perspectiva de golpe e encontraram respaldo no fato de o Supremo Tribunal Federal (STF) considerar legal o pedido de impedimento da continuidade do mandato. O Brasil tornou-se uma arena de embate político e ideológico, que reverberou na situação social e se instaurou nos discursos, em que alguns sujeitos filiaram-se ao discurso do impeachment, produzindo um movimento social e também discursivo, como, por exemplo, o chamado Movimento Pró-impeachment, e outros se firmaram ao discurso de que foi golpe parlamentar e que lutaram a favor da democracia. Ainda, dessa arena emanaram discursos críticos e questionadores, como o discurso humorístico, que criou o neologismo “golpeachment”⁵. Nesse sentido, em meio ao processo de várias nomenclaturas, reveladoras de posições ideológicas, o Brasil se organizou em dois polos de bandeiras, partidos, posições ideológicas, cores, manifestações, sentimentos e discursos.

O desfecho desse evento político, social e ideológico conhecemos bem: em trinta e um de agosto de 2016, dez meses após a aceitação do processo de impedimento da continuidade do mandato democraticamente eleito da então presidenta, o plenário do Senado condenou Dilma Rousseff à perda de seu cargo, com 61 votos a favor da condenação, contra 20 votos contrários à condenação, sob a acusação de ter cometido crime de responsabilidade fiscal.

Desses tantos dizeres concretizados em gêneros discursivos emergentes da situação social, um em especial nos é muito caro, que é a carta de Michel Temer, escrita à Dilma Rousseff, no dia sete de dezembro, e divulgada à imprensa no mesmo dia. Noticiada nos veículos jornalísticos impressos e televisivos como “carta-desabafo”, “carta do vice decorativo”, “carta de cunho pessoal”, “carta aberta” somente reforçou a grande especulação da mídia e da população sobre o apoio que seria dado – ou negado – pelo vice-presidente Michel

⁵ Neologismo criado e utilizado em muitos dos episódios do programa humorístico *GregNews com Gregório Duvivier*, da HBO Brasil. Acesso aos programas em: <https://br.hbomax.tv/serie/Greg-News-com-Greg%C3%B3rio-Duvivier-Temporada-01/501493>.

Temer, filiado e, no período, presidente do PMDB – atual MDB – à então presidenta, e ampliando a discussão de uma possível ruptura da base aliada do governo. Da leitura realizada na data da divulgação à imprensa e da releitura efetuada em 2019, é que se constitui nosso interesse pelo estudo dos gêneros do discurso como prática social e de interação discursiva instaurada, e se configura, dessa forma, a materialidade linguística do nosso *corpus*, amparando-se em noções e princípios advindos da perspectiva teórico-metodológica da Teoria Dialógica do Discurso⁶ e da Teoria dos Gêneros do Discurso, de filiação do Círculo Bakhtiniano.

Nessa perspectiva, ao voltarmos nosso olhar à carta e à situação social, isto é, à interação social da qual a carta emanou e também instaurou, estabelecemos a problemática do estudo, constituída de duas questões norteadoras: Como a Teoria dos Gêneros do Discurso pode contribuir para a compreensão de um evento discursivo carta? Que relações dialógicas emergem de uma carta do vice-presidente à presidenta do país e divulgada à imprensa? E um problema de pesquisa que complementa nossa problemática: seria esta carta não uma carta pessoal, mas uma carta aberta?

Nesse sentido, o objetivo geral que norteia nossa pesquisa é o de compreender o evento discursivo – a carta, do então vice-presidente Michel Temer, escrita à ex-presidenta Dilma Rousseff e divulgada à imprensa em sete de dezembro de 2015 – mediante à mobilização de noções e princípios teóricos da perspectiva linguística e dialógica, constitutivos da arquitetura da Teoria Dialógica do Discurso e da Teoria dos Gêneros do Discurso. Para alcançar nosso objetivo geral, elencamos objetivos específicos: a) visitar a Teoria do Gênero do Discurso sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin, a fim de mobilizar o conceito de gênero do discurso como prática social com vistas à compreensão do evento discursivo; b) resgatar noções e princípios da Teoria Dialógica do Discurso do Círculo de Bakhtin, a fim de compreender o evento discursivo carta de Temer a Dilma; c) mapear noções e princípios da Teoria Dialógica do Discurso e da Teoria dos Gêneros do Discurso, que constituirão constructos teórico-metodológicos que permitam a análise, a interpretação e a compreensão do evento discursivo; e d) analisar, como gênero discursivo, a carta do então vice-presidente Michel Temer, escrita à ex-presidenta Dilma Rousseff.

⁶ Assumimos o termo Teoria/Análise Dialógica do Discurso, filiados à explanação de Beth Brait (2006) que evidencia que a Teoria Dialógica do Discurso se constitui de noções e princípios que se engendram na arquitetura da concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin.

Para alcançarmos o objetivo geral deste estudo, são necessários noções e princípios teórico-metodológicos que possam nortear nossa leitura analítica com vistas à compreensão do *corpus*. Dessa forma, nosso estudo filia-se aos princípios e noções linguístico-filosóficos advindos de reflexões e proposições do Círculo Bakhtiniano, que se engendram na arquitetura da concepção da Teoria Dialógica do Discurso e da Teoria do Gênero do Discurso, a partir escritos de Mikhail M. Bakhtin (2010[1975]; 2013[1929]; 2016 [1952-1953]), Valentin N. Volóchinov (2017[1929]) e Pável N. Medviédev (2016[1928]), tais teorias se tornam potentes à compreensão do nosso *corpus* e para o objetivo proposto.

Ao longo desta dissertação, conforme já citamos, assumimos como *corpus* o evento discursivo – a carta Temer a Dilma, divulgada à imprensa em sete de dezembro de 2015 e noticiada no mesmo dia nos jornais do canal GloboNews, e replicada em todas as plataformas da Rede Globo de Jornalismo, e posteriormente, à imprensa nacional de maneira ampla. A carta foi publicada na íntegra, primeiramente, no Portal de Notícias G1⁷, juntamente com uma notícia, no dia sete de dezembro, às 23h16min.

Ao definirmos nosso *corpus* – a carta – e a filiação teórico-metodológica à qual nosso estudo está ancorado, engendrados no tema dessa dissertação, e motivados pelo problema de pesquisa – seria esta carta não uma carta pessoal, mas uma carta aberta? – realizamos uma consulta na base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), delimitamos nossa busca por gênero do discurso e carta aberta e encontramos estudos em nível de mestrado e doutorado que abordam a questão do conceito de gênero do discurso – porém como gênero textual – e sobre a carta aberta.

Uma primeira pesquisa encontrado, em nível de doutorado, intitulado “Cadeias referenciais em textos do gênero carta aberta: um projeto didático para a educação de jovens e adultos”, de autoria de Leite (2014), realizou a aplicação de um projeto didático para alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por meio de Sequências Didáticas. O objetivo da pesquisa foi verificar como um trabalho sistemático com um gênero textual pode contribuir para o processo de produção escrita dos alunos, mais especificamente, no que diz respeito à construção de cadeias referenciais, nos gêneros textuais cartas abertas. O estudo mobilizou o conceito de gênero do discurso – assumindo como gênero textual e filiando-se à Linguística Textual –, em especial, no que se refere à estrutura triádica – conteúdo temático, construção composicional e estilo. Além disso, a pesquisadora realizou a produção de cartas abertas em sala de aula que, a

⁷ Link da publicação da carta na íntegra no Portal G1: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/leia-integra-da-carta-enviada-pelo-vice-michel-temer-dilma.html>.

partir da sequência didática, foi sendo reescrita, com enfoque, especialmente, nas cadeias referenciais e na textualidade. Após, foi realizada uma análise da estrutura interna do gênero, a partir de algumas cartas abertas, em suas versões finais.

Uma segunda investigação encontrada, em nível de mestrado, de título “A carta aberta como instrumento de ação social: uma proposta de intervenção à luz do letramento”, de autoria de Oliveira (2018), teve como objetivo analisar de que modo uma proposta de produção de texto, fundamentada na concepção de escrita como processo de interação social pode contribuir para o letramento dos alunos do EJA. Estudo filiado à Sequência Didática de Schneuwly, Dolz e Novarráz (2004), e à Teoria Interacionista e dos gêneros textuais de Bakhtin (1992 e 1997) e Marcuschi (2003 e 2008). Novamente o *corpus* da pesquisa foram textos – cartas abertas – escritos pelos alunos e reescritos ao longo do projeto. A análise do *corpus* se deu, essencialmente, a partir da análise da estrutura triádica dos gêneros – conteúdo temático, construção composicional e estilo.

Nesta combinação, gêneros do discurso e carta aberta, foram esses as pesquisas que encontramos, no entanto, em uma busca mais ampla muitos estudos que tratam do conceito de gêneros do discurso aparecem. O que tal busca nos revela é que estudos linguísticos, que envolvem o conceito de gênero de discurso e análise de um gênero do discurso com vistas à compreensão não representam uma abordagem nova, tanto não o é que o conceito de gênero do discurso de filiação bakhtiniana é considerado um conceito com uso “inflacionado”⁸ em estudos no país, segundo revelam alguns autores e leituras. No entanto, o conceito amplamente utilizado está ligado à estrutura triádica do gênero, e não necessariamente à concepção de gênero como prática social e situada, que se realiza em uma dupla orientação – interna e externa. Nessa busca, não encontramos pesquisas que mobilizem a Teoria Dialógica do Discurso e a Teoria dos Gêneros do Discurso para analisar a carta enviada por Temer à Dilma, sob o viés do gênero do discurso como prática social, inserido na interação discursiva e constituído de relações dialógicas geradoras de sentido, o que reforça nossa filiação teórico-metodológica e justifica a escolha do nosso *corpus*.

A partir do objetivo geral norteador e da filiação teórica assumida, nosso estudo se configura pelos procedimentos adotados como uma pesquisa bibliográfica e documental, com uma abordagem qualitativa e de caráter exploratório.

Para alcançarmos o objetivo geral norteador, realizamos a fundamentação teórica em dois momentos, e produzimos um terceiro momento que se dá com a análise e a interpretação

⁸ No próximo capítulo, aprofundaremos a discussão no que se refere à mobilização “inflacionada” do conceito de gênero do discurso.

do evento discursivo. A primeira parte da fundamentação teórica constitui-se de um capítulo voltado à Teoria do Gênero do Discurso – capítulo 2 –, com o objetivo de revisitar a teoria, sob a perspectiva do Círculo Bakhtiniano, a fim de mobilizar o conceito de gênero, com vistas à compreensão do evento discursivo. Dessa incursão teórica são mobilizadas noções e princípios centrais à análise, como a estrutura triádica dos gêneros do discurso; a noção de enunciado como realidade fundamental da linguagem e da interação; a perspectiva espaço-temporal em que o gênero se situa como acontecimento social em que o gênero do discurso está ancorado. Dentro da incursão teórica filiada à perspectiva do Círculo de Bakhtin, trazemos Bakhtin (2010[1975]; 2013[1929]; 2016[1952-1953]); Medviédev, (2016[1928]); Volóchinov (2017[1929]), e algumas referências significativas ao nosso estudo, como as de Brait e Pistori (2012) e Faraco (2009; 2013).

A segunda parte da fundamentação teórica traz um capítulo voltado à arquitetônica da Teoria Dialógica do Discurso – capítulo 3 – que visa resgatar noções e princípios da Teoria Dialógica do Discurso do Círculo Bakhtiniano para compreender o evento discursivo, isto é, faz-se necessário realizar uma reconstituição do percurso do pensamento linguístico-filosófico do Círculo de Bakhtin, estabelecendo relações dialógicas geradoras de sentidos entre as noções e os princípios, a fim de estabelecer uma proposição teórico-metodológica que produzirá constructos analíticos que nortearão nossa análise do *corpus*. Do percurso realizado, destacamos as noções de dialogismo como princípio constitutivo da linguagem; as relações dialógicas geradoras de sentido; a noção de direcionamento; o princípio da responsividade. Dentro desse escopo, convocamos as referências de Bakhtin (2011[1979]; 2013[1929]; 2016[1952-1953]); Volóchinov (2017[1929]), e ainda Brait (2013), Pires e Sobral (2013) e Faraco (2009).

O terceiro momento se dá com a compreensão do evento discursivo: análise, interpretação e relações dialógicas – capítulo 4 – que objetiva analisar e interpretar o *corpus* do estudo, que se estabelece da materialidade discursiva constituída na carta escrita por Michel Temer para Dilma Rousseff e divulgada à imprensa em sete de dezembro de 2015. Na análise percorremos o seguinte caminho: a contextualização da situação social constitutiva do evento discursivo em análise; a arquitetônica dos gêneros do discurso, em que analisamos o gênero discursivo carta, abordando os elementos da estrutura triádica – construção composicional, conteúdo temático e estilo; as relações dialógicas geradoras de sentidos instauradas no evento discursivo, a partir da análise e interpretação de doze enunciados concretos oriundos da materialidade da carta; e por fim, discutimos a análise e a interpretação, culminando na seção de fechamento desse terceiro momento. Além da fundamentação teórica em dois momentos –

capítulos 2 e 3 –, e do terceiro momento que se dá com a análise e interpretação do evento discursivo – capítulo 4 –, o estudo se completa com a introdução e as considerações finais.

2 O PROBLEMA DO GÊNERO: A PERSPECTIVA DO CÍRCULO DE BAKHTIN

“A língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”.
(Mikhail Bakhtin)

“O gênero lança uma luz sobre a realidade, enquanto a realidade ilumina o gênero”.
(Pável Medviédev)

Neste capítulo, objetivamos estudar e revisitar a Teoria do Gênero do Discurso sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin, para, por meio dessa incursão teórica, compreender o evento discursivo que é *corpus* deste estudo. Além disso, interessa-nos refletir sobre a questão do conceito de gênero do discurso que é amplamente mobilizado e estudado no país.

Para a realização desta pesquisa, selecionamos escritos⁹ do Círculo Bakhtiniano, mais precisamente dos integrantes: Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. Sob a autoria de Bakhtin, lemos *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* (1924), na obra *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance* (2010[1975]); *Peculiaridade do gênero, do enredo e da composição das obras de Dostoiévski*, e *O discurso em Dostoiévski*, da obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2013[1929]); e *Os gêneros do discurso* (2016 [1952-1953]). De Medviédev, lemos *Os elementos da construção artística*, da obra *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (2016[1928]). E de Volóchinov, relemos os textos *O problema da relação entre a base e a superestrutura*; e *A interação discursiva*, da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (2017[1929]). Além dos textos acima citados, nos apoiamos em leituras de Faraco (2013), com o texto *O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal*; e Brait e Pistori (2012), com o artigo *A produtividade do Conceito de Gênero em Bakhtin e o Círculo*.

Sobre a ordem de leitura e releitura conceitual, realizamos um enfoque analítico e não necessariamente cronológico dos escritos de Mikhail Bakhtin e o Círculo, porém nos interessa iniciar pelo primeiro livro publicado, que trata do tema, *O método formal nos estudos literários*:

⁹ Usaremos ao longo desta pesquisa termos como texto, escrito, manuscrito e obra, quando não for possível definir qual gênero do discurso lemos. Para tal uso, convocamos o que Machado (2007) aponta sobre os escritos de Bakhtin, que são, antes de mais nada, textos inacabados. Para a pesquisadora, o problema do acabamento revela a indefinição quanto ao gênero. Além disso, a autora ressalta que os textos de Bakhtin, em grande maioria, são manuscritos, não são textos organizados para publicação em livros. São anotações. Muitos deles ditados por Bakhtin e escritos por sua esposa. E que todas essas características influenciam diretamente nos gêneros do discurso.

introdução crítica a uma poética sociológica (2016[1928]), e encerrar o desenvolvimento conceitual pelo clássico escrito *Os gêneros do discurso* (2016[1952-53]).

Dessa forma, abordamos no decorrer deste capítulo a questão da dupla orientação do gênero na realidade na seção 2.1; sobre a forma arquitetônica e forma composicional do gênero na seção 2.2; a necessária articulação entre gênero e discurso: o discurso se constrói em um campo dialógico na seção 2.3; o enunciado como totalidade e suas formas na seção 2.4; os gêneros do discurso: prática social e situada na seção 2.5; o enunciado concreto: unidade real da comunicação discursiva na subseção 2.5.1; e, ao fim, realizamos a seção de fechamento, com apontamentos e as ressonâncias dialógicas do conceito de gênero do discurso na concepção da Teoria do Gênero do Discurso do Círculo de Bakhtin na seção 2.6. Porém, antes de adentrarmos à próxima seção, interessa-nos refletir sobre a mobilização conceitual de gênero do discurso, reflexão esta que norteará nosso estudo.

É inegável a grande mobilização e leitura do conceito de gênero do discurso de Mikhail Bakhtin e o Círculo, especialmente a partir dos anos 1970, quando o autor e suas obras passam pelo processo de (re)descoberta na União Soviética e de descoberta no Ocidente. Nas palavras de Morson e Emerson, “a reputação de Bakhtin no Ocidente repousa sobre as suas teorias do gênero e do romance” (2008, p. 287), e, nós complementamos, com a Teoria Dialógica do Discurso.

No Brasil, a circulação do conceito de gênero é intensa, revelando um caráter de “uso inflacionado”, conforme metaforiza Faraco (2009). E tal mobilização inflacionada do conceito se deve, primeiramente, à apropriação que o discurso pedagógico fez e faz, por meio de materiais didáticos e documentos oficiais norteadores da educação básica. Além disso, o conceito circula amplamente em muitas pesquisas realizadas sob a perspectiva dos gêneros discursivos, revelando a amplitude alcançada por esse “arcabouço teórico-prático denominado gênero” (BRAIT; PISTORI, 2012, p. 371).

No que se refere ao conceito de gênero do discurso, sabemos que o manuscrito mais citado e, por vezes, tomado como único sobre o tema, encontra-se no texto esboçado por Bakhtin nos anos 1952-1953, *Os gêneros do discurso*, e incluído na coletânea póstuma *Estética da Criação verbal* (1979). No entanto, é importante mencionar que tal escrito não é o único a tratar do tema. Corroborando essa afirmativa, Brait e Pistori (2012) revelam que “a maioria dos leitores acaba entendendo gênero do discurso como uma **fórmula mágica**, reduzida somente a três elementos: forma composicional, conteúdo temático e estilo” (2012, p. 374, grifo nosso), e que uma vez aplicada, essa receita dará conta da compreensão e do ensino de gêneros e, conseqüentemente, de leitura e produção de textos. Isto é, não é possível considerar que o

conceito de gênero se reduz a uma caracterização do discurso por meio dos três elementos essenciais da forma do gênero, visto que nem só dessa ‘fórmula mágica’ se constrói um gênero do discurso, nem tão pouco se sustenta a teoria bakhtiniana sobre os gêneros. Além disso, tal perspectiva voltada somente à concepção triádica, acaba por renegá-lo, como prática social e situada, o que entendemos, contradiz o próprio conceito de língua¹⁰, na perspectiva Bakhtiniana.

Ainda sobre o conceito de gênero de Bakhtin e o Círculo, Renfrew (2017) pontua que “o gênero é, ao mesmo tempo, o conceito mais esquivo em Bakhtin e um dos mais produtivos, ao articular como faz – embora, às vezes, em relações conflituosas – aspectos de todas as ideias-chaves” (RENFREW, 2017, p. 181). Ou seja, é a Teoria do Gênero do Discurso consolidando-se de uma combinação de esquivamento – isto é, de relações dialógicas – e de produtividade, pois o gênero surge tanto como categoria definitivamente literária quanto como categoria expressiva do linguístico. Aqui, interessa-nos a perspectiva dos gêneros discursivos.

Sobre a produtividade da Teoria do Gênero do Discurso, Renfrew assume que:

Em diferentes pontos no tempo, Bakhtin (e Medviédev) oferecem nada menos que cinco teorias de gênero, diferentes, mas relacionadas, desde a teorização inicial de Medvedev nos anos 1920, passando pelas teorias relativas às categorias do romance, do cronotopo e do carnaval, até a teoria “conclusiva” de gênero que Bakhtin constrói em torno da ideia de gêneros de discurso nos anos 1950 (RENFREW, 2017, p. 182).

Essa perspectiva sobre a produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo está ligada à grande reflexão e produção do grupo ao longo de décadas sobre o gênero e mais, à ampliação da leitura das obras. Para Renfrew (2017), podemos mapear essas fases de reflexões em cinco momentos, ou seja, para além do conceito clássico de gênero d’Os *gêneros do discurso*. Tais conceitos “convergem para aquilo que é quase uma teoria ‘unificada’ do que ele [e o Círculo] produziu em todos os estágios de sua vida” (RENFREW, 2017, p. 195).

A ótica de leitura do autor (2017), de que em diferentes momentos é possível mapear cinco teorias de gêneros, que são distintas, pois tratam de gêneros literários, sobre o cronotopo – tempo que se engendra no espaço –, sobre o romance e sobre os gêneros de discurso, mas intrinsecamente relacionadas, tornando-se quase uma teoria unificada, revela-nos uma possibilidade de leitura para teorizar sobre o conceito de gênero do discurso em Bakhtin e o Círculo, que extrapola as leituras conceituais que circulam amplamente no país. Em determinados pontos, Bakhtin e o Círculo não assumem somente a perspectiva de um gênero da prosa como, por exemplo, romance; há momentos em que o romance é assumido com um

¹⁰ No próximo capítulo – capítulo 3 – aprofundaremos a discussão sobre a perspectiva de língua e linguagem, desenvolvida pelo Círculo Bakhtiniano.

gênero do discurso literário, isto é, um gênero secundário complexo, representativo de uma determinada esfera discursiva e constitutivo de uma interação discursiva.

Ainda sobre a potencialidade e a produtividade do conceito de gênero do Círculo Bakhtiniano, convocamos a leitura ímpar e norteadora ao longo dessa incursão teórica, desenvolvida pelas bakhtinólogas Beth Brait e Maria Helena Pistori, no artigo intitulado *A produtividade do Conceito de Gênero em Bakhtin e o Círculo*, (2012). As autoras, nesse estudo, afirmam que existem inúmeras reflexões desenvolvidas ao longo de várias décadas por Mikhail M. Bakhtin (1895-1975) e outros membros do Círculo, como no caso de Pável N. N. Medviédev (1892-1938) e Valentin N. Volóchinov (1895-1936), que abordam a questão dos gêneros de discurso, ainda que não como objeto exclusivo das reflexões de cada escrito/obra. Mas sim, estão na tessitura dos escritos, por tratarem os gêneros romanescos como uma possibilidade de gêneros discursivos complexos – secundários.

A perspectiva de leitura das pesquisadoras nos convida a considerar o conceito de gênero – não reduzindo apenas ao conceito triádico, do escrito clássico, anteriormente citado – com base na concepção de gênero que vai sendo construída ao longo dos trabalhos do Círculo Bakhtiniano. Tal perspectiva nos provoca a realizar uma leitura enfocando os gêneros discursivos, ainda que alguns textos reflitam sobre os gêneros advindos da literatura, as autoras provocam-nos a realizar uma leitura em perspectiva dialógica entre as obras, os autores do Círculo e os diferentes períodos de produção. Para elas é importante que os linguistas e analistas do discurso realizem a leitura desses textos mapeados, enfocando questões dos gêneros discursivos (BRAIT; PISTORI, 2012). E é dessa constatação – circulação intensa do conceito de gênero do discurso no Brasil – que advém também nossa motivação para estudar e discutir detalhes desse tema, sob essa ótica dialógica.

Posto isso, associamos nossa perspectiva de leitura do conceito de gênero discursivo à de Brait e Pistori (2012), isto é, para além da “fórmula mágica”, para explorar outras perspectivas e reflexões – outro ponto de vista – desenvolvidas por Bakhtin e o Círculo, a fim de construir uma abordagem teórico-metodológica que abarque as obras do Círculo que tratam em maior ou menor proporção de gêneros discursivos. Assim, neste capítulo, dedicamo-nos a estudar e revisitar a Teoria Dialógica do Discurso sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin, para através dessa incursão teórica, compreender o evento discursivo que é *corpus* deste estudo.

A seguir, passamos à mobilização do conceito de gênero, sob a perspectiva da obra *O Método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica*, (2016 [1928]), de Medviédev, interessando-nos as reflexões advindas do capítulo terceiro *Os elementos da construção artística*, que trata especificamente do tema – gênero.

2.1 A DUPLA ORIENTAÇÃO DO GÊNERO NA REALIDADE

A obra *Método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica* foi publicada na então Leningrado, em 1928, por Pável N. Medviédev¹¹, um dos intelectuais integrantes do Círculo de Bakhtin, e somente em 2012 ganhou sua primeira tradução para a língua portuguesa, partindo do original russo *Formálnyi miétod v literaturoviédénii: kritítcheskoe vvediénie v sociologúitsheskuiu poétiku*. Constitui-se de quatro partes, divididas em nove capítulos e conclusão. Na primeira parte – *Objeto e tarefas dos estudos literários marxistas* –, o autor desenvolve a formulação dos fundamentos da teoria da “ciência das ideologias”, ou a poética sociológica proposta por Medviédev. Na segunda parte – *Uma contribuição à história do método formal* – o autor realiza uma revisão do pensamento formalista nos estudos da arte da Europa ocidental e da Rússia. A terceira parte – *O método formal na poética* – realiza uma discussão dos principais conceitos e pressupostos do formalismo russo¹², apresentando os conceitos-chave dessa corrente e criticando-os sistematicamente, expondo, dessa maneira, suas ideias sobre cada um dos temas abordados. E ao fim, na quarta parte – *O método formal na história da literatura* –, o autor realiza uma apresentação crítica sobre como o método formal abordou temas da história da literatura. Interessa-nos o capítulo terceiro – *Os elementos da construção artística* –, subdividido em oito partes, situado na terceira parte do livro, que trata especificamente do tema gênero (MEDVIÉDEV, 2016[1928]).

¹¹ Conforme anteriormente explicado, não entraremos na questão da polêmica das autorias contestadas de obras do Círculo Bakhtiniano. Assumiremos a autoria definida pela edição da obra consultada e lida.

¹² O formalismo russo, como um movimento de crítica e estudos literários, se consolida como uma corrente de pensamento literário e linguístico. Originou-se a partir de um grupo heterogêneo de estudiosos, poetas e escritores, em meados dos anos de 1910 até o final de 1920. Cronologicamente, se instaura na Rússia em dois momentos e lugares próximos. Em 1915, funda-se o Círculo Linguístico de Moscou, com a presença ilustre de Roman Jakobson e Victor Erlich. Um ano depois, em 1916, outro grupo de teóricos constitui em São Petersburgo a Sociedade para o Estudo da Língua Poética – OPOYAZ, composto por estudantes de língua como L. Iakubinski, E. D. Polivanov e teóricos da literatura como V. Propp, V. Chklóvski, B. Eikhenbaum e S. B. Bernstein, constituindo um grupo heterogêneo de linguistas e literatos, que publicaram textos até 1920, quando ambos os grupos teóricos dissolverem-se. De maneira sintética, os formalistas postulavam que era preciso fazer do estudo de literatura uma ciência autônoma e que o objeto da ciência literária não seria propriamente a literatura, mas a “literariedade” ou “literariedade”, isto é, tudo que faz de uma determinada obra uma obra literária. Assim, seria preciso libertar a palavra literária de tudo que não fosse literatura, ou seja: da filosofia, religião, política, história, psicologia, sociologia. Além disso, os formalistas estabeleceram uma distinção entre “língua poética” e “língua quotidiana”, a linguagem corrente de todos nós, a linguagem prática. A partir dessa perspectiva, eles desenvolveram um conjunto de conceitos importantes como “estranhamento”; “singularização”; “sistema”; “estrutura”, “funções da linguagem”, etc. Em síntese, para Tezza (2013), as ideias formalistas giram em torno da noção de autonomia da obra de arte, a noção de imanência das leis literárias. O formalismo russo, portanto, representou uma grande referência a Bakhtin e ao Círculo, de forma que muitos textos estabelecem uma interlocução profícua com a abordagem formalista. O Círculo Bakhtiniano buscou demonstrar a fragilidade teórica e filosófica daquele movimento, estabelecendo-se como uma espécie de contraposição sociológica (TEZZA, 2013).

Essa interlocução que se estabeleceu na obra com os formalistas russos revela que nas reflexões do Círculo Bakhtiniano, em especial da década 1920, houve sempre uma espécie de resposta a importantes correntes filosóficas, sociológicas e linguísticas, em que os traços fundamentais de pensamentos são problematizados a partir de uma nova perspectiva sobre os temas (BRAIT; PISTORI, 2012). Quando elencamos os temas mobilizados ao longo dos capítulos, eles expressam exatamente o que Medviédev (2016[1928]) realiza na obra – estabelece um profundo diálogo polêmico com o formalismo russo.

Chama atenção a constatação de Morson e Emerson a respeito do caráter embrionário da discussão de gêneros presente na obra de Medviédev:

talvez ainda mais surpreendente, a primeira discussão séria do grupo de Bakhtin, em torno do gênero pertence não ao próprio Bakhtin, mas a Medviédev, que reserva um capítulo para demonstrar que uma boa abordagem sociológica da literatura deve “estribar-se” nos gêneros, que contêm e moldam a experiência social para pessoas individuais (MORSON; EMERSON, 2008, p. 287).

Sobre o conceito de gênero desenvolvido por Medviédev nessa obra, Brait e Pistori nos alertam: “o leitor não deve se enganar. Embora os títulos, da obra e do capítulo, sugiram a ideia de estudos exclusivamente literários, a discussão passa por questões fundamentais para a compreensão do gênero do discurso de forma geral” (BRAIT; PISTORI, 2012, p. 382).

Para fundamentar tal conceito de gênero, Medviédev (2016[1928]) destaca que os formalistas definem o gênero como agrupamento específico e constante de procedimentos com determinada dominante, em que os procedimentos fundamentais são motivados fora do gênero, e enfatiza: “o significado atual do gênero não foi compreendido pelos formalistas” (MEDVIÉDEV, 2016[1928]), p. 193).

Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, “o gênero é uma forma típica do todo da obra, do todo do enunciado. Uma obra só se torna real quando toma a forma de determinado gênero” (MEDVIÉDEV, 2016[1928], p. 193). E ainda: “o gênero é uma totalidade típica do enunciado artístico, e uma totalidade essencial, acabada e resolvida” (MEDVIÉDEV, 2016[1928], p. 193).

As pesquisadoras complementam que, ao realizar tal afirmação, “Medviédev constrói o contexto teórico-metodológico em que a proposição sobre gênero está ancorada, contrapondo-se ao estudo do gênero entrevisto unicamente por meio de elementos formais da língua e propondo sua compreensão a partir da totalidade da obra/enunciado” (BRAIT; PISTORI, 2012, p. 382). Surge, assim, uma nova perspectiva sobre o gênero: o ponto de vista da totalidade do enunciado.

Medviédev (2016[1928]) segue discutindo sobre a totalidade do enunciado, argumentando que a totalidade artística de qualquer enunciado – isto é, de qualquer gênero do discurso –orienta-se de forma dupla, e que essas peculiaridades dessa dupla orientação determinam a totalidade do gênero. O que destacamos é que uma das características essenciais do gênero, nessa perspectiva, é que ele se define a partir da dupla orientação na realidade, em que a primeira orientação está ligada à exterioridade do gênero, ou conforme postula Medviédev:

Na primeira orientação a obra entra em um espaço e tempo real. [...]. A obra ocupa certo lugar na existência, **está ligada ou próxima a alguma esfera ideológica**. [...]. Desse modo, uma obra entra na vida e está em contato com os diferentes aspectos da realidade circundante mediante o processo de sua realização efetiva, como executada, ouvida, lida em determinado **tempo, lugar e circunstância**. **Ela ocupa certo lugar, que é concedido pela vida**, enquanto corpo sonoro real. Esse corpo está disposto entre as pessoas que estão organizadas de determinadas formas (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 195, grifo nosso).

Essa primeira orientação da realidade, a de exterioridade, está ligada à vida, que está ligada a um tempo, um espaço e uma esfera ideológica em que o gênero está situado. Brait e Pistori (2012) complementam que “o enunciado como totalidade se produz num espaço e num tempo reais, podendo ser oral ou escrito, implicando a existência de um auditório de receptores, destinatários, ouvinte e/ou leitores” (BRAIT e PISTORI, 2012, p. 383).

A segunda orientação da realidade refere-se à interioridade – determinação interna e temática – dos gêneros. Como afirma Medviédev: “cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui certos princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus de extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela” (MEDVIÉDEV, 2016[1928], p. 196). Isto é, a interioridade dos gêneros está ligada à forma, à estrutura e ao conteúdo temático do enunciado em uma determinada esfera ideológica.

Nessa perspectiva, para conceber os gêneros do discurso, “é necessário considerar as circunstâncias temporais, espaciais, ideológicas que orientam o discurso e o constituem, assim como os elementos linguísticos, enunciativos, formais que possibilitam a sua existência” (BRAIT e PISTORI, 2012, p. 383). Eis a dupla orientação do gênero na realidade desenvolvida por Medviédev.

Outra característica essencial abordada sobre os gêneros refere-se à unidade temática. Para o autor, o tema transcende sempre os elementos formais da língua, nunca é tomado como forma isolada, mas para o todo como apresentação discursiva. E que é justamente esse todo e

suas formas, ou gêneros do discurso, que dominam o tema. Isto é, o tema de uma obra é o tema do todo do enunciado, considerando como determinado evento socio-histórico (MEDVIÉDEV, 2016[1928]).

Para Brait e Pistori (2012), Medviédev mobiliza o difícil conceito de tema, de unidade temática, demonstrando que “essa dimensão do gênero se constitui com a ajuda dos elementos semânticos da língua, pois é com a ajuda da língua que dominamos o tema, mas que transcende a língua” (BRAIT e PISTORI, 2012, p. 384).

Há ainda outro elemento que destacamos ser significativo à compreensão do conceito de gênero para além dos englobados pela poética, que é a relação entre gênero e realidade. Vimos que “cada gênero possui seus próprios meio de visão e de compreensão da realidade, que são acessíveis somente a ele” (MEDVIÉDEV, 2016[1928], p. 198). Isto é, são por meio de enunciados, e não somente pelos elementos formais da língua, que tomamos consciência, vemos e compreendemos a realidade na qual estamos inseridos e interagimos, e sempre pelo filtro do gênero. Logo, não são por meio de palavras ou frases que nosso fluxo do discurso interior se constitui, e sim por meio de gêneros. Para Medviédev (2016[1928]), nossa consciência humana é composta por uma série de ‘gêneros interiores’ que realizam nosso ver e compreender a realidade. E ainda, “dependendo do meio ideológico, uma consciência é rica em gêneros, enquanto outra é mais pobre” (MEDVIÉDEV, 2016[1928], p. 198). Podemos inferir que a realidade do gênero é a realidade social de sua realização no processo da comunicação discursiva.

Em síntese, nesse capítulo, Medviédev (2016[1928]) constrói uma perspectiva de gênero como totalidade do enunciado, e essa totalidade se efetiva pela dupla orientação do gênero na realidade. Importante compreender que entre a primeira e a segunda orientação é estabelecida uma ligação e uma interdependência indissolúvel, em que uma parte se determinada pela outra, tornando-se uma ação única, porém bilateral. Além disso, o gênero é um conjunto de meio de orientação coletiva dentro de uma determinada realidade, por meio do qual é possível compreender novos aspectos da realidade, e nossa visão e compreensão da realidade se realiza no processo de comunicação social. Isto é: “O gênero lança uma luz sobre a realidade, enquanto a realidade ilumina o gênero” (MEDVIÉDEV, 2016[1928], p. 201).

Desenvolvida a questão do gênero como totalidade, revelando a dupla orientação da realidade, passamos à apresentação do conceito de forma arquitetônica e forma composicional do gênero, tema desenvolvido no escrito *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*, da coletânea de escritos *Questões de Literatura e estética: a teoria do romance*.

2.2 SOBRE A FORMA ARQUITETÔNICA E A FORMA COMPOSICIONAL DO GÊNERO

Mikhail Bakhtin escreve o texto *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*, em 1924. Entretanto, o texto somente foi publicado cerca de 50 anos mais tarde, em 1975, ano da morte do teórico russo, na coletânea de escritos *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Para Faraco (2013), trata-se de um texto muito importante na produção do pensamento bakhtiniano, por ser um dos poucos – há quatro outros textos – acabados pelo autor e encaminhados para publicação. Além de ser considerado “um texto basilar do pensamento de Bakhtin, [que] inclui algumas das contribuições mais relevantes para análise da arte, da literatura e da linguagem em geral” (FARACO, 2013, p. 97).

Faraco (2013) sintetiza que os objetivos principais dessa pesquisa são, em primeira instância, manter a interlocução com os formalistas russos, que se estabeleceu de maneira tão profícua e instigante ao Círculo de Bakhtin nos anos 1920. Dessa forma, essa pesquisa objetivou criticar o pensamento estético do formalismo russo – estética material –, refutá-lo e apresentar propostas básicas de uma estética geral sistemática – filosófica – para que fosse possível a elaboração de uma poética que superasse a estética material. Dessa maneira, o texto abordou temas importantes à estética material, estruturando-se em cinco partes: Introdução; I. O problema da arte e a estética geral – parte em que o autor desenvolve sua crítica à estética material –; II. O problema do conteúdo – seção em que Bakhtin expõe e desenvolve seu conceito de conteúdo da obra de arte –; III. O problema do material – em que o tema explorado é a linguagem verbal como o material da criação literária –; IV o problema da forma – seção que desenvolve o conceito de forma artística, em suas dimensões arquitetônica e composicional (FARACO, 2013).

Bakhtin (2010[1924]) arrola cinco pontos – temas – que considera comprometedores à estética material, e a partir deles constrói sua crítica e sua superação conceitual. Os pontos são: a) a estética material é incapaz de estabelecer os fundamentos da forma artística; b) é incapaz de estabelecer os fundamentos da diferença essencial entre o objeto estético e a obra externa (o artefato); c) confunde a forma arquitetônica e a forma composicional; d) é incapaz de explicar o esteticismo; e) é incapaz de fundamentar a história da arte. Porém, nos revela Faraco (2013, p.103), que, “apesar disso tudo, Bakhtin considera que o método formal não é de todos descartável. [...] Tal método pode ser muito produtivo no estudo da técnica de criação artística”.

Dentre os cinco pontos arrolados por Bakhtin, um em especial contribui para o conceito de gênero do discurso, que é o que se refere à forma composicional e à forma arquitetônica:

As formas arquitetônicas são as formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, **as formas do acontecimento no seu aspecto de vida particular, social, histórica** etc.; todas elas são aquisições, realizações, não servem nada, mas se auto-satisfazem (sic) tranquilamente; são as formas da existência estética na singularidade. [...]. **As formas composicionais organizam o material e têm um caráter teleológico, utilitário, como que inquieto, e estão sujeitas a uma avaliação puramente técnica**, para determinar quão adequadamente realizam a tarefa arquitetônica (BAKHTIN, 2010[1924], p. 24-25, grifo nosso).

Brait e Pistori (2012) nos ajudam a compreender o que pensador russo postula: “Bakhtin sugere que é preciso enfrentar a unidade do texto não como dada exclusivamente por sua forma externa, aparentemente autônoma, mas por seu plano, ou seja, por suas condições concretas de vida, suas interdependências, suas relações, suas posições dialógicas e valorativas” (2012, p. 378). Isto é, o enunciado corporifica-se em uma determinada forma arquitetônica e composicional, surge como um acontecimento, em uma determinada interação discursiva, que é sempre social.

Bakhtin (2010[1924]) aponta que a forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional – formas de gênero – e exemplifica com o gênero prosaístico romance, que é uma forma puramente composicional de organização de massas verbais, e por essa forma se constitui em um objeto estético, a forma arquitetônica da realização artística de um acontecimento histórico e social.

Sobre a forma arquitetônica, Faraco (2013) complementa que é “este plano, chamado de forma arquitetônica que vai governar a construção da massa verbal, a construção do todo artefato, isto é, forma composicional, inclusive a seleção do material verbal nunca reduzido à língua em si, mas sempre pensando em linguagem situada” (FARACO, 2013, p. 109).

Nessa perspectiva, o estudo do gênero deve levar em consideração uma concepção que considere a forma arquitetônica e a forma composicional. Brait e Pistori (2012) ajudam a ilustrar tal afirmação: é necessário considerar, nessa perspectiva, as dimensões (interna e externa) do texto, de forma a explicitar as relações dialógicas e valorativas implicadas, isso é, deve-se estudá-lo como produção de linguagem, situada, e não somente como formas linguísticas (BRAIT; PISTORI, 2012).

Definidos os conceitos de forma arquitetônica e forma composicional como elementos importantes à compreensão do conceito de gênero do discurso para o Círculo de Bakhtin, voltemo-nos à necessária articulação entre gênero e discurso, desenvolvida na obra *Problemas da Poética de Dostoiévski*, em especial nos capítulos *Peculiaridade do gênero, do enredo e da*

composição das obras de Dostoiévski, e *O discurso em Dostoiévski*, em que Bakhtin realizará uma reflexão no que se refere à linguagem e ao discurso, noções importantes ao nosso estudo.

2.3 A NECESSÁRIA ARTICULAÇÃO ENTRE GÊNERO E DISCURSO: O DISCURSO SE CONSTRÓI EM UM CAMPO DIALÓGICO

A obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* foi publicada originalmente em 1963. Dessa publicação surge uma minuciosa e inédita pesquisa sobre um gênero prosaístico específico: o romance polifônico, cujo criador, nas palavras de Bakhtin, é Dostoiévski, que produziu “um gênero romanesco essencialmente novo” (2013[1929], p. 5). No entanto, ao longo de leitura atenta das teses postuladas pelo autor, mapeamos outros gêneros literários abordados, tais como os gêneros carnavalizados – sério-cômicos – e ainda questões que se referem aos gêneros de discurso de maneira geral.

No capítulo intitulado *Peculiaridade do gênero, do enredo e da composição das obras de Dostoiévski*, o teórico russo trata especificamente dos gêneros carnavalizados, a partir da relação entre os gêneros da literatura sério-cômico, o diálogo socrático e a sátira menipeia – que se constitui de gêneros intercalados como a carta, novelas, etc. –, detalhando cada um dos gêneros e analisando-os como compondo uma literatura carnavalizada, “literatura que direta ou indiretamente, através de diversos elos mediadores, sofreu influência de diferentes modalidades de folclore carnavalesco” (BAKHTIN, 2013[1929], p. 122). A partir dessa abordagem, o filólogo russo realiza uma análise de algumas obras de Dostoiévski, como o conto *Bobok* – uma menipeia quase clássica de Dostoiévski.

Nesse primeiro capítulo, interessa-nos o excerto em que Bakhtin enfoca que “o parentesco entre esses gêneros [...] é determinado pelo seu caráter dialógico interno e externo no enfoque da vida e do pensamento humanos” (BAKHTIN, 2013[1929], p. 136). A partir da leitura desse excerto, Brait e Pistori (2012) revelam que tal caráter dialógico interno e externo no enfoque da vida e do pensamento é de suma importância à compreensão do conceito de gênero do discurso para o Círculo de Bakhtin, pois “o conceito de gênero não se limita a estruturas ou textos, embora os considere como dimensões constituintes. Implica, essencialmente, dialogismo e maneira de entender e enfrentar a vida” (BRAIT e PISTORI, 2012, p. 375). Isto é, os gêneros do discurso são constituídos de dialogismo interno, ao convocarem outros textos advindos de uma mesma tradição de gênero, e constituídos nas relações dialógicas estabelecidas, ao evocar discursos em determinadas interações discursivas, em uma perspectiva dialógica de linguagem.

Ainda sobre o caráter dialógico interno e externo, Bakhtin aponta outro elemento importante sobre a tradição dos gêneros literários, mas também dos gêneros de discurso.

O gênero sempre conserva elementos imorredouros da *archaica*. É verdade que nele essa *archaica* só se conserva graças à sua permanente *renovação*, vale dizer, graça à atualização. O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. [...] Nisso consiste a vida do gênero. Por isso, não é morta nem a *archaica* que se conserva no gênero; ela é eternamente viva, ou seja, é uma *archaica* com capacidade de renovar-se. O gênero vive do presente, mas sempre recorda o seu passado, o seu começo (BAKHTIN, 2013[1929], p. 121, grifo do autor).

Isto é, o gênero está ligado a uma tradição clássica, de um gênero clássico, no entanto, está sempre em constante atualização, pois se renova a cada nova utilização, a cada novo surgimento de um gênero do discurso, construído de relações dialógicas. Nesse sentido, os gêneros constituem-se de relações internas e externas dialógicas ao superarem a *archaica* e se renovam a partir de um novo contexto social de surgimento. Sobre esse ponto, Brait e Pistori (2012) complementam que é importante considerar a questão dessa tradição em que se inserem os gêneros, pois a partir dessa perspectiva teórico-metodológica é que se pode realizar estudos sobre os gêneros em perspectiva diacrônica – estudar os gêneros antecedentes a que ele se liga e modifica – e sincrônica – estudar as características pertencentes aos gêneros antecessores e às novas características dos gêneros atuais advindos dessa tradição (BRAIT e PISTORI, 2012).

Em outro capítulo, *O discurso em Dostoiévski*, Bakhtin realiza uma reflexão no que se refere à linguagem e ao discurso na prosa literária. Logo no início do capítulo, Bakhtin (2013) afirma que “intitulamos este capítulo ‘O Discurso em Dostoiévski’ porque temos em vista o *discurso*, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística” (BAKHTIN, 2013[1929], p. 207, grifo do autor). Nesse fragmento, Bakhtin, ao conceituar discurso, revela que objeto que ele vai mobilizar é um “fenômeno concreto, muito complexo e multifacetado – o discurso” (BAKHTIN, 2013[1929], p. 207). Para Brait e Pistori (2012), essa afirmação e reflexão revelam uma dupla contribuição do texto ao conceito de gênero: que o conceito de gênero em Bakhtin não se limita aos literários e faz-se necessária uma articulação entre gênero e discurso.

Para Bakhtin (2013[1929]), o discurso se constrói em um campo dialógico, porém, na perspectiva da linguagem com objeto da Linguística, não há nem pode haver qualquer relação dialógica, nem entre os elementos da língua, nem entre elementos dos textos. Para o pensador russo, “as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, isto é, da língua como fenômeno integral concreto” (BAKHTIN, 2013[1929], p. 209). E o filólogo complementa que “as relações dialógicas devem

personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressa na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas” (BAKHTIN, 2013[1929], p. 209). O que ressaltamos desse trecho é que a linguagem como fenômeno integral concreto se realiza por meio de enunciados concretos, ou seja, de gêneros de discursos, de distintas esferas discursivas, que surgem em práticas sociais de interações comunicativas e se orientam nas relações dialógicas que os perpassam.

Explanada a necessária articulação que se deve estabelecer entre gêneros e o discurso, isto é, a língua em sua integridade concreta e viva, e não unicamente como objeto da Linguística, conceito importante para nossa releitura do conceito de gêneros de discurso, sob a perspectiva do Círculo Bakhtin, passamos à leitura e reflexão sobre o conceito de enunciado como totalidade e as suas formas, isto é, os gêneros de discurso, noção que é discutida em dois textos: *O problema da relação entre a base e a superestrutura*, e *A interação discursiva*, da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*.

2.4 O ENUNCIADO COMO TOTALIDADE E SUAS FORMAS

A obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* foi publicada originalmente em 1929, sob a autoria de Valentin Volóchinov. É uma das principais obras envolta à polêmica da autoria contestada e é, muito provavelmente, uma das obras mais lidas e citadas do Círculo de Bakhtin pelos estudiosos ocidentais e brasileiros.

O livro é dividido em três partes, que se desenvolvem em capítulos. A parte I – *A importância dos problemas da filosofia da linguagem para o marxismo* é composta de três capítulos, em que são tratadas generalidades filosóficas a fim de inserir o problema da filosofia da linguagem para o marxismo. Para tal objetivo, no capítulo um, Volóchinov (2017[1929]) relaciona os estudos das ideologias à filosofia da linguagem; no capítulo dois, discute o problema da linguagem na relação entre a base – infraestruturas – e as superestruturas; e no capítulo três, debate o problema da linguagem e da psicologia social objetiva. A parte II – *Os caminhos da filosofia da linguagem marxista* está organizada em quatro capítulos, em que o teórico russo busca situar o lugar de uma filosofia marxista da linguagem, a partir da interlocução com duas correntes de estudos filosófico-linguísticos da época: o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato, conteúdo do capítulo um; no capítulo seguinte realiza uma crítica à segunda tendência – objetivismo abstrato – e parte a discutir a realidade

fundamental do sistema da língua, a partir da distinção entre língua, linguagem e discurso – enunciado; no capítulo três, Volóchinov (2017 [1929]), além de discutir outra corrente do pensamento filosófico-linguístico, o subjetivismo individualista, aborda a questão do problema da ideologia do cotidiano e caminhos para solução desse problema, a partir da realidade fundamental da língua, isto é, a interação discursiva, e ao fim aborda o enunciado como totalidade e suas formas, os gêneros do discurso; e finaliza a abordagem de uma filosofia marxista da linguagem, no capítulo quatro, ao tratar do problema do tema e da significação da linguagem. E a parte III – *Para uma história das formas do enunciado nas construções da língua (experiência de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos)* apresenta um estudo mais específico sobre a fronteira da gramática e da estilística, a partir da teoria do enunciado e os problemas de sintaxe, que se configurou como sua tese de Doutorado (VOLÓCHIONOV, 2017[1929]).

No que se refere ao problema dos gêneros de discurso, raramente essa obra é lida ou citada. No entanto, Brait e Pistori (2012) apontam e mapeiam passagens significativas à construção teórico-metodológica sobre os gêneros do discurso. A noção de gênero de discurso é discutida em dois momentos do livro: na primeira parte, no capítulo 2, *O problema da relação entre a base e a superestrutura*, e em um segundo momento, na segunda parte, no capítulo 3, *A interação discursiva*. Nesse sentido, voltemo-nos aos dois textos.

O capítulo intitulado *O problema da relação entre a base e a superestrutura* aborda a questão da inadmissibilidade da categoria de causalidade mecânica na ciência das ideologias; a formação da sociedade e a formação da palavra; a expressão sígnica da psicologia social; o problema dos gêneros discursivos do cotidiano; as formas de comunicação social e as formas do signo; o tema dos signos; a luta de classes e a dialética e conclusão (VOLÓCHINOV, 2017, p. 103).

Volóchinov (2017[1929]) problematiza a formação da sociedade e a formação da palavra, e assume o problema da correlação entre a base e as superestruturas. O autor mostra que tal problema pode ser compreendido no material da palavra, e delimita que é importante saber “como a existência real – a base – determina o signo, e como o signo reflete e refrata a existência em formação” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 106).

O texto faz uma reflexão sobre a especificidade da palavra – signo ideológico por excelência – e suas peculiaridades, ao afirmar que mais importante que sua natureza sígnica é a sua onipresença social, em que ela participa de toda interação e todo contato entre pessoas. Além disso, na palavra se realizam os fios ideológicos que se penetram na comunicação social

e a palavra é assumida como um potente indicador de mudanças sociais (VOLÓCHINOV, 2017[1929]).

O teórico assume que o elo entre a base e as superestruturas se dá na psicologia social – conceito que advém dos estudos marxistas – e tal elo é assumido com um meio ambiente dos discursos verbais. Nas palavras precisas do teórico russo:

A psicologia social é justamente aquele universo de *discursos verbais* multiformes que abarca todas as formas e todos os tipos de criação ideológica estável: as conversas dos bastidores, a troca de opiniões no teatro, no concerto e em todo tipo de reuniões públicas, as conversas informais e eventuais, o modo de reagir verbalmente aos acontecimentos da vida e do dia a dia, a maneira verbal interna de estar consciente sobre si mesmo e sobre a sua posição social, etc. Na maioria das vezes a psicologia social realiza nas mais diversas formas de *enunciados*, sob o modo de pequenos *gêneros discursivos*, sejam eles internos ou externos, que até o momento não foram estudados em absoluto (VOLÓCHINOV, 2017, p. 107, grifo do autor).

A psicologia social é assumida como um campo enorme de comunicação ideológica que não pode ser atribuído a uma esfera ideológica específica, isto é, refere-se à comunicação cotidiana, e ela materializa-se na interação verbal¹³, de uma coletividade organizada. E a psicologia social só passa a existir na exterioridade impressa no material da palavra, que se concretiza na forma de enunciados, ou em modo de “pequenos gêneros discursivos”.

Volóchinov, ao situar o papel da psicologia social na interação discursiva, ressalta que até 1929 estava sendo estudada apenas do ponto de vista do seu conteúdo, ou seja, pelo prisma dos temas. No entanto, o autor convoca uma perspectiva em que se estude de um segundo ponto de vista das “*formas e tipos de comunicação discursiva em que esses temas se realizam*” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 108, grifo do autor). Ou seja, esse segundo ponto de vista refere-se aos gêneros discursivos e sua tipologia que, como destaca o teórico, até o momento não havia sido objeto de estudos marxistas, embora estejam intimamente ligados. Assim, o teórico russo assume a urgência de que os marxistas desenvolvam o pensamento sobre as formas e tipos de comunicação:

Adiante, voltaremos a abordar o problema dos gêneros discursivos, relacionado com o do enunciado e do diálogo. Por enquanto, observemos apenas o seguinte. Cada época e cada grupo social possui o seu próprio repertório de formas discursivas da comunicação ideológica cotidiana. **Cada grupo de formas homogêneas, ou seja,**

¹³ Interação discursiva; interação verbal; interação social; comunicação ideológica; comunicação discursiva; comunicação verbal – na obra e nos textos lidos neste capítulo há ampla variação terminológica de um mesmo conceito que compreende duas dimensões inter-relacionadas: a primeira dimensão, a consciência ganha existência, ao se encarnar nos signos ideológicos, que se formam no processo de interação social de uma coletividade organizada. Portanto, é na comunicação discursiva ou interação discursiva que ocorre a interpenetração dialética entre o psiquismo e a ideologia (VOLÓCHINOV, 2017[1929]). Assumimos, portanto, o termo que o autor utiliza em cada passagem.

cada gênero discursivo do cotidiano possui seu próprio conjunto de temas. Existe uma unidade ininterrupta e orgânica entre a forma da comunicação, a forma do enunciado, e o seu tema (VOLÓCHINOV, 2017, p. 108-109, grifo nosso).

Volóchinov reconhece que as formas da comunicação discursiva – os gêneros –, as formas do enunciado, e o tema constituem uma unidade orgânica e ininterrupta, e “*a classificação das formas do enunciado deve apoiar-se na classificação das formas de comunicação discursiva*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 109, grifo do autor). Tais formas de comunicação discursiva – os gêneros do discurso – são determinadas pela base, pelas formas de comunicação social utilizadas e pela organização hierárquica da sociedade, assim os processos de interações discursivas constroem-se no aspecto hierárquico.

Em uma análise mais detalhada, veríamos a enorme importância do *aspecto hierárquico* no processo de interação discursiva e a influência poderosa da organização hierárquica da comunicação nas formas de enunciados. A etiqueta verbal, o tato discursivo, e as demais formas de adaptação do enunciado à organização hierárquica da sociedade possuem um significado importantíssimo no processo de elaboração dos principais gêneros do cotidiano (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 109, grifo do autor).

O que o teórico nos revela que é todo signo ideológico surge entre os indivíduos socialmente organizados no processo de interação discursiva, e, portanto, *as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas da sua interação* (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 109, grifo do autor).

Em suma, nesta primeira parte, Volóchinov (2017[1929]) estabelece as relações entre a filosofia da linguagem e o estudo das ideologias sob a perspectiva da psicologia social, como universo do discurso verbal, que se realiza na forma de enunciados, que se constituem em gêneros discursivos do cotidiano, e que se realizam na interação discursiva. Ou seja, é a palavra como signo ideológico e como mediadora da comunicação social.

No outro capítulo, *A interação discursiva*, da parte II – *Os caminhos da filosofia da linguagem marxista*, Volóchinov (2017[1929]) retoma e amplia algumas considerações e reflexões acerca das categorias de discursos verbais na vida e na ideologia do cotidiano e interação discursiva, a fim de elaborar uma sociologia marxista da linguagem. Para tal elaboração, o autor trata dos seguintes temas: a teoria da expressão do subjetivismo individualista; a estrutura sociológica e da expressão; o problema da ideologia do cotidiano; o enunciado como base da formação linguística; os caminhos para a solução do problema da realidade efetiva da língua; o enunciado como um todo e suas formas.

Volóchinov (2017[1929]) define que “todo o conjunto de vivências da vida e da expressão externas ligadas diretamente a elas chamaremos, diferentemente dos signos ideológicos formados – a arte, a moral, o direito –, de ideologia do cotidiano” (2017[1929], p. 213). Ainda que a ideologia do cotidiano seja “o universo do discurso interior e exterior não ordenado nem fixado” (2017[1929], p. 213) e a partir do caráter sociológico da estrutura da expressão e da vivência – experiência –, o autor confirma que a ideologia do cotidiano corresponde geralmente àquilo que na literatura marxista é denominado de psicologia social (VOLÓCHINOV, 2017[1929]).

Nessa perspectiva de linguagem, a vivência – atividade mental – corresponde ao que o autor russo chama de discurso interior e a expressão – experiência – ao discurso dito, ou seja, ao enunciado concreto. Nesse sentido, o elo entre a base – organização social – e as superestruturas – sistemas ideológicos – se dá na ideologia do cotidiano, que é assumida como o universo dos discursos verbais – enunciados concretos.

Sobre a vivência do discurso interior, o teórico russo afirma que a ideologia cotidiana se forma em camadas superiores e inferiores. Às camadas inferiores “pertencem todas aquelas vivências vagas, pouco desenvolvidas, que relampejam na nossa alma, bem como pensamentos e palavras ocasionais” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 213). Já as camadas superiores são “aquelas que se encontram em contato direto com os sistemas ideológicos, são mais substanciais, responsáveis e possuem um caráter criativo” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 213); “são capazes de transmitir as mudanças da base socioeconômica com mais rapidez e clareza” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 213); e “acumulam as energias criativas responsáveis pelas transformações parciais ou radicais dos sistemas ideológicos (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 213). Além disso, são os estratos superiores da ideologia do cotidiano que, juntamente com os sistemas ideológicos – gêneros ideológicos – e a relação desses, torna possível a materialização dos gêneros discursivos do cotidiano.

A partir do ponto de vista das camadas superiores do cotidiano, Volóchinov (2017[1929]) assume o enunciado como totalidade, isto é, como a real unidade da comunicação discursiva. E, ao assumir essa totalidade, Volóchinov (2017[1929]) pontua elementos que se devem levar em consideração: a) o enunciado em sua totalidade só se realiza no fluxo da comunicação discursiva, em uma interação discursiva; b) a totalidade do enunciado é determinada pelas fronteiras que se encontram na linha de contato desse enunciado com o meio extraverbal e verbal – isto é, com os outros enunciados; c) a totalidade do enunciado se dá pelo auditório – a situação e o auditório forçam o discurso interior a atualizar-se em uma expressão exterior determinada e diretamente inserida no contexto cotidiano não enunciado, que é

completado pela ação, ato ou resposta verbal dos outros participantes do enunciado; d) as formas e tipos de comunicação discursiva: os pequenos gêneros discursivos cotidianos. O próprio tipo de acabamento desses pequenos gêneros do cotidiano é determinado pelo atrito da palavra com o meio extraverbal e pelo atrito da palavra com a palavra alheia (VOLÓCHINOV, 2017[1929]).

A partir do que é exposto sobre a questão do acabamento genérico dos enunciados, no item d, Volóchinov (2017[1929]) distingue e revela possibilidades de conclusão genérica do discurso do cotidiano, ou seja, dos pequenos gêneros discursivos do cotidiano, que ele considera mais ou menos estáveis. Há um tipo de acabamento do gênero “correspondente aqui às particularidades ocasionais das situações cotidianas” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 222), tais como uma ordem, uma pergunta completa. E há outro tipo de acabamento em que as “formas de comunicação cotidianas que sejam ao menos um pouco mais estáveis, fixadas pelo cotidiano e pelas circunstâncias” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 222). Desses últimos, o autor elenca uma pequena tipologia que possui essa conclusibilidade genérica do discurso cotidiano, ou seja, os gêneros discursivos cotidianos mais estáveis: o bate-papo de salão: “leve e sem qualquer obrigação, onde todos se conhecem” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 222); as conversas entre marido e mulher, irmão e irmã – gêneros familiares (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 222); as conversas entre pessoas heterogêneas que se reúnem em filas, etc. (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 222); bate-papo entre vizinhos (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 222); e as conversas informais entre os trabalhadores no horário de almoço. (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 222).

Para o teórico russo, cada situação cotidiana possui, nesse sentido, uma determinada organização do auditório e, portanto, um determinado repertório de pequenos gêneros cotidianos. E em todo lugar, o gênero cotidiano insere-se em uma determinada comunicação social, sendo um reflexo ideológico do seu tipo, estrutura, objetivo e composição social. Ou como especifica, “o gênero cotidiano é uma parte do ambiente social: da festa, do lazer, da conversa na sala de visitas, na oficina, etc., ele entra em contato com esse ambiente, que o limita e define todos os seus aspectos interiores” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 222).

Volóchinov (2017[1929]) desenvolve, a partir das postulações mencionadas, uma ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua nessa perspectiva de uma sociologia marxista da linguagem, em que os gêneros discursivos do cotidiano têm lugar e destaque:

- 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas;

- 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica;
- 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 220).

Essa descrição parece ser construída para assumir, nessa perspectiva, um estudo que contemple o problema das formas do enunciado concreto cotidiano, como uma totalidade, isto é, como uma unidade real da comunicação discursiva.

Após essa incursão em passagens significativas à construção teórico-metodológica sobre os gêneros de discurso no Círculo de Bakhtin, em que discutimos a noção de gênero de discurso em dois momentos do livro: no capítulo 2, *O problema da relação entre a base e a superestrutura*, em que é estabelecida as relações entre a filosofia da linguagem e o estudo das ideologias sob a perspectiva da psicologia social, que se realiza na forma de enunciados, que se constituem em gêneros discursivos do cotidiano, e que se realizam na interação discursiva; e no capítulo 3, *A interação discursiva*, que assume o enunciado como totalidade, isto é, como a real unidade da comunicação discursiva, voltamo-nos à leitura e compreensão dos escritos no texto que é referência principal sobre o tema, *Os gêneros do discurso*.

2.5 OS GÊNEROS DO DISCURSO: PRÁTICA SOCIAL E SITUADA

O clássico *Os gêneros do discurso* foi escrito por Bakhtin possivelmente entre 1952 e 1953, em Saransk, interior da Rússia, e integrava um projeto de livro não realizado pelo autor. O manuscrito foi publicado pela primeira vez em 1978, na *Revista Literaturnoi Utchebe (Estudo Literários)* e, posteriormente, na coletânea de escritos *Estética da Criação Verbal*, organizada postumamente em 1979. Esse escrito está organizado em duas importantes seções. Na primeira está o conceito de gêneros do discurso, a classificação dos gêneros primários e gêneros secundários e a estrutura triádica que compõe os gêneros discursivos; na segunda seção, há uma ampla discussão sobre o conceito de enunciado concreto – unidade da comunicação discursiva – em contraposição à oração e à palavra – unidade da língua como o sistema gramatical abstrato.

Ponto inicial de reflexão sobre gêneros está ligado ao vínculo indissociável existente entre a utilização da linguagem e as atividades humanas nos mais variados campos. E Bakhtin (2016[1952-53]) convoca para que vejamos os enunciados em sua função comunicativa como manifestações do discurso na interação discursiva.

O texto postula que os gêneros do discurso “são tipos *relativamente estáveis* de enunciados” (2016 [1952-53], p. 12, grifo do autor), e que é por meio dos enunciados – orais e

escritos – concretos e únicos que efetuamos o uso da língua, ou seja, a língua mobilizada na interação discursiva. Tais enunciados “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 11-12, grifo do autor). Eis a estrutura triádica dos gêneros do discurso: conteúdo temático, construção composicional e estilo.

O primeiro elemento – conteúdo temático – da estrutura triádica diz respeito ao domínio de sentido do qual o gênero se ocupa. Contudo não se trata do assunto específico de um enunciado, mas sim do tema elegido. Por exemplo, um gênero discursivo carta aberta pode abordar como conteúdo temático política, porém pode tratar de política pública; abordar uma lei específica; abordar um representante político; uma manifestação política, etc., mas sempre dentro de um mesmo conteúdo temático.

O segundo elemento – construção composicional – é o modo de organização e de estrutura do gênero, é a maneira como se dá a organização da materialidade do texto. Ainda sobre a carta aberta, sempre terá na sua estrutura específica local e data – tempo e espaço –, sempre nomeará um destinatário, que será um interlocutor direto que pode ser uma pessoa, ou um coletivo; e sempre terá a assinatura de quem a produziu, o locutor. Isto é, essa construção composicional pertence ao gênero carta aberta, e também a outros gêneros epistolares.

E o terceiro elemento – o estilo – está ligado à seleção de meios linguísticos selecionados para que haja compreensão responsiva ativa do enunciadador pelo seu interlocutor. Bakhtin nos revela que “todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso” (2016[1952-53], p. 17]). E que todo enunciado convoca um estilo individual, pois carrega a individualidade do falante, que se estabelece nas suas escolhas dos elementos linguísticos, revelando sua subjetividade, mas também carrega um estilo geral, próprio de algumas construções composicionais, em que tal reflexo de individualidade se torna mínimo, sendo mais propícios em gêneros discursivos ligados a certa forma padronizada, como, por exemplo, documentos oficiais, em que o estilo individual não faz parte do enunciado. Nas palavras do teórico russo, “os estilos de linguagem não são outra coisa senão estilos de gêneros de determinadas esferas de atividades humanas e da comunicação. Em cada esfera existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de um dado campo” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 17-18), e mais “uma função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e certas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos

de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 17-18).

Tais elementos estabelecem, pois, uma interconexão da linguagem com a vida social, ou nas palavras do autor “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 16). Afinal, os gêneros sempre estão ligados a uma esfera da atividade humana, revelando seu caráter social.

E, por estarem ligados aos diversos campos da atividade humana, há uma grande heterogeneidade dos gêneros de discurso, visto que são infinitas as possibilidades da atividade humana e porque cada campo dessa atividade humana se dá a partir de um repertório de gêneros discursivos. Sobre a afirmação da grande heterogeneidade dos gêneros, Bakhtin (2016[1952-53]) assume que, até aquele momento, os estudos sobre gêneros discursivos nunca haviam sido verdadeiramente colocados em pauta. O que se tinha por tradição eram os estudos dos gêneros retóricos da tradição clássica¹⁴, abordagem que não dava conta da natureza universalmente linguística do enunciado.

¹⁴ No que se refere ao conceito do termo gênero, ele remonta à antiguidade grega clássica, sendo atribuído por vez primeira na tradição ocidental, a Platão e consolidando-se em Aristóteles. Platão na obra *A República*, escrita por volta do século IV a.C., no livro III e posteriormente no livro X, tratou sobre o conceito de gênero, ligado à poesia. No livro III, o filósofo apresenta e reflete sobre as três divisões dentro da poesia, em que há uma imitativa como a comédia e a tragédia, uma segunda, não mimética, que estava ligada aos ditirambos – forma poética mais antiga –, o que podemos considerar atualmente como lírica e uma terceira, a épica, que é a junção das duas primeiras divisões. Tal divisão enfoca o conceito de gênero voltado à imitação e à representação de outros discursos, numa tentativa de sistematização da forma dos gêneros mobilizados pela poesia. Posteriormente, o filósofo grego, volta a abordar o conceito de gênero no livro X, porém, nesse livro ele exclui a divisão – em três – e afirma que toda a poesia é mimética (PLATÃO, Livros III e X, 2011).

Com Aristóteles, a noção de gêneros volta a ser abordada na obra *Retórica*, (século IV a.C.) no livro I, capítulo 3, o filósofo grego apresenta e discute sobre os gêneros retóricos – deliberativo, judicial e epidíctico. Porém, inicia apresentando três elementos que compõem o discurso: o orador (aquele que fala); o assunto de que se fala; e o ouvinte (aquele a quem se fala). E no discurso, segundo Aristóteles, existem três tipos de ouvintes que agem: como espectador o que se pronuncia sobre o presente; como assembleia, o que se pronuncia sobre o futuro; e como juiz que joga as coisas do passado (ARISTÓTELES, 2005). Em suma, tais gêneros do discurso retórico estão organizados quanto a suas formas, suas funções, seus ouvintes e seu tempo.

Na obra *Poética* (IV a. C.), Aristóteles realiza uma sistematização de formas poéticas, os gêneros, e para isso o filósofo tratou da epopeia; da tragédia; da comédia e do ditirambo, dedicando-se mais à tragédia, epopeia e ao fim à comédia. No capítulo I, Aristóteles trata da poesia e da imitação segundo os meios, o objeto e o modo de imitação, revelando que essas três formas – tragédia, epopeia e comédia – diferem-se entre si a partir dessas características, revela que a *mimese* se realiza de acordo com meios diversos, visto que a imitação ocorre em todas as artes, o que diferenciará são os meios usados para tal imitação. Quanto aos objetos de *mimese*, era possível imitar pessoas virtuosas e não virtuosas, de índoles mais elevadas e inferiores, o que vai distinguir a tragédia da comédia. A tragédia tende a imitar as ações elevada dos homens, e a comédia, as ações inferiores dos homens. Ou seja, a depender do objeto mimético que cada gênero representa, podemos pensar em estruturas sociais sendo reveladas pelos gêneros, e mais, que essas estruturas sociais que se dão na imitação produzida pelo gênero. Quanto ao modo, Aristóteles revela que os gêneros podem ser constituídos por diferentes modos de *mimeses*, pois o poeta pode imitar mesmo objetos, narrando-os, seja em primeira pessoa, como fez Homero, seja permitindo que as pessoas ajam por elas mesmas, revelando assim dois modos da *mimese* poética: o modo dramático e modo narrativo. Em síntese, tal origem do conceito de gêneros, advindo da antiguidade clássica, inspirou a tradição ocidental sobre a

Dessa reflexão sobre a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos, o filólogo russo classifica os gêneros discursivos em primários e secundários. Os gêneros primários – simples – referem-se às modalidades de diálogo e comunicação discursiva imediata, isto é, são os diálogos do dia a dia – gêneros da conversa familiar e das atividades efêmeras cotidianas – advindos do simples convívio entre os sujeitos, e estão, dessa forma, ligados aos gêneros da oralidade, mas não somente (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

Os gêneros secundários – complexos – manifestam-se das condições de um convívio cultural mais complexo e elaborado, e por tal característica estão mais ligados à escrita, porém, não unicamente. Manifestam-se como acontecimento artístico, em que os gêneros literários ganham destaque, porém não são os únicos gêneros complexos. O autor inclui nessa categoria, ainda, as pesquisas científicas e os gêneros jornalístico, religioso, jurídico, etc. Além disso, o autor revela que os gêneros secundários, em seu processo de formação, especialmente os romances, incorporam e reelaboram distintos gêneros primários, dando-lhes um caráter novo, isto é, eles perdem seu vínculo com a realidade imediata, e ganham uma elaboração ficcional, distanciando-se da comunicação discursiva imediata a que pertencem, passando de situações da vida real, do dia a dia, à ficção. Nessa perspectiva, Bakhtin compreende os gêneros primários e secundários como interdependentes e complementares (BAKHTIN, 2016[1952-1953]).

Logo, a diferença entre os gêneros primários e secundários é essencial. Portanto, pensar na natureza do enunciado significa que esta deva ser descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades: “apenas sob essa condição a definição pode vir a ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado [...], a orientação unilateral centrada nos gêneros primários redundando fatalmente na vulgarização de todos os problemas” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 15-16). Ressaltamos, nesse excerto, que a questão principal como traço distintivo entre os gêneros primários e secundários nos parece ser à qual se vinculam os gêneros e suas relações, imediatas ou não, com a situação comunicativa. E que, mais que os diferenciar quanto a sua natureza, Bakhtin (2016[1952-53]) busca imbricá-los, revelando, assim, a historicidade no desenvolvimento dos gêneros do discurso.

Sobre o surgimento e o desenvolvimento histórico dos gêneros do discurso, destacamos que, embora normalizadores – estáveis –, os gêneros possuem maior plasticidade e são mais ágeis do que as formas da língua – orações. É o que Bakhtin revela ao dizer que os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, ou como compreende Faraco (2009, p. 127), o teórico russo, ao assumir a expressão relativamente estáveis:

teoria dos gêneros, o que nos revela que o estudo dos gêneros não é novo, mas é ressignificado no século XX com as reflexões e postulações de Mikhail Bakhtin e o Círculo.

Está dando relevo, de um lado, à historicidade dos gêneros; e, de outro, à necessária imprecisão de suas características e fronteiras. Dar relevo à historicidade significa chamar a atenção para o fato de os tipos serem definidos de uma vez para sempre, eles não são apenas agregados de propriedades sincrônicas fixas, mas comportam contínuas transformações, são maleáveis e plásticos, precisamente porque as atividades são dinâmicas, e estão em contínua mutação” (FARACO, 2009, p. 127).

Ou seja, os gêneros evoluem, transformam-se, surgem, desaparecem, são absorvidos por outros. Para Bakhtin (2016[1952-53]), o desenvolvimento e a transformação dos gêneros, bem como o surgimento de novos gêneros é dado pelo desenvolvimento e complexificação nos diversos campos da atividade humana e da comunicação, e por novas motivações sociais decorrentes dessa complexidade, que se concretizam nas interações sociais.

Ainda sobre as transformações dos gêneros e complexificação da realidade, ligadas à historicidade dos gêneros discursivos, Fiorin (2016) complementa que “o gênero somente ganha sentido quando se percebe a correlação entre forma e atividades” (FIORIN, 2016, p. 76). E com isso, os gêneros não são: “um conjunto de propriedade formais isolado de uma esfera de ação, que se realiza em determinadas coordenadas espaço-temporais, na qual os parceiros da comunicação mantêm certo tipo de relação” (FIORIN, 2016, p. 76). Na verdade, os gêneros são: “meios de apreender a realidade” (FIORIN, 2016, p. 77). Outro aspecto revelador indica que mudanças na sociedade pressupõem mudanças nas maneiras de dizer, nos gêneros, ou seja, “novos modos de ver e de conceptualizar a realidade, implicam o aparecimento de novos gêneros e a alteração dos já existentes. Ao mesmo tempo, *novos gêneros ocasionam novas maneiras de ver a realidade*” (FIORIN, 2016, p.77, grifo nosso).

Mobilizada a estrutura triádica dos gêneros do discurso – conteúdo temático, construção composicional e estilo – e a classificação dos gêneros primários e secundários que está ligada à heterogeneidade dos gêneros discursivos, que compõem a primeira seção do escrito *Os Gêneros do Discurso*, adentraremos, a seguir, à segunda seção do escrito, intitulada *O enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades da língua (palavras e orações)*, em que o autor enfoca a questão do enunciado concreto como unidade real da comunicação discursiva, conceito este de suma importância para o tema abordado neste capítulo.

2.5.1 O enunciado concreto: unidade real da comunicação discursiva

Na segunda seção do manuscrito, Bakhtin (2016[1952-53]) realiza uma discussão mais ampla e mais aprofundada sobre o enunciado concreto como unidade real da comunicação discursiva, opondo-o às palavras e às orações como unidades da língua, que era a concepção vigente de abordagem linguística, mantendo a perspectiva do Círculo de Bakhtin de estabelecer uma interlocução com as correntes filosóficas e linguísticas de cada escrito, e estabelecer uma crítica e uma superação dos conceitos vigentes. Nessa seção, o teórico assume uma perspectiva dialógica e enunciativa de linguagem e, por conseguinte, o dialogismo do processo comunicativo que se estabelece nas interações discursivas, por meio dos enunciados, ou seja, “Bakhtin situou o universo das interações dialógicas constituído por diferentes realizações discursivas” (MACHADO, 2013, p. 153).

A partir dessa perspectiva dialógica e enunciativa da linguagem, o teórico (2016[1952-53]) passa a refletir sobre o enunciado e seu papel na comunicação discursiva e seus tipos, os gêneros de discurso, produzindo uma definição para enunciado concreto. Uma primeira definição de enunciado é “a real unidade da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 28), pois, para o autor, o discurso – língua em sua integridade concreta e viva – só existe nos enunciados, proferidos por determinados falantes, de diferentes esferas da atividade humana, dentro de uma situação comunicativa, e que fora dessa forma, não pode existir. O “discurso sempre está fundido em forma de enunciado” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 28).

Bakhtin (2016[1952-53]) afirma que os enunciados são heterogêneos, por seu volume, seu conteúdo, e sua construção composicional, possuindo peculiaridades estruturais que o tornam únicos no grande fluxo discursivo, mas também produz limites precisos para esses enunciados; tal limite se constitui em três peculiaridades que compõem os enunciados concretos.

A primeira peculiaridade refere-se à alternância dos sujeitos do discurso: a alternância estabelece-se tanto entre interlocutores em uma relação face a face, ou em uma conversa cotidiana, como também no interior do enunciado, por convocar o discurso de outros falantes da comunicação discursiva. Bakhtin (2016[1952-53]) afirma que a alternância dos sujeitos se dá por meio da réplica, de modo que esta é a característica que distingue o enunciado como a unidade da comunicação discursiva, e não como unidade da língua. A réplica se dá em função de uma posição definida que o enunciado ocupa em uma determinada esfera da comunicação discursiva. Para ele, ao assumir uma dada posição, o sujeito manifesta sua visão de mundo, seu estilo, de modo que, para assumi-la, é necessário correlacioná-la com outras posições. Tais réplicas são chamadas de respostas – atitudes responsivas – a enunciados anteriores e também

aos posteriores. A réplica revela as relações dialógicas que determinam um o acabamento específico do enunciado concreto (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

A segunda peculiaridade é a conclusibilidade – acabamento do enunciado: uma espécie de aspecto interno de alternância dos sujeitos do discurso, em que “essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) tudo o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 35). A conclusibilidade – que assegura a possibilidade de resposta, de compreensão responsiva – é determinada por categorias específicas: a) exauribilidade semântico-objetal; b) o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; c) as formas típicas da composição e do acabamento do gênero. A primeira categoria, a exauribilidade semântico-objetal (temática) do enunciado, mostra que os temas são inesgotáveis, no entanto, ao se tornarem objetos do discurso, passam a ter acabamento dentro das condições de cada enunciado, em que esse acabamento é percebido a partir dos gêneros discursivos – há gêneros discursivos mais padronizados, como os de ordem militares e gêneros mais flexíveis e criativos. Assim, o tratamento exaustivo do tema, que dá um acabamento ao enunciado, só é possível na medida em que ele se torna tema de um enunciado e recebe uma determinada abordagem dentro dos limites do projeto de dizer definido pelo falante, pois todo tema sempre terá sido tema de outros enunciados. A segunda categoria, a intenção discursiva ou a vontade do falante, determina a totalidade do enunciado, seu volume, suas fronteiras, e determina a escolha da forma do gênero na qual será construído o enunciado. Essa intenção revela o momento subjetivo do enunciado, pois, a partir da intenção do falante, os participantes da comunicação discursiva conseguem evidenciar a intenção discursiva e a vontade do falante, pois desde o início de seu discurso conseguem perceber a totalidade do enunciado. A terceira categoria, as formas estáveis de gêneros do enunciado – considerada a categoria mais importante para Bakhtin –, está ligada à vontade discursiva do falante que se realiza nas escolhas de certo gênero de discurso. Tal escolha se dá pelas especificidades de um dado campo da comunicação discursiva, pelos temas, pela situação concreta da comunicação discursiva, e pelos participantes da comunicação. Tudo isso ligado à intenção discursiva do falante, que está repleta de sua individualidade e subjetividade, que são aplicadas e adaptadas ao gênero elegido (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

A terceira peculiaridade constitutiva é a relação do enunciado com o próprio falante – locutor – e com outros participantes da comunicação discursiva: a concepção dialógica de linguagem proposta por Bakhtin e o Círculo pressupõe sempre o outro¹⁵ como constitutivo do

¹⁵ No próximo capítulo, aprofundaremos o conceito de interação nessa perspectiva teórica.

discurso, logo os sujeitos parceiros da comunicação discursiva são imprescindíveis na composição do enunciado, pois, conforme aponta Bakhtin (2016[1952-53]), a escolha dos meios linguísticos, e do gênero discursivo é determinada pela vontade – ideia – do sujeito do discurso em relação aos sujeitos envolvidos na interação discursiva. Logo, a composição e o estilo do enunciado não são determinados somente pela relação valorativa do enunciado com elemento semântico de seu discurso, isto é, para determinar o estilo do enunciado, não se pode considerar apenas a visão de mundo do seu falante, nem tão pouco sua visão de mundo, é de suma importância, que se considere a relação entre o locutor e seus interlocutores de uma determinada interação discursiva (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

A definição de enunciado concreto a partir do que se estabelece pelas peculiaridades constitutivas, toma forma por meio dos gêneros em uma determinada esfera de comunicação discursiva, pois é o gênero que garante uma estabilidade relativa e uma determinada especificidade, pois, para Bakhtin, toda comunicação se dá por meio de gêneros, “falamos apenas através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do conjunto*” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 38, grifo do autor). O autor exemplifica que em qualquer interação – do bate-papo descontraído ao tratado científico – moldamos e adaptamos o nosso discurso, a partir de certas formas relativamente estáveis de enunciado, isto é, de gêneros. E postula: “esses gêneros do discurso **nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna**, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 38, grifo nosso). Nesse fragmento axiológico da segunda seção, o teórico russo assume que, na perspectiva dialógica da linguagem, falamos somente por meio de enunciados concretos, que se materializam em formas de gêneros, que emanam de uma dada esfera de atividade humana e em uma determinada interação social, refutando a perspectiva de que falamos por meio de orações isoladas – como unidades da língua –, ao contrário, selecionamos as formas abstratas da língua para falar por meio de enunciados. Em suma, para Bakhtin, “aprender a falar significa aprender a construir enunciados” (2016[1952-53], p. 39).

Nessa perspectiva, Bakhtin (2016[1952-53]) revela que falamos por meio de gêneros, ao refletir que a língua materna não é por nós apreendida por meio de dicionários e gramáticas, mas é por meio de enunciados concretos que ouvimos, apreendemos e reproduzimos na comunicação discursiva viva, ou seja, na interação. E se apreendemos a língua por meio de gêneros, há gêneros em que dominamos mais e outros menos, visto que muitas são as esferas de atividades humanas e de discursos que são convocados em uma determinada interação discursiva. Por isso, Bakhtin ressalta que quanto mais dominamos os gêneros, “maior é a

desenvoltura com que os empregamos e mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação – em suma, tanto mais plena é a forma com que realizamos o nosso livre projeto de discurso” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 41). Isto é, Bakhtin estabelece uma segunda definição para o enunciado concreto, e suas formas típicas, os gêneros discursivos, que são a verdadeira forma de comunicação discursiva, pois é somente por gêneros que dizemos, isto é, mobilizamos nosso discurso em uma determinada interação.

Após essa incursão teórica, a fim de construir um conceito de gênero de discurso, convocando noções e princípios importantes à temática desenvolvida ao longo deste capítulo, interessa-nos, a seguir, elencar apontamentos essenciais e ressonâncias dialógicas que ecoam no conceito de gênero, a partir da ótica do Círculo de Bakhtin.

2.6 APONTAMENTOS E AS RESSONÂNCIAS DIALÓGICAS CONSTITUTIVOS DA TEORIA DOS GÊNEROS DO DISCURSO

Chegamos ao final de nosso percurso de mobilização teórica sobre o conceito de gênero do discurso no conjunto de obras do Círculo de Bakhtin. Por isso, interessa-nos realizar apontamentos essenciais ao nosso estudo que configurarão nossa perspectiva teórico-metodológica para análise posterior do gênero discursivo que constitui nosso *corpus*: o evento discursivo – a carta de Temer a Dilma, divulgada pela imprensa em sete de dezembro de 2015.

Destacamos que, na incursão teórica realizada, o problema do gênero de discurso é um dos mais importantes núcleos da teoria da linguagem de Bakhtin e o Círculo, sendo desenvolvido durante mais de 60 anos de investigação, reflexões e diálogos entre os integrantes. A Teoria do Gênero do Discurso se torna potente aos estudos no ocidente, em especial no Brasil.

Outro elemento que merece destaque é que o caráter teórico-filosófico dá o tom aos escritos, em que tanto Bakhtin quanto Volóchinov e Medviédev buscam uma fundamentação da teoria da linguagem do Círculo, em abordagens filosóficas e sociológicas da linguagem e das artes, indo na contramão do que propunha o formalismo russo, que buscava imprimir um caráter estrutural e formalista à teoria linguística e poética do final do século XIX e início do século XX (GRILLO, 2017). Isto é, os escritos estabelecem uma interlocução profícua com as teorias do período e emanam de uma necessidade que criticar o dado e potencializar o criado. Tal postura revela o caráter dialógico constitutivo do pensamento bakhtiniano, e que contribui para nossa atitude dialógica, no que se refere à perspectiva de leitura do conceito de gêneros em distintas obras.

Sobre o conceito de gênero discursivo no Círculo de Bakhtin, constatamos que o tema não se origina no escrito clássico *Os gêneros do discurso* (1952-53), e sim, na obra *O método formal dos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (1928). É dessa obra que tem como abordagem principal estudos literários, que deriva o conceito embrionário de gênero – o ponto de vista da totalidade do enunciado em sua interioridade e exterioridade –, além de discussões fundamentais à compreensão de gênero do discurso de maneira geral, contribuindo para uma concepção de gênero fundada na ideia de que a linguagem se materializa por meio de enunciados concretos, articulando interior e exterior, viabilizando a noção de sujeito histórica e socialmente situado.

Sobre o conceito de totalidade do enunciado, Brait e Pistori (2012) confirmam que o conceito é um primeiro traço que caracteriza o conjunto dos trabalhos do Círculo sobre gênero, “sem dispensar os aspectos formais da língua eles propõem a articulação necessária com um novo ponto de vista, isto é, com a totalidade do enunciado” (BRAIT; PISTORI, 2012, p. 383). No que se refere ao aspecto do enunciado que articula interior e exterior, isto é, a dupla orientação da realidade do gênero, podemos estabelecer uma relação conceitual entre esse texto e o desenvolvido por Bakhtin, em *Questões de Literatura e estética: a teoria do romance* (2010[1975]), sobre a forma composicional e a forma arquitetônica do gênero, pois ambos os conceitos convocam que articulemos os enunciados, isto é, os tipos de gêneros sob sua unidade interna – de forma, conteúdo, e elementos linguísticos – e sob a perspectiva arquitetônica – externa –, que está ligada a sua condição de produção, surgindo como um acontecimento, em uma determinada interação discursiva, que é sempre social. Sobre este ponto, Faraco (2009) sublinha que “há uma nítida complementaridade entre os dois. Pode-se até entender o segundo como um detalhamento do primeiro [conceito]” (FARACO, 2009, p. 96).

Um ponto importante para a nossa discussão é a questão da necessária articulação entre discurso e gêneros, a qual foi abordada no texto *O Discurso em Dostoiévski*, na obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* (1963), em que Bakhtin conceitua o “discurso – a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística” (BAKHTIN, 2013, p. 207). Destacamos a perspectiva da linguagem como fenômeno integral concreto que se realiza por meio de enunciados, que se estabilizam em determinados gêneros de discursos, de distintas esferas discursivas, que surgem em práticas sociais de interações comunicativas e se orientam nas relações dialógicas que os perpassam. Mas o tema da articulação entre gêneros e discurso é norteador do conceito de gênero discursivo à produção do Círculo de Bakhtin, em todos os escritos lidos. Sobre isso, as autoras apontam que, para compreender a articulação entre gênero e discurso, “é necessário considerar as circunstâncias temporais, espaciais, ideológicas

que orientam o discurso e o constituem, assim como os elementos linguísticos, enunciativos, formais que possibilitam a sua existência” (BRAIT e PISTORI, 2012, p.383). Ou seja, o discurso materializa-se nos gêneros, em uma determinada interação discursiva.

Outro ponto significativo que elencamos é de enunciado e sua totalidade, desenvolvido por Volóchinov, na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2017[1929]), em que o teórico assume o enunciado como totalidade, isto é, como a real unidade da comunicação discursiva. E ao assumir essa totalidade, Volóchinov pontua elementos que se devem levar em consideração: a) o enunciado em sua totalidade só se realiza no fluxo da comunicação discursiva, em uma interação discursiva; b) a totalidade do enunciado é determinada pelas fronteiras que se encontram na linha de contato desse enunciado com os outros enunciados; c) a totalidade do enunciado se dá pelo auditório; d) e as formas e tipos de comunicação discursiva: os pequenos gêneros discursivos cotidianos (VOLÓCHINOV, 2017[1929]).

Dessa definição, destacamos o percurso metodológico desenvolvido pelo Círculo Bakhtiniano para estudo e análise da língua nesta perspectiva, que se dá em três movimentos: 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 220). Tal percurso metodológico assume a totalidade do enunciado, como a real unidade da comunicação discursiva, em comparação às orações como unidades da língua. Essa abordagem do enunciado como totalidade se dá com maior potência no texto *Os gêneros do discurso*, na segunda seção, em que Bakhtin conceitua o enunciado concreto e apresenta suas peculiaridades constitutivas.

Sobre esse ponto, Brait e Pistori (2012) sintetizam que os textos mobilizados assumem os gêneros do discurso, como formas de enunciados em sua totalidade, como produções em um espaço e tempo reais, implicando autores, auditório social, recepção, dupla orientação – interna e externa. Além disso, corroborando essa afirmação das autoras na reflexão, Faraco (2009) e Fiorin (2016) assumem que reduzir um gênero a estilo, forma composicional e tema pode significar abandono da totalidade, de sua dupla orientação.

Mais um elemento de destaque que ressaltamos aqui, diz respeito à interconexão da linguagem e da vida social, por meio dos gêneros, ideia que Bakhtin desenvolve no texto *Os gêneros do discurso* (1952-53), e que perpassou todos os textos nessa incursão teórica, em que podemos sintetizar nesse excerto, de que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na

língua” (2016[1952-53], p. 16). Afinal, os gêneros sempre estão ligados a uma esfera da atividade humana. Dessa interconexão, podemos destacar que os gêneros, nessa perspectiva, são formas de apreender a vida, sendo compreendidos não como formas da língua isoladas, mas sim como possibilidade de concretização de um dizer, de uma determinada esfera de atividade humana, em uma interação discursiva. Isto é, o gênero é social.

Há ainda outro elemento que merece destaque à nossa reflexão. O Círculo Bakhtiniano não teorizou sobre o gênero discursivo, levando em conta o produto – ou somente o produto. Ao longo da leitura, constatamos que o processo de elaboração e produção dos gêneros foi muito mais desenvolvido que o produto em si, conforme explica Fiorin: “interessam-lhe menos as propriedades formais dos gêneros do que a maneira como eles se constituem” (FIORIN, 2016, p. 68). Tal afirmação encontra respaldo em Faraco (2009) para quem os gêneros não são enfocados apenas pelo viés estático do produto (das formas), mas principalmente pelo viés dinâmico da produção. Isso significa dizer que a teoria do Círculo “assevera axiomáticamente uma estreita correlação entre os tipos de enunciado (gêneros) e suas funções na interação socioverbal; entre os tipos e o que fazemos com eles no interior de uma determinada atividade social” (FARACO, 2009, p. 126). Tal reflexão revela que o conceito de gênero, na perspectiva da Teoria do Gênero do Discurso, de filiação bakhtiniana, não se sustenta somente na forma, somente na concepção triádica de gênero.

De maneira sintética, o que apreendemos dessa incursão teórica é que nem só da “fórmula mágica” sobrevive o conceito de gênero do discurso para Bakhtin e o Círculo, isto é, a estrutura triádica – conteúdo temático, construção composicional e estilo – não pode ser a única forma para análise e interpretação de um gênero do discurso. Um conceito de gênero de discurso filiado à perspectiva teórico-metodológica desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin deve levar em consideração outros elementos de grande relevância aos gêneros, como: contexto de produção do gênero; a esfera de atividade humana que está ancorado o discurso que se materializa nos gêneros; a perspectiva espaço-temporal em que se situa o gênero com acontecimento social; os sujeitos envolvidos na enunciação; o auditório social; todas as relações dialógicas constitutivas do enunciado; ou seja, tudo o que se refere à produção, circulação e recepção de um gênero do discurso, em uma determinada interação discursiva.

Após a incursão teórica ao longo deste capítulo, em que nos dedicamos a estudar o conceito de gênero do discurso para entender como se constrói tal conceito e como se constitui a Teoria dos Gêneros do Discurso, passamos, no capítulo posterior, a desenvolver um percurso de resgate da construção da concepção dialógica de linguagem do Círculo Bakhtiniano, fundante da Teoria Dialógica do Discurso.

3 A ARQUITETÔNICA DA TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO

“A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo”.
(Mikhail Bakhtin)

No capítulo que desenvolvemos a partir de agora, assumimos a perspectiva da Teoria Dialógica do Discurso, desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin acerca de linguagem em suas múltiplas manifestações, na Filosofia, na cultura, na arte, na Sociologia, e que foi lapidada e organizada pelos leitores-pesquisadores ao longo de décadas de pesquisas e reflexões. No que se refere à arquitetura da Teoria Dialógica do Discurso, nos filiamos à perspectiva de Brait (2006), que explica que:

Ninguém, em sã consciência, poderia dizer que Bakhtin tenha proposto formalmente uma teoria e / ou análise do discurso. [...] Entretanto, também não se pode negar que o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em suas manifestações artísticas como na diversidade de sua riqueza cotidiana. Por essa razão, mesmo consciente de que Bakhtin, Volochinov, Medvedev e outros participantes do que atualmente se denomina Círculo de Bakhtin jamais tenham postulado um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada [...], o conjunto das obras do Círculo motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso (BRAIT, 2006, p. 9).

Sublinhamos, desse excerto elucidativo, que a teoria/análise dialógica do discurso não se constitui de conceitos fechados e absolutos em si, nem produz uma perspectiva teórico-metodológica sistemática, pois, de acordo com Brait (2006), seria uma contradição com o próprio pensamento linguístico-filosófico desenvolvido pelo Círculo: o da indissolúvel relação existente entre língua, linguagem, história e sujeitos, que instaura os estudos da linguagem como lugar de produção de conhecimento, de interação e de relações dialógicas e de sentidos (BRAIT, 2006). A explanação da pesquisadora brasileira evidencia que a Teoria Dialógica do Discurso se constitui de noções e princípios que se engendram na arquitetura da concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin. Nesse sentido, segundo Brait (2006), o trabalho metodológico, analítico e interpretativo da Teoria Dialógica do Discurso,

ocorre por meio da herança advinda da linguística [...] de esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa ‘materialidade

linguística', reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos (BRAIT, 2006, p. 13-14).

Isto é, faz-se necessário realizar uma reconstituição do percurso do pensamento linguístico-filosófico do Círculo de Bakhtin, estabelecendo relações dialógicas geradoras de sentidos entre as noções e princípios, que nortearão a análise e interpretação do *corpus* selecionado para este estudo.

Posto isso, reforçamos que tais noções e princípios se engendram ao longo dos escritos lidos de forma que se constituem sempre em relação. Porém, necessitamos realizar um recorte e um alocamento específico, a fim de tornar mais organizada a leitura e a construção do capítulo. Assim, abordamos a construção da concepção dialógica de linguagem do Círculo Bakhtiniano na seção 3.1; O locutor em relação ao(s) outro(s): a criação conjunta do enunciado na seção 3.2; O princípio da responsividade: a tomada de posição axiológica na seção 3.3.

Esse percurso está em consonância com o objetivo deste capítulo, que é mobilizar a Teoria Dialógica do Discurso, a fim de mobilizar procedimentos teórico-analíticos, a partir de princípios e noções advindas da perspectiva linguístico-filosófica do Círculo de Bakhtin, para compreender o evento discursivo, que empreenderemos no capítulo subsequente.

Para alcançar o objetivo proposto, mobilizamos escritos do Círculo de Bakhtin, mais precisamente de Valetin Volóchinov e Mikhail Bakhtin. De autoria¹⁶ de Volóchinov, lemos *Duas tendências do pensamento filosófico-linguístico; Língua, linguagem e enunciado; A interação discursiva*, compilados na parte II – Os caminhos da filosofia da linguagem marxista, dentro da obra *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (2017[1929]). Dos escritos de Bakhtin, lemos *Os gêneros do discurso* (2016[1952-53]); *O discurso em Dostoiévski*, da obra *Problemas da poética de Dostoiévski* (2013 [1929]); *O problema do texto na linguística, na filologia, e em outras ciências humanas*, extraído da coletânea de escritos *Estética da Criação verbal* (2011[1979]).

Iniciamos esse percurso com a reconstrução da concepção dialógica de linguagem do círculo bakhtiniano, a partir dos escritos: *Duas tendências do pensamento filosófico-linguístico;*

¹⁶ Reforçamos que não interessa adentrar e discutir a questão das autorias contestadas de algumas obras publicadas. Dessa forma, respeitaremos a autoria da edição consultada da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, de tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkona Américo e edição da Editora 34.

Língua, linguagem e enunciado; A interação discursiva; O discurso em Dostoiévski; O problema do texto na linguística, na filologia, e em outras ciências humanas.

3.1 A CONSTRUÇÃO DA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE LINGUAGEM DO CÍRCULO DE BAKHTIN: INTERLOCUÇÃO E CRÍTICA

O início da construção da concepção de linguagem para o Círculo de Bakhtin se dá nos anos 1920, a partir do amplo diálogo estabelecido por esse grupo multidisciplinar e que culmina na publicação de textos, dentre os quais nos interessa sobremaneira a obra *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem, em 1929.

Volóchinov (2017[1929]), no texto *Duas tendências do pensamento filosófico-linguístico*, assume como problemática definir o objeto da linguística sob a ótica filosófica-linguística-sociológica do Círculo. Para a construção de tal problemática, o autor realiza uma análise geral de duas tendências de estudos da linguagem no século XIX e início do século XX: o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato, as quais têm como principais representantes, Humboldt e Vossler – na primeira – e Ferdinand de Saussure – na segunda tendência.

Segundo Volóchinov (2017 [1929]), para compreender a língua¹⁷ como um conjunto complexo deve-se considerar: o som – fenômeno puramente acústico; acrescentar o processo fisiológico de produção de som e o processo de sua percepção sonora; e adicionar a vivência – signos interiores – do falante e do ouvinte, isto é, ao abarcar as realidades física, fisiológica e psicológica, ainda não se obterá o objeto real da filosofia da linguagem. Para Volóchinov (2017 [1929]), faz-se necessário incluir a esse conjunto complexo outra realidade, ainda mais abrangente e complexa: a comunicação social organizada.

Para observar o processo de combustão, é necessário colocar o corpo no ambiente atmosférico. Para observar o fenômeno da língua, é necessário colocar os sujeitos falante e ouvinte, bem como o próprio som, no ambiente social. Pois é necessário que tanto o falante quanto o ouvinte pertençam a uma mesma coletividade linguística, a uma sociedade organizada de modo específico. É necessário ainda que os nossos dois indivíduos sejam abarcados pela unidade da situação social mais próxima, isto é, que o encontro entre essas duas pessoas ocorra em um território determinado. O

¹⁷ Em russo, os termos “linguagem” e “língua” são expressos pela mesma palavra, *iazik*, e é necessário marcar a diferença entre os dois conceitos. Volóchinov marca em russo, produzindo a palavra composta língua-discurso (*iazik-rietch*). Manteremos a grafia dos termos, de acordo com a tradução de Grillo e Américo, que assumem língua quando se tratar de fenômenos fonéticos e fisiológicos envolvidos na comunicação verbal (GRILLO; AMÉRICO, 2017).

intercâmbio verbal só é possível nesse terreno determinado, por mais geral e, por assim dizer, ocasional que ele seja (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 145).

A partir da metáfora sobre a combustão, que necessita de um ambiente atmosférico para se tornar evento, o teórico russo postula que, para se compreender o fenômeno da linguagem, os sujeitos devem ser colocados no meio social, em interação, mobilizando a língua – nas três realidades física, fisiológica e psicológica – para que aconteça um intercâmbio verbal e se converta em um fato de linguagem – língua-discurso.

Interessa realizar a análise das duas tendências, porque Volóchinov (2017[1929]) desenvolve o próprio problema e expõe a dificuldade em delimitar o objeto da linguística, e busca, dessa forma, expor como a Linguística Geral e a Filosofia da Linguagem poderiam – ou não – contribuir na solução desse problema.

A primeira interlocução estabelecida pelo Círculo Bakhtiniano se dá com a tendência do subjetivismo individualista, que analisa “o ato discursivo individual e criativo como fundamento da língua” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 148). Ou seja, a concepção de língua aqui é subjetiva, e o produto deste ato é o enunciado monológico. Tal orientação é própria da estilística clássica, influenciada pelo pensamento de Humboldt – em um primeiro momento da corrente – e Vossler – posteriormente.

Volóchinov (2017[1929]) elabora proposições que sintetizam as posições dessa orientação, estabelecendo teses fundamentais dessa tendência, a partir da perspectiva de Humboldt:

- 1) *A língua é atividade, um processo ininterrupto de criação [...], realizado por meio de atos discursivos individuais;*
- 2) *As leis da criação linguística são, em sua essência, leis individuais e psicológicas;*
- 3) *A criação da língua é uma criação consciente, análoga à criação artística;*
- 4) *A língua como um produto pronto [...], como um sistema linguístico estável [...], representa uma espécie de sedimentação imóvel, [...], construída de modo abstrato pela linguística com o objetivo prático de ensinar a língua como um instrumento pronto* (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 148-149, grifo do autor).

Isto é, a primeira tendência assume o ato individual discursivo e criativo como o fundamento da língua, em que o psiquismo individual se torna a fonte da língua; dessa forma, as leis que criam a língua são leis individuais e psicológicas. Nesse sentido, a língua é considerada um fenômeno que tem origem no interior do sujeito, logo a enunciação partiria do interior para o exterior do sujeito, como sublinha o autor, há “um certo dualismo entre o interior e o exterior e uma certa primazia do interior, pois todo ato de objetivação (expressão) ocorre de dentro para fora” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 203).

O que as características da primeira tendência revelam é que “a realidade fundamental da língua não é o sistema linguístico pronto, no sentido de um conjunto de formas fonéticas, gramaticais, [...], mas sim *o ato criativo individual discursivo*” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 153). Essa perspectiva acentua que é na individualização estilística de cada sujeito que se forma a língua, que depois se reorganizará em formas gramaticais, e não o oposto, ou nas palavras do teórico: “*tudo que se torna um fato gramatical foi antes um fato estilístico*” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 153, grifo do autor).

Volóchinov (2017[1929]) se posiciona criticamente quanto a essa visão individualista, sobretudo devido à visão que os estilistas clássicos têm de que a linguagem é uma criação individual discursiva, criada na mente humana. Essa tendência não leva em consideração, ainda, a interação discursiva, isto é, a primeira tendência assume uma perspectiva monológica de linguagem.

Sobre as postulações – teses – do subjetivismo individualista, o teórico russo (2017[1929]) realiza uma crítica em forma de “ter razão” e “não ter razão”. De acordo com o autor, o subjetivismo individualista tem razão ao defender que os enunciados são singulares e a realidade concreta da língua; porém não tem razão em ignorar completamente a natureza social e dialógica destes. A corrente tem razão em afirmar que é impossível separar a forma linguística do seu conteúdo ideológico, pois “toda palavra¹⁸ é ideológica” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 219); no entanto, não tem razão em deduzir o conteúdo ideológico da palavra pela condição do psiquismo individual. E ainda o subjetivismo individualista, assim como o objetivismo abstrato, não tem razão alguma de partir do enunciado monológico (VOLÓCHINOV, 2017[1929]).

No que se refere ainda ao enunciado monológico, Volóchinov critica que ele seja considerado “a última realidade, isto é, o ponto de partida do seu pensamento sobre linguagem” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 202), considerando tal afirmação como um dos grandes equívocos dessa primeira tendência – e da segunda também. Isso porque um enunciado monológico, na perspectiva do subjetivismo individualista, “é um ato puramente individual, uma expressão da consciência individual, dos seus propósitos, intenções, impulsos criativos, gostos e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 202). No entanto, para o autor é inconcebível um enunciado puramente individual, pois é constitutivo do enunciado ser definido

¹⁸ O termo palavra – do russo *slovo* –, assume na obra *Marxismo e Filosofia da linguagem*, um significado amplo, que compreende desde a unidade lexical até a “linguagem verbal em uso”, ou enunciado e discurso (GRILLO; AMÉRICO, 2017). No decorrer deste capítulo, tomamos o termo palavra, advindo de citações diretas, como enunciado, e não somente como unidade lexical.

pela situação social e, mais, um enunciado só “se forma entre dois indivíduos socialmente organizados” e na ausência de interlocutor imediato ele será ocupado por uma espécie de imagem que representa um determinado grupo social ao qual o falante pertence, pois, “a palavra é orientada para o interlocutor” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 204).

A segunda interlocução foi estabelecida com a tendência do objetivismo abstrato. Segundo Volóchinov (2017[1929]), a perspectiva da segunda tendência está ligada a

todo ato criativo individual, todo enunciado é individual e único, porém todo enunciado há elementos idênticos aos dos outros enunciados de um dado grupo discursivo. São justamente esses elementos *idênticos* – fonéticos, gramaticais, lexicais – e, portanto, *normativos* para todos os enunciados que proporcionam a unicidade de dada língua e sua compreensão por todos os membros de dada coletividade (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 155, grifo do autor).

O que o autor russo postula é que no objetivismo abstrato é o domínio da estrutura linguística sobre o sujeito que caracteriza o conceito de língua. Ao contrário da tendência anterior – subjetivismo individualista – que tem no psiquismo individual o conceito de língua, aqui, a língua é um sistema composto por sinais que servem como instrumento à comunicação entre os falantes de uma dada coletividade.

Volóchinov (2017[1929]) elabora também quatro proposições sobre o principal ponto de vista do objetivismo abstrato, configurando-se como uma antítese à primeira tendência. Em que:

- 1) *A língua é um sistema estável e imutável de formas linguísticas normativas e idênticas, encontrados previamente pela consciência individual e indiscutível para ela.*
- 2) *As leis da língua são lei linguísticas específicas de conexão entre os sinais linguísticos dentro de um sistema linguístico fechado. [...]*
- 3) *As leis linguísticas específicas não possuem nada em comum com os valores ideológicos (artísticos, cognitivos e outros). [...]*
- 4) *Os atos individuais de fala são, do ponto de vista da língua, apenas refrações e variações ocasionais ou simplesmente distorções das formas normativas idênticas. [...] Entre o sistema da língua e sua história não existe nem conexão nem motivos em comum, eles são alheios entre si* (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 162, grifo do autor).

A partir dessas proposições, Volóchinov (2017[1929]) realiza uma longa crítica no decorrer do capítulo *Língua, Linguagem e enunciado*, que se constrói ao longo de oito itens, citados e comentados. Dentre os excertos, convocamos alguns. No que se refere à postulação – *sobre a língua ser um sistema estável e imutável de formas linguísticas normativas e idênticas, encontrados previamente pela consciência individual* – o autor afirma que talvez o *modus* de existência da língua na consciência do falante não seja assim, pois a consciência do falante não

trabalha com a língua como um sistema de formas normativas e idênticas somente, isso é uma abstração. Para o autor, o sistema é na verdade “um produto de reflexão sobre a língua, sendo que essa reflexão de modo algum é realizada pela consciência do próprio falante e está longe de visar à fala imediatamente” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 177). E complementa: “para um falante, a forma linguística é importante não como um sinal constante e invariável, mas como um signo sempre mutável e flexível” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 177), que ganha significação no enunciado e na interação social.

Sobre a proposição – *As leis da língua são lei linguísticas específicas de conexão entre os sinais linguísticos dentro de um sistema linguístico fechado* –, Volóchinov pontua que uma forma linguística vista como um sinal será reconhecida, mas nunca compreendida, somente será passível de compreensão quando se tornar um signo. O sinal é apenas um objeto internamente imóvel, que não “reflete ou refrata nada” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 178). E jamais poderá ser relacionado ao campo ideológico. Logo, para que haja compreensão, a forma linguística deve se tornar um signo, ou nas palavras do autor “o ideal da assimilação da língua é a incorporação do sinal pelo signo puro e do reconhecimento pela compreensão” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 180). E ainda assevera: “a ruptura entre a língua e seu conteúdo ideológico é um dos erros mais graves do objetivismo abstrato” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 182).

No que se refere ao ato discursivo – enunciado –, o teórico russo afirma que “o objetivismo abstrato, ao considerar o sistema da língua como único e essencial para os fenômenos linguísticos, negava o ato discursivo – enunciado – como individual” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 200). Daqui vem uma profunda crítica, por não assumir o enunciado como um sistema essencial à linguagem e à comunicação discursiva, que, segundo Volóchinov, o enunciado tem tanta importância justamente por ser de natureza social, interativa e dialógica.

Ainda sobre as proposições, Volóchinov compara: “os quatro fundamentos da segunda tendência do pensamento filosófico-linguístico formulados por nós são opostos aos quatro fundamentos correspondentes da primeira tendência” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 162). Ou seja, tais fundamentos se constituem como antíteses às teses da primeira tendência – subjetivismo individualista –, estabelecendo entre elas relações dialógicas geradoras de sentidos, que contribuíram para a construção da concepção de linguagem pelo Círculo de Bakhtin.

Volóchinov (2017[1929]) segue mobilizando tais fundamentos, porém, a partir da perspectiva de Ferdinand de Saussure – principal representante dessa teoria e da “escola de

Genebra”. Saussure, com o objetivo de tornar a Linguística uma ciência, procura um objeto passível de ser estudado. Ao tentar a definição de linguagem, conclui que ela não servirá como objeto de estudo por ser heteróclita, multifacetada e pertencer a vários domínios. Isso se dá, pois os fatores que constituem a linguagem são de cunho social e individual – e um não pode ser concebido sem o outro.

Dessa forma, tem-se a primeira dicotomia saussuriana: a língua – *langue* – /fala – *parole*. Saussure reconhece a língua como além do individual, um sistema utilizado como meio de comunicação entre indivíduos de uma mesma comunidade linguística. Na compreensão saussuriana, é na língua que está a gênese da linguagem, por esta fazer parte do produto social¹⁹ e por ser homogênea e estável. Nesse sentido, a língua impõe-se ao sujeito, pois é um sistema que ele não pode criar nem modificar, já que esse sistema pronto é dado ao indivíduo pela sua comunidade. A fala, por sua vez, é individual e assistemática. Saussure considerava impraticável, no início do século XX, uma Linguística da fala, porque na fala não se pode estabelecer quais signos o indivíduo mobilizará no momento da enunciação. Isto é, a fala não servia como objeto de estudo da linguística por se constituir de elementos assistemáticos e ilimitados.

A partir do percurso de análise – e diálogo profícuo – de duas tendências de estudos da linguagem o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato, e à crítica realizada às duas tendências, especialmente sobre a perspectiva do enunciado monológico, Volóchinov (2017[1929]) buscou responder a problemática anteriormente posta: definir o objeto da linguística sob a ótica filosófico-linguística do Círculo.

Volóchinov (2017[1929]), no capítulo *A interação discursiva*, esboça seu axioma sobre a realidade fundamental da linguagem: “*a realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas, nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou vários enunciados*” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 218-219, grifo do autor). Eis a realidade fundamental da língua: a interação discursiva.

¹⁹ Conforme postulou Ferdinand de Saussure, a oposição entre língua e fala se dá entre o que é individual e o que é coletivo. Isto é, trata-se de uma oposição entre o individual e o coletivo, que é normatizado e regrado por leis internas. A fala pertence ao individual e a língua representa o coletivo. Dessa forma, a língua é pensada como sistema, que tem no social sua normatização e regras internas (SAUSSURE, 2010). Já para Bakhtin e seu Círculo, a linguagem se configura como uma trama de elementos ideológicos, que se realiza na relação entre enunciados, sujeitos e realidade na interação discursiva. Logo, a linguagem, a partir dessa abordagem dialógica não pode ser estudada fora da sociedade. Ela só existe no social. Dessa forma, o social para o Círculo de Bakhtin – ideológico, isto é, socioideológico, repleto de vozes sociais e forças centrífugas e centrípetas –, distinguindo-se, dessa forma do social – da coletividade – para o mestre genebrino, e daí, provavelmente, advém tantas compreensões divergentes dos estudiosos que seguiram Bakhtin.

Postulado isso, Volóchinov (2017[1929]), assume cinco teses que concretizam o ponto de vista do Círculo de Bakhtin sobre o objeto da linguística:

- 1) *A língua como um sistema estável de formas normativas idênticas é somente uma abstração científica, produtiva apenas diante de determinados objetivos práticos e teóricos. Essa abstração não é adequada à realidade concreta da língua.*
- 2) *A língua é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes.*
- 3) *As leis da formação da língua não são de modo algum individuais e psicológicas, tampouco podem ser isoladas da atividade individual dos falantes. As leis de formação da língua são leis sociológicas em sua essência.*
- 4) *A criação da língua não coincide com a criação artística ou com qualquer outra criação especificamente ideológica, no entanto, ao mesmo tempo, a criação linguística não pode ser compreendida sem considerar os sentidos e os valores ideológicos que a constituem.*
- 5) *A estrutura do enunciado é uma estrutura puramente social. O enunciado, como tal, existe entre os falantes (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 224-225, grifo do autor).*

Nas teses desenvolvidas, Volóchinov (2017[1929]) refuta que a formação da língua seja individual e psicológica, mas sim, “*vive e se forma historicamente justo aqui, na comunicação discursiva concreta*” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 220, grifo do autor). Assim como refuta a tese de que a língua, como processo ininterrupto de formação, constitui-se em um ato individual do falante, e assume que a língua se realiza por meio de interações sociodiscursivas entre os falantes, por meio de enunciados dialógicos.

A partir das postulações das proposições constitutivas da concepção de linguagem do Círculo Bakhtiniano, o autor define que a formação real da língua, nessa perspectiva, ocorre em uma determinada ordem: “*a comunicação social se forma (fundamentada na base), nela se criam a comunicação e a interação verbal e nessa última se constituem as formas de discursos verbais, e por fim, essa formação se reflete na mudança das formas da língua*” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 220-221, grifo do autor).

A partir da interlocução crítica estabelecida com as duas tendências linguísticas: o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato, o Círculo Bakhtiniano concebe sua concepção dialógica de linguagem ao definir que a realidade fundamental é o fenômeno social da interação discursiva. Nesse sentido, voltam-se às peculiaridades da linguagem, a partir do enfoque dialógico, isto é, assume uma concepção dialógica da linguagem, que tem como objeto de investigação o discurso e se constitui entre os falantes de uma determinada esfera de atuação humana, mobilizando seu dizer por meio de um enunciado e se tornam estáveis nos gêneros discursivos. Na subseção a seguir, abordamos o dialogismo como princípio constitutivo da comunicação discursiva e da concepção de linguagem e discurso do Círculo Bakhtiniano.

3.1.1 As relações dialógicas constitutivas da concepção de linguagem e discurso no Círculo de Bakhtin

Nos estudos do Círculo de Bakhtin, a metáfora do diálogo é eixo norteador do conceito de linguagem. Ao evocarmos o dialogismo como constitutivo das relações discursivas, devemos ampliar nossa perspectiva de leitura e irmos além do diálogo somente como possibilidade de interação face a face – em sentido estrito –, mas como a forma de interação discursiva, conforme nos aponta Bakhtin:

Essas relações dialógicas são profundamente originais e não podem reduzir-se a relações lógicas, ou linguísticas. [...] O diálogo real (a conversa do cotidiano, a discussão científica, a discussão política, etc.). A relação entre as réplicas de tal diálogo é o tipo mais externamente notório e simples de relações dialógicas. Contudo, as relações dialógicas não coincidem, de maneira nenhuma, com as relações entre réplicas do diálogo real; são bem mais amplas, diversificadas e complexas (BAKHTIN, 2011, p. 331).

Para além do diálogo, o dialogismo é o princípio constitutivo da comunicação discursiva, que pressupõe relações de sentidos entre os sujeitos da enunciação – o locutor e seu interlocutor – que evoca discursos que também se compõem em relação dialógica, produzindo tipos relativamente estáveis de enunciados, os gêneros discursivos. Isto é, o dialogismo é princípio constitutivo de sujeito, de discursos, de linguagem, de interação discursiva e de sentido.

No texto *O discurso em Dostoiévski*, da obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2013 [1929]), ao explicar que o seu objeto de estudo é o discurso, define-o como “a língua em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 2013[1929], p. 207). O que tal explicação revela é que a concepção do Círculo se interessa por análises efetuadas a partir das relações dialógicas, no plano discursivo, e não no plano da língua – no sentido estrito do termo. Nessa concepção, o enunciado se constitui como objeto de estudos da linguagem, por ser “*a real unidade da comunicação discursiva*”, pois o discurso só existe, verdadeiramente, na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso.

Todo enunciado concreto, na perspectiva do Círculo Bakhtiniano é “individual, único e singular”, e está sempre ligado à realidade espaço-temporal, ou seja, é sempre uma realização social, dentro de um contexto histórico, atravessado pelo grande tempo da cultura, que é evocado nos discursos que cada enunciado traz consigo, por sua constituição dialógica. Por seu caráter particular e individual, o enunciado é sempre um evento novo e irrepetível, e é na

fronteira entre “duas consciências, dois sujeitos”, no mínimo, que o enunciado existe – entre o eu e o(s) outro(s).

Bakhtin (2016[1952-53]) define o enunciado concreto por seu caráter dialógico, ao elencar que ele é um elo na cadeia da comunicação discursiva. Nas palavras do autor, “todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto; antes do seu início, os enunciados dos outros; depois do seu término, os enunciados responsivos dos outros” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 29). Isto é, na relação dialógica geradora de sentido, um enunciado está sempre convocando os enunciados anteriores e sempre suscitando respostas a enunciados posteriores; dessa forma, o enunciado estabelece-se como um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo de atividade humana, e “todo enunciado é reflexo de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 57). Isso significa que todo discurso – escrito ou falado – constitui apenas uma parte de uma comunicação verbal ininterrupta.

O teórico russo também aponta que o enunciado é repleto de responsividade, pois todo enunciado deve ser, antes de tudo, uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo: enquanto repostada rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, e dessa forma, todo enunciado é “repleto de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de um dado campo da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 57).

Por fim, Bakhtin destaca que um traço essencial e constitutivo do enunciado refere-se à possibilidade de seu direcionamento a alguém, ou o seu endereçamento, pois um enunciado sempre tem um autor e um destinatário, em todos os campos da atividade humana, haverá um destinatário – um interlocutor direto do diálogo cotidiano, uma coletividade de um determinado campo da vida, um povo, um chefe, um inferior, uma pessoa íntima, outro indefinido, etc. – o que se revela é que cada gênero do discurso, em cada campo da comunicação discursiva terá uma concepção típica de endereçamento. Sem essa peculiaridade constitutiva, não há nem pode haver enunciado (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

Para Brait (2013), o enunciado é o objeto de estudo da linguagem para o Círculo de Bakhtin, mas ele não deve ser estudado isoladamente. O momento de seu acontecimento bem como a situação social que a envolve, constitui a relação entre sujeitos, fazendo da interação social o fundamento semântico de todo o discurso. E mais, o enunciado tem esse papel central na concepção bakhtiniana de linguagem “justamente porque a linguagem é concebida de um

ponto de vista histórico, cultural e social que inclui a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos envolvidos” (BRAIT, 2013, p. 65).

Ainda no que se refere ao enunciado, como objeto estudo da linguagem, Faraco (2009) ressalta que dos enunciados advêm diferentes verdades, que advêm de vozes sociais distintas, e que se realizam desses embates sociais – relações dialógicas. Tais embates são considerados como uma espécie de guerra de discursos, em que estão permanente tensão de forças centrípetas (centralizadoras, monologizadoras, que tentam apagar a heteroglossia) e forças centrífugas (que resistem à monologização e multiplicam a heteroglossia) (FARACO, 2009). Dessa forma, os enunciados, como unidade real da comunicação discursiva, manifestam-se como uma tomada de posição axiológica, sempre como uma resposta ao que já foi dito. E ao ser dito, o enunciado pressupõe sempre uma resposta.

Pires e Sobral (2013) corroboram a construção da concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin e postulam sobre a perspectiva:

A linguagem é tecida por meio de uma trama de elementos ideológicos, a qual parte da relação das palavras/enunciados com a realidade, com seu autor e com as outras palavras anteriores. O juízo de valor, implicado na responsabilidade/responsividade advém daí, pois, ao expressar vivências plurais, a linguagem reflete e, ao mesmo tempo, refrata a realidade, uma vez que sendo a palavra um fenômeno ideológico por excelência, e por isso mesmo avaliativa, pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico (PIRES; SOBRAL, 2013, p. 216).

Por ser uma trama de elementos ideológicos, que se realiza na relação entre enunciados, sujeitos e realidade na interação discursiva, estabelecendo sempre relações dialógicas geradoras de sentido, a linguagem a partir dessa abordagem – dialógica – não pode ser estudada fora da sociedade, uma vez que o enunciado, como unidade concreta da interação verbal, tem certa estabilidade e mobiliza em sua constituição características de cada situação concreta em que é produzido e em que circula. O enunciado é, nesse sentido, um signo ideológico, dialógico, único, irrepetível e instaura-se diferentemente em cada interação discursiva, pois o enunciado é sempre uma manifestação social.

Nesta seção, realizamos um percurso de interlocução entre as tendências linguísticas vigentes na década de 1920, que foram lidas e criticadas pelo Círculo de Bakhtin, e que, a partir dessa interlocução dialógica, contribuíram à concepção de uma perceptiva dialógica da linguagem, fundada, verdadeiramente, na relação. Nessa concepção de linguagem, a língua passa a ser pensada em sua integridade concreta e viva, isto é, como discurso, e que se realiza efetivamente por meio de enunciados – relativamente estáveis em formas de gêneros discursivos – proferidos por determinados falantes de distintas esferas sociais e discursivas, e

que sempre são direcionados a outro (s), constituindo a realidade fundamental da linguagem: a interação discursiva. Na próxima seção, voltamo-nos à questão da relação entre o locutor e o(s) outro(s), ou seja, à perspectiva dos sujeitos participantes da interação discursiva, que é uma peculiaridade constitutiva do enunciado e condição à interação discursiva, a partir da leitura e interpretação dos seguintes textos: *A interação discursiva; Os gêneros do discurso; O problema do texto na linguística, na filologia, e em outras ciências humanas.*

3.2 O LOCUTOR EM RELAÇÃO AO(S) OUTRO(S): A CRIAÇÃO CONJUNTA DO ENUNCIADO

A concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin está fundada, como anteriormente dito, na relação, isto é, entre discursos mobilizados de uma dada esfera da comunicação social, entre enunciados em que tais discursos se concretizam, entre sentidos, na relação entre falantes, que se constituem sujeitos e mobilizam a língua para dizer, e que trazem consigo inúmeras “verdades”, de diferentes vozes sociais no seu dito. A perspectiva dialógica da linguagem, nesse sentido, constrói-se na tessitura de inter-relações entre sujeitos, discursos, sentidos, e vozes que são mobilizadas no evento da interação discursiva.

No que se refere aos sujeitos, ou seja, o locutor e o(s) outro(s) envolvidos na interação, Pires e Sobral (2013) destacam que “o grande mérito do grupo, para os estudos do discurso, foi resgatar o sujeito e seu contexto social, via dialogismo interativo, trazendo com eles a história. O sujeito bakhtiniano constitui-se, desse modo, como um ser social, histórico e ideológico” (PIRES; SOBRAL, 2013, p. 215). Os sujeitos que se envolvem nessas relações dialógicas, portanto, não são sujeitos individuais, não sociais, mas sim indivíduos socialmente organizados, que trazem consigo discursos de uma determinada esfera de atuação humana, e podem estar inseridos em diferentes contextos, constituindo-se, dessa forma, sujeitos heterogêneos.

Sobre o sujeito inserido no seu contexto social, Faraco (2009) complementa exemplificando que “os sujeitos se definem como feixes de relações sociais: constituem-se e vivem nestes feixes que são múltiplos, não fixos e nunca totalmente coincidentes de pessoas a pessoas – ainda que membros de um mesmo grupo social – os sujeitos são seres marcados por profunda e tensa heterogeneidade” (FARACO, 2009, p. 121). Isto é, os sujeitos definem-se nas relações sociais, mas nunca são iguais, nem tampouco coincidentes e, por isso, configurados de heterogeneidade.

No entanto, sobre a relação entre os falantes – sujeitos sociais e heterogêneos – e a individualidade, a perspectiva do Círculo desconstrói a questão do sujeito unicamente

individualizado – questão central da tendência do subjetivismo individualista, que assumia todo ato discursivo individual e criativo como fundamento da língua – e explora a questão da subjetividade, a partir de uma perspectiva da intersubjetividade. Como nos revela Dominguez (2013), na perspectiva de linguagem do Círculo, “o que está em jogo não são mais as relações de um sujeito transcendental com a língua, mas sim de uma subjetividade marcada pela atividade ideológica e constituída na interação entre o eu e o outro” (DOMINGUEZ, 2013, p. 11). Ainda sobre a subjetividade ideológica constitutiva do sujeito social, Pires e Sobral (2013) enfatizam que ela se concretiza na intersubjetividade, ou nas palavras dos autores: “quando sugere (e ele o faz em muitos lugares e de muitas maneiras) que a intersubjetividade é a morada da subjetividade, Bakhtin se refere ao nosso ser dialógico por natureza: tornamo-nos sujeitos em contato com outros sujeitos” (PIRES; SOBRAL, 2013, p. 210). O que o excerto nos revela é que a subjetividade, na perspectiva do Círculo Bakhtiniano, se constrói das relações dialógicas entre os sujeitos, tornando uma relação de intersubjetividade, pois os sujeitos na interação compartilham vivências, identidades, culturas, e se constituem como sujeitos de diferentes mundos axiológicos, que se conectam na interação discursiva, via enunciados.

No que se refere aos sujeitos participantes do evento de interação discursiva, é importante destacar a relevância que os sujeitos – o eu e o (s) outro (s) –, têm no processo de construção de um enunciado. O eu e o (s) outro (s) são condição à realização de um enunciado. Grillo e Américo (2017) afirmam que eles são considerados os participantes sociais imediatos, assumindo-se como o falante e o(s) interlocutor(es), e que juntamente com a situação social mais próxima, ou seja, o contexto situacional em que ocorre o encontro entre os participantes do processo de comunicação, eles acabam por determinar a forma e o estilo do enunciado (GRILLO; AMÉRICO, 2017). Ou seja, um enunciado sempre se moldará aos sujeitos participantes da interação.

Sobre a relação intrínseca entre sujeitos na interação discursiva, Bakhtin 2016[1952-53] nos explica que a relação entre o eu e o outro estabelece a condição de alternância – peculiaridade constitutiva do enunciado, anteriormente explorada no capítulo dois – e que a partir dessa relação de alternância é que os limites de cada enunciado são configurados, ou nas palavras de Bakhtin, “todo enunciado tem um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 29). Nessa relação de alternância entre os falantes é que se estabelece o enunciado como a real unidade da comunicação discursiva, que se constitui de e nas relações dialógicas geradoras de sentidos entre os enunciados no fluxo discursivo.

Ainda no que se refere aos sujeitos envolvidos no evento discursivo, Volóchinov (2017[1929]) define que é na relação entre o eu e o(s) outro(s) que se constitui mais uma peculiaridade intrínseca ao enunciado, isto é, a relação de orientação e direcionamento do enunciado, ou nas palavras do teórico russo:

A palavra é orientada para um interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido, etc.), não se pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 204-205, grifo do autor).

O enunciado somente se constitui porque o falante está em relação com o outro. Logo as escolhas lexicais, o discurso mobilizado, estarão sempre em diálogo com que esse interlocutor é, que esfera social ele representa e está inserido, que relação ele estabelece com o interlocutor – parentesco, hierarquia, etc. –, todos fatores que condicionam o tema e o estilo do enunciado, e refletem na interação.

O teórico russo aprofunda a questão da orientação, revelando a inter-relação entre falante e interlocutor que se estabelece no enunciado, ou como nos revela, “*a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 205, grifo do autor). Essa inter-relação nos revela que um enunciado nunca poderá ser exclusivamente do falante – eu – e nem do interlocutor – outro (s) –, o enunciado sempre se constituirá “como uma espécie zona limítrofe entre ele e o interlocutor” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 206). Porém, caberá ao falante a inserção do interlocutor – direcionamento – na interação, pois será ele que estabelecerá o espaço e o tempo da interação, e definirá, por conseguinte, o outro sujeito que efetivará a interação discursiva. Logo, devemos assinalar que não há uma relação hierárquica no que se refere aos sujeitos da interação discursiva, sim uma inter-relação que constitui o enunciado.

Nesse sentido, todo enunciado terá como essência constitutiva o direcionamento e um endereçamento, conforme revela Bakhtin:

um traço essencial (constitutivo) do enunciado é a possibilidade de seu direcionamento a alguém, de seu endereçamento. À diferença das unidades significativas da língua – palavras e orações –, que são impessoais, de ninguém e a ninguém estão endereçadas, o enunciado tem autor (e respectivamente, expressão, do que já falamos) e destinatário. Esse destinatário pode ser um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os adversários e inimigos, o subordinado, o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa íntima, um

estranho, etc. ele também pode ser um *outro* totalmente indefinido, não concretizado (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 62-63, grifo do autor).

No fragmento acima, o teórico russo postula, então, que o direcionamento se configura como um traço essencial do enunciado, cujas características diferem das orações, como unidades da língua. Tal direcionamento sempre se dará a um interlocutor imediato da interação, mas também poderá ser a uma coletividade, e ainda poderá ser a um outro totalmente indefinido e não concretizado.

Sobre tal postulação, Brait e Melo (2013) explicam que o direcionamento que se constitui no enunciado, conforme postulou Bakhtin, pode se desdobrar em três modalidades, como sintetizam as autoras:

Esse destinatário tem várias faces, vários perfis, várias dimensões. Pode ser o parceiro e interlocutor direto do diálogo, configurando um destinatário concreto, [...], pode, ainda, ser um destinatário presumido, não necessariamente presumido pelo autor (embora possa sê-lo), mas que se instala a partir da circulação do enunciado. Pode ser um outro absolutamente indeterminado, ou o outro não concretizado, isto é, um sobredestinatário, que esfacela as fronteiras de espaço e de tempo (BRAIT; MELO, 2013, p. 71-72).

O excerto sintetizado pelas autoras (2013) revela que a concepção bahktiniana de endereçamento do enunciado prevê três possibilidades que se constituem conjuntamente nos enunciados. Sendo que o primeiro destinatário é o interlocutor concreto e imediato, isto é, o participante direito do evento discursivo, ou seja, estabelece-se em um espaço e tempo único e irrepetível do evento discursivo, que está ligado, dessa forma, à situação social mais próxima do enunciado que, por sua vez, determina a forma e o estilo do enunciado.

A segunda possibilidade de destinatário é o presumido, isto é, tal destinatário pode ser considerado como participantes de um determinado grupo social, que se estabelecem como um auditório. Esse auditório, no qual o destinatário concreto também está inserido, como sujeito social, constitui-se de um grupo social que representa “um certo *horizonte social* típico e estável para qual se orienta a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 205, grifo do autor), isto é, o auditório social é determinado pelo campo da atividade humana e da vida à qual tal enunciado se refere, e, dessa forma, o auditório, advindo de um ambiente social mais amplo, também condiciona a estrutura do enunciado – tema, estilo, estrutura composicional –, que se concretiza por meio de gêneros do discurso.

A terceira possibilidade de direcionamento do enunciado está ligada a um destinatário indeterminado, ou, como nos revela Bakhtin (2011[1979]), há sempre um terceiro que participa da interação discursiva, um outro: “aqui se revela o ponto de vista do ‘terceiro’ no diálogo (que não participa do diálogo, mas o entende)” (BAKHTIN, 2011[1979], p.333). Sobre o terceiro participante da interação discursiva, o filólogo russo especifica que todo enunciado tem sempre um “destinatário cuja compreensão responsiva o autor da obra de discurso procura e antecipa e que o supradestinatário (terceiro) ganha diferentes expressões ideológicas concretas (Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, a história, etc.)” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 333). Ou seja, esse supradestinatário está ligado à grande temporalidade da cultura, não se estabelece no aqui e no agora do evento discurso, mas estabelece com o evento discurso relações dialógicas geradoras de sentido também, afinal é passível de compreensão responsiva.

Em síntese, a relação que se estabelece entre o locutor e o(s) outro(s) no enunciado se configura como uma peculiaridade constitutiva e intrínseca do enunciado e da interação discursiva. Não há e nem pode haver enunciado sem tal peculiaridade, pois, a própria noção de dialogismo – como realidade fundamental da linguagem – convoca a existência da relação entre o locutor e o(s) outro(s), o dialogismo se realiza, pois, no direcionamento e no endereçamento para o(s) outro(s).

Nesta seção, dedicamo-nos à questão da relação entre o locutor e o (s) outro (s), isto é, a perspectiva dos sujeitos participantes da interação discursiva, concepção esta constitutiva do enunciado e condição à interação discursiva. Isto posto, interessa-nos, na seção posterior, desenvolver outra peculiaridade constitutiva do enunciado, que se refere à responsividade.

3.3 O PRINCÍPIO DA RESPONSABILIDADE: A TOMADA DE POSIÇÃO AXIOLÓGICA

“Não existe nada mais terrível do que a irresponsividade”.

(Mikhail Bakhtin)

O princípio da responsividade, na concepção dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin, é uma peculiaridade constitutiva do enunciado; dessa forma, não há, nem pode haver enunciado, dentro de um evento de interação discursiva, sem que haja responsividade. Eis um dos princípios dialógicos por excelência.

A responsividade se dá como uma compreensão total e verdadeira do enunciado, que produzirá uma resposta imediata ou não. É o momento em que o outro – interlocutor – compreende o enunciado e o transforma, o recria, o completa, o refuta (BAKHTIN, 2016[1952-53]). Isto é, responder não significa somente responder verbal e gestualmente ao discurso do outro mobilizado no enunciado; responder, nessa perspectiva, é uma atitude responsiva dialógica. Logo, a noção de resposta não pode ser algo específico, mas é muito mais abrangente, podendo se revelar como uma ação que prova transformação, complementação, reação de oposição ao que foi compreendido pelo interlocutor.

Bakhtin (2016[1952-53]) afirma que toda a compreensão da fala viva – do enunciado vivo – é de natureza ativamente responsiva, pois “toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 25). O interlocutor – ouvinte – torna-se um falante, pois ao compreender o significado do discurso mobilizado no enunciado estabelece relações de sentido com tal discurso e produz uma réplica em uma atitude responsiva: “concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 25). Isto é, o interlocutor não é e não poderá ser passivo, ele assume uma atitude responsiva ativa, em uma tomada de posição axiológica.

Sobre a questão do interlocutor e sua atitude na interação discursiva, Morson e Emerson (2008) explicam que, ao ser ativo, o interlocutor – ouvinte – não pode ser considerado apenas um decodificador de formas linguísticas do enunciado, ou nas palavras dos pesquisadores:

o ouvinte deve não só decodificar o enunciado como ainda captar o que está sendo dito, relacioná-lo com o seu próprio complexo de interesses e pressupostos, imaginar como o enunciado responde a enunciados futuros e a que tipo de resposta ele convida, e intuir como as terceiras partes potenciais o entenderiam (MORSON; EMERSON, 2008, p. 143-144).

Isto é, o interlocutor – ouvinte – passa, dessa forma, por um complexo processo de preparação de uma resposta ao enunciado. Tais atos processuais são elementos inseparáveis do ato da verdadeira compreensão, o que isso revela é que não é possível, nessa perspectiva dialógica da linguagem, decodificar passivamente para depois responder ao enunciado, para uma compreensão ativa, faz-se necessária uma compreensão passiva.

Nesse sentido, advém a crítica que o Círculo Bakhtiniano realiza aos modelos de diagramas de comunicação tradicionais que têm essa dinâmica: de um lado o remetente, no meio está a mensagem, e no outro polo está o destinatário. Ou, como explica o filólogo russo:

Nos cursos de linguística geral – inclusive nos tão sérios como o de Saussure – aparece com frequência representações evidentemente esquemáticas dos dois parceiros da comunicação discursiva – o falante e o ouvinte (o receptor do discurso); sugere-se um esquema de processos ativos de discurso no falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 24).

A crítica imediata de Bakhtin refere-se à mensagem como algo formulado pelo falante e depois decodificado pelo destinatário. Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, a compreensão não pode ser considerada meramente uma decodificação, nem tampouco uma mensagem enviada de um falante para um interlocutor, ao contrário, para o Círculo é na inter-relação entre o eu e o outro que o enunciado se realiza e produz sentido. Além disso, pensar em uma atitude ativa por parte do falante e uma atitude passiva por parte do interlocutor é, segundo Bakhtin (2016 [1952-53]), uma “ficção”, quando se coloca esses sujeitos em um contexto de interação discursiva.

Para o Círculo Bakhtiniano, todos os sujeitos da interação discursiva são respondentes, em maior ou menor grau, pois um falante nunca é o primeiro falante, ou na metáfora-axioma, somente o Adão mítico falou por vez primeira e acabou com o eterno silêncio do universo, isto é, por não ser o primeiro falante, logo todo enunciado produzido não será o primeiro – nem seu, nem alheio –, ele trará consigo relações dialógicas estabelecidas com enunciados antecedentes, ou como sintetiza Bakhtin, “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outro enunciado” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 26).

Sobre a responsividade – como realidade efetiva do enunciado – podemos pensar em níveis de atitudes responsivas, em uma perspectiva da compreensão ativamente responsiva, de uma compreensão passiva, em uma compreensão ativamente responsiva do ouvido e ainda uma compreensão responsiva de efeito retardado.

Para o Círculo de Bakhtin, quando o falante mobiliza seu discurso em um enunciado, ele já pressupõe um interlocutor – ouvinte – e que, a partir dessa inter-relação, se constituirá efetivamente o enunciado. Dessa forma, o próprio falante está determinado a encontrar uma compreensão ativamente responsiva, ou seja, ele espera “uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc.” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 26). O falante pressupõe sempre uma tomada de posição axiológica do outro, nunca neutra e passiva, nunca a irresponsividade, entendida aqui como a ausência de resposta.

Sobre a compreensão passiva, Bakhtin (2016[1952-53]) aponta que tal compreensão do significado do discurso mobilizado no enunciado é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva, que é real e plena, e que se atualizará em uma resposta

real. Isto é, a compreensão passiva pode ser um pré-momento da compreensão total e verdadeira, geradora de respostas.

No que se refere à compreensão ativamente responsiva do ouvido, Bakhtin afirma que está ligada ao cumprimento de uma ordem, como exemplo uma ordem militar, em que o interlocutor responde executando a ordem solicitada. Nesse sentido, ele produz uma resposta, sem necessariamente ter compreendido o enunciado, e tal resposta poderá ser gestual e silenciosa (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

A compreensão responsiva de efeito retardado, por sua vez, refere-se a um tipo de responsividade que acontece quando o interlocutor, depois de ler ou ouvir um enunciado, passa um tempo deslocado da situação real para compreender e elaborar sua resposta. Segundo Bakhtin, “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte” (BAKHTIN, 2016[1952-53, p. 25]). Tal compreensão de efeito retardado é típica de gêneros discursivos secundários, como os romances, por exemplo.

Em síntese, no que se refere à responsividade, seja sob a perspectiva da compreensão ativamente responsiva, da compreensão passiva, da compreensão ativamente responsiva do ouvido e responsiva de efeito retardado, todos esses níveis pressupõem compreensão e resposta. Não há, nem pode haver enunciado e interação discursiva com irresponsividade. A responsividade é constitutiva do enunciado, tanto é que o próprio produzir um enunciado está ligado a uma ativa compreensão, afinal um enunciado sempre se constrói em atitude dialógica com outro enunciado, emergindo como réplica de um discurso anterior, e suscitando réplicas responsivas de outros enunciados. Ou seja, “*toda compreensão é dialógica*” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 232, grifo do autor).

No decorrer deste capítulo, realizamos um percurso de leitura e mobilização teórica, em consonância com o objetivo proposto para o capítulo, que é de mobilizar a Teoria Dialógica do Discurso, a fim de construir procedimentos teórico-metodológicos, a partir de princípios e noções advindos da perspectiva linguístico-filosófica do Círculo de Bakhtin, para compreender o evento discursivo – a carta do, então, vice-presidente Michel Temer, à ex-presidenta Dilma Rousseff, divulgada pela imprensa em sete de dezembro de 2015, que se constitui como *corpus* deste estudo.

Após a realização do percurso de resgate da construção da concepção dialógica de linguagem do Círculo Bakhtiniano, fundante da Teoria Dialógica do Discurso, encaminhamos, no próximo capítulo, ao percurso metodológico e analítico, que culminará no percurso interpretativo do evento discursivo.

4 COMPREENSÃO DO EVENTO DISCURSIVO: ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E RELAÇÕES DIALÓGICAS

“Toda compreensão é dialógica”.

(Valentin Volóchinov)

Neste capítulo, objetivamos compreender o *corpus* do nosso estudo, o evento discursivo que se estabelece da materialidade constituída na carta escrita por Michel Temer, ex-vice-presidente da República, para Dilma Rousseff, então presidenta da República no período, divulgada à imprensa em sete de dezembro de 2015.

Para a realização desta pesquisa, assumimos como metodologia a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, com caráter exploratório e de cunho qualitativo. No que se refere ao procedimento adotado, o estudo configura-se como bibliográfico, no sentido de que é elaborado e sustentado “a partir de materiais já publicados, principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações e teses” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54). Isto é, tal procedimento técnico nos permite entrar em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Neste estudo, realizamos leituras prévias orientadas, principalmente de livros na íntegra do Círculo de Bakhtin, e de autores e pesquisadores nacionais e internacionais que contribuem à compreensão das teorias mobilizadas, além de capítulos de livros, teses, dissertações e artigos de periódicos, a partir de mapeamento e seleção prévia de materiais considerados importantes e significativos no que se referem ao tema proposto para este estudo e culminaram nos dois capítulos teóricos desta dissertação – capítulos 2 e 3.

Também no que se refere ao procedimento adotado, a pesquisa é documental. Segundo Prodanov e Freitas (2013), tal procedimento baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. Ainda, nesse tipo de pesquisa, os documentos são classificados em dois tipos principais: fontes de primeira mão e fontes de segunda mão. Sendo que os documentos de fonte primária são os que não receberam qualquer tratamento analítico, como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. Os documentos de fonte secundária são os que, de alguma forma, já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas, entre outros (PRODANOV; FREITAS, 2013). Tal procedimento culmina no capítulo analítico – 4 –, em que nos debruçamos à análise e à

interpretação da carta de Temer a Dilma, e divulgada à imprensa nacional em dezembro de 2015.

Sobre os objetivos propostos, este estudo configura-se como exploratório. Nas palavras de Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa exploratória assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso. Tal perfil de pesquisa “possui planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51-52). Além disso, envolve: “– levantamento bibliográfico; – entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; – análise de exemplos que estimulem a compreensão” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51-52).

Quanto à abordagem do problema, configura-se como qualitativo, pois nos interessa o processo, a dinâmica, a interpretação dos dados e fatos, não nos interessando uma análise quantitativa. Para Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa qualitativa não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas, e o “ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

No que refere ao método, à análise e à interpretação da materialidade da carta, elencamos uma abordagem a partir do todo constitutivo dela, em um primeiro momento, e das partes isoladas em segundo momento. Isso porque nos interessa analisar o enunciado como um todo, que se estabiliza no gênero discursivo carta, em uma determinada interação discursiva, para que, dessa forma, possamos analisar a estrutura triádica constitutiva da arquitetura do conceito de gênero do discurso e a situação social em que se realiza o evento discurso. Ao assumirmos as partes isoladas, por sua vez, estamos interessados nos enunciados concretos, que individualmente representam relações dialógicas que geram sentidos a esse evento discursivo e potencializam sua compreensão. Optamos por tal método, em consonância com a metodologia da pesquisa bibliográfica, pois se torna uma tarefa exaustiva e pouco produtora realizar uma análise de todos os enunciados concretos que são constitutivos da materialidade discursiva da carta. Dessa forma, podemos analisar o gênero discursivo em sua dupla orientação na realidade, abarcando a perspectiva interna e a externa do gênero, ou seja, assumindo-o como prática social e situada.

Justificamos nossa escolha para essa forma de análise, respaldada nas noções e princípios advindos da perspectiva teórico-metodológica da Teoria Dialógica do Discurso e da Teoria dos Gêneros do Discurso, de filiação do Círculo Bakhtiniano, mobilizada neste estudo, a partir do que postula Mikhail Bakhtin (2013), de que é possível encontrarmos relações

geradoras de sentidos no todo, nas partes e na palavra isolada: “as relações dialógicas são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a uma palavra isolada” (BAKHTIN, 2013, p. 210). Nessa perspectiva, filiamo-nos a essa abordagem para analisar e interpretar o *corpus* da pesquisa.

Para alcançarmos o objetivo proposto, esse capítulo é constituído pela seção “O gênero lança luz sobre a realidade, a realidade ilumina o gênero”: a situação social constitutiva do gênero discursivo, seção 4.1, em que realizamos a contextualização da situação social constitutiva do evento discursivo em análise, como aspecto ligado à exterioridade dos gêneros do discurso, no que se refere a sua dupla orientação na realidade, visto que o gênero é uma prática social e situada. Na seção “A arquitetura do gênero do discurso: a tríade constitutiva”, seção 4.2, debruçamo-nos sobre a análise e a interpretação do gênero discursivo carta, a partir dos elementos constitutivos da arquitetura do gênero – a estrutura triádica: construção composicional, conteúdo temático e estilo, que se configuram como o aspecto ligado à interioridade dos gêneros do discurso. Integram a seção “As relações dialógicas geradoras de sentidos instauradas no evento discursivo”, seção 4.3, doze enunciados concretos oriundos da materialidade discursiva da carta, que revelam relações dialógicas geradoras de sentidos. Por fim, a seção “Senhora presidente, será que esta é uma carta pessoal?: discussão da análise e interpretação do evento discursivo”, seção 4.4, em que nos voltamos à discussão da análise e interpretação realizada ao longo deste capítulo, culminando na seção de fechamento da compreensão do evento discursivo.

Neste momento, trazemos a carta de Temer a Dilma na íntegra, para conhecimento e leitura, e encaminhamo-nos, na seção seguinte, à análise, abordando a contextualização da situação social constitutiva do evento discursivo em análise.

São Paulo, 07 de Dezembro de 2.015²⁰.

Senhora Presidente,

"Verba volant, scripta manent" (As palavras voam, os escritos permanecem)

²⁰ Fonte: Portal G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/leia-integra-da-carta-enviada-pelo-vice-michel-temer-dilma.html>. Acesso em: 08 jul. 2019. Ressaltamos que o texto se mantém como publicado pelo Portal de Notícias G1.

Por isso lhe escrevo. Muito a propósito do intenso noticiário destes últimos dias e de tudo que me chega aos ouvidos das conversas no Palácio.

Esta é uma carta pessoal. É um desabafo que já deveria ter feito há muito tempo.

Desde logo lhe digo que não é preciso alardear publicamente a necessidade da minha lealdade. Tenho-a revelado ao longo destes cinco anos.

Lealdade institucional pautada pelo art. 79 da Constituição Federal. Sei quais são as funções do Vice. À minha natural discricção conectei aquela derivada daquele dispositivo constitucional.

Entretanto, sempre tive ciência da absoluta desconfiança da senhora e do seu entorno em relação a mim e ao PMDB. Desconfiança incompatível com o que fizemos para manter o apoio pessoal e partidário ao seu governo.

Basta ressaltar que na última convenção apenas 59,9% votaram pela aliança. E só o fizeram, ousou registrar, por que era eu o candidato à reeleição à Vice.

Tenho mantido a unidade do PMDB apoiando seu governo usando o prestígio político que tenho advindo da credibilidade e do respeito que granjeei no partido. Isso tudo não gerou confiança em mim. Gera desconfiança e menosprezo do governo.

Vamos aos fatos. Exemplifico alguns deles.

1. Passei os quatro primeiros anos de governo como vice decorativo. A senhora sabe disso. Perdi todo protagonismo político que tivera no passado e que poderia ter sido usado pelo governo. Só era chamado para resolver as votações do PMDB e as crises políticas.

2. Jamais eu ou o PMDB fomos chamados para discutir formulações econômicas ou políticas do país; éramos meros acessórios, secundários, subsidiários.

3. A senhora, no segundo mandato, à última hora, não renovou o Ministério da Aviação Civil onde o Moreira Franco fez belíssimo trabalho elogiado durante a Copa do Mundo. Sabia que ele era uma indicação minha. Quis, portanto, desvalorizar-me. Cheguei a registrar este fato no dia seguinte, ao telefone.

4. No episódio Eliseu Padilha, mais recente, ele deixou o Ministério em razão de muitas "desfeitas", culminando com o que o governo fez a ele, Ministro, retirando sem nenhum aviso prévio, nome com perfil técnico que ele, Ministro da área, indicara para a ANAC. Alardeou-se a) que fora retaliação a mim; b) que ele saiu porque faz parte de uma suposta "conspiração".

5. Quando a senhora fez um apelo para que eu assumisse a coordenação política, no momento em que o governo estava muito desprestigiado, atendi e fizemos, eu e o Padilha, aprovar o ajuste fiscal. Tema difícil porque dizia respeito aos trabalhadores e aos empresários. Não

titubeamos. Estava em jogo o país. Quando se aprovou o ajuste, nada mais do que fazíamos tinha sequência no governo. Os acordos assumidos no Parlamento não foram cumpridos. Realizamos mais de 60 reuniões de líderes e bancadas ao longo do tempo solicitando apoio com a nossa credibilidade. Fomos obrigados a deixar aquela coordenação.

6. De qualquer forma, sou Presidente do PMDB e a senhora resolveu ignorar-me chamando o líder Picciani e seu pai para fazer um acordo sem nenhuma comunicação ao seu Vice e Presidente do Partido. Os dois ministros, sabe a senhora, foram nomeados por ele. E a senhora não teve a menor preocupação em eliminar do governo o Deputado Edinho Araújo, deputado de São Paulo e a mim ligado.

7. Democrata que sou, converso, sim, senhora Presidente, com a oposição. Sempre o fiz, pelos 24 anos que passei no Parlamento. Aliás, a primeira medida provisória do ajuste foi aprovada graças aos 8 (oito) votos do DEM, 6 (seis) do PSB e 3 (três) do PV, recordando que foi aprovado por apenas 22 votos. Sou criticado por isso, numa visão equivocada do nosso sistema. E não foi sem razão que em duas oportunidades ressaltai que deveríamos reunificar o país. O Palácio resolveu difundir e criticar.

8. Recordo, ainda, que a senhora, na posse, manteve reunião de duas horas com o Vice Presidente Joe Biden - com quem construí boa amizade - sem convidar-me o que gerou em seus assessores a pergunta: o que é que houve que numa reunião com o Vice Presidente dos Estados Unidos, o do Brasil não se faz presente? Antes, no episódio da "espionagem" americana, quando as conversas começaram a ser retomadas, a senhora mandava o Ministro da Justiça, para conversar com o Vice Presidente dos Estados Unidos. Tudo isso tem significado absoluta falta de confiança;

9. Mais recentemente, conversa nossa (das duas maiores autoridades do país) foi divulgada e de maneira inverídica sem nenhuma conexão com o teor da conversa.

10. Até o programa "Uma Ponte para o Futuro", aplaudido pela sociedade, cujas propostas poderiam ser utilizadas para recuperar a economia e resgatar a confiança foi tido como manobra desleal.

11. O PMDB tem ciência de que o governo busca promover a sua divisão, o que já tentou no passado, sem sucesso. A senhora sabe que, como Presidente do PMDB, devo manter cauteloso silêncio com o objetivo de procurar o que sempre fiz: a unidade partidária.

Passados estes momentos críticos, tenho certeza de que o País terá tranquilidade para crescer e consolidar as conquistas sociais.

Finalmente, sei que a senhora não tem confiança em mim e no PMDB, hoje, e não terá amanhã. Lamento, mas esta é a minha convicção.

Respeitosamente,

\ L TEMER

A Sua Excelência a Senhora

Doutora DILMA ROUSSEFF

DO. Presidente da República do Brasil

Palácio do Planalto

4.1 “O GÊNERO LANÇA LUZ SOBRE A REALIDADE, A REALIDADE ILUMINA O GÊNERO”: A SITUAÇÃO SOCIAL CONSTITUTIVA DO GÊNERO DISCURSIVO

A premissa assumida neste estudo, em consonância com a perspectiva linguística do Círculo Bakhtiniano, é a de que é impossível desvincular linguagem e atividades humanas sociais, seja qual for a especificidade da esfera da atividade humana em que se realize, pois dizemos e interagimos no mundo via linguagem. A manifestação da linguagem se dá por meio de enunciados concretos oriundos da interação que, a partir do que se estabelece pelas peculiaridades constitutivas, tomam forma e garantem certa estabilidade nos gêneros discursivos. Dessa forma, toda a comunicação social se dá via gêneros, como assume Bakhtin (2016 [1952-53], p. 38): “falamos apenas através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm formas relativamente estáveis e típicas de construção do conjunto”. Os gêneros, nessa perspectiva, são práticas sociais relativamente estáveis, que instauram eventos de sentido, que se realizam mediante discursos, por isso todo gênero é discursivo por excelência.

Nós vemos o mundo e interagimos com ele – e nele –, portanto, pela ótica dos gêneros: “cada gênero possui seus próprios meio de visão e de compreensão da realidade” (MEDVIÉDEV, 2016[1928], p. 198). Isto é, pelo filtro do gênero tomamos consciência, vemos e compreendemos a realidade histórica-social-cultural na qual estamos inseridos e interagimos, afinal, todo gênero, nessa concepção, é uma prática social e situada na realidade.

Reiteramos tal afirmação – gênero como prática social –, convocando o próprio conceito de gênero em sua dupla orientação na realidade, que se estabelece de uma interioridade, ligada aos elementos internos e constitutivos da arquitetura do conceito de gênero e a exterioridade, que está ligada à vida, a um tempo, a um espaço, a uma historicidade e esfera ideológica. Tal

concepção convoca que assumamos o gênero como uma totalidade que se produz em um espaço e tempo reais, que se constitui de relações dialógicas geradoras de sentidos, que pressupõe sujeitos – receptores, destinatários – em determinadas condições histórico-sociais-culturais e situações instauradas por atividades específicas de esferas de produção, circulação e recepção do agir humano.

Nessa perspectiva, a situação social constitui-se como elemento imprescindível para compreender um evento discursivo, algo que nos propomos a realizar neste estudo. Assim, nosso objetivo nesta seção é explorar e, por conseguinte, descrever a situação social na qual esse evento discursivo vincula-se à realidade histórica-social-cultural-política, a fim de compreender sua dimensão externa, que se revela como forma de apreender e compreender a nossa realidade. Dessa forma, é importante recuperar²¹ a situação social e as esferas de produção, recepção e circulação discursivas que engendram a carta que ora analisamos.

O evento discursivo que analisamos – a carta de Temer a Dilma, divulgada à imprensa em sete de dezembro de 2015 – ocorreu cinco dias após a aceitação – no dia dois de dezembro daquele ano – do processo de impedimento da continuidade do mandato democraticamente eleito da então presidenta Dilma Vana Rousseff (PT), pelo presidente da Câmara dos Deputados no período, Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Este foi o momento crucial que antecedeu a carta, escrita por Temer, afinal nesse período instaurou-se uma instabilidade na coalisão entre PT e PMDB e, segundo especulações jornalísticas, a instabilidade também estava presente nas relações entre presidenta e vice-presidente. O rumo da chapa eleita era incerto, as alianças políticas no Senado e na Câmara dos Deputados estavam comprometidas. É nesse cenário que o vice-presidente escreve a carta.

É possível afirmar que a instabilidade política, econômica e social começou bem antes de 2015. Basta recordarmos o ano de 2013, quando milhares de pessoas foram às ruas em todo o país, produzindo uma onda de protestos. Segundo informações do Jornal *O Globo* (2013), em junho de 2013, cerca de 1 milhão de manifestantes tomaram as ruas, em um primeiro momento, para protestar contra o aumento das tarifas dos ônibus – surgiu o Movimento Passe Livre –, em que originalmente os manifestantes se opuseram ao aumento das passagens de ônibus de R\$ 3 para R\$ 3,20 (O GLOBO, 2013). Entretanto, o movimento ganha espaço, ganha força e a pauta

²¹ Diversas fontes jornalísticas confiáveis abordaram o tema, por exemplo, o Jornal *Folha de São Paulo*: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298755-manifestacoes-levam-1-milhao-de-pessoas-as-ruas-em-todo-pais.shtml>; *Jornal eletrônico Nexo*: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram>; *Jornal O Globo*: <https://oglobo.globo.com/brasil/presentes-em-manifestacoes-de-2013-jovens-contam-por-que-hoje-estao-em-lados-diferentes-18862146>.

se amplia, sendo marcado na materialidade discursiva pelo enunciado “Não é por R\$ 0,20”. Diversos segmentos sociais também adeririam ao movimento, reivindicando mais saúde, mais educação, mais respeito, políticas públicas efetivas e menos corrupção. Foi um movimento de protesto democrático, midiático e potente. Nesse momento, houve adesão de um movimento forte de um grupo que se dizia “sem partido”. Grande parte da sociedade estava insatisfeita com o governo e com a governabilidade. Tal evento não foi o estopim para o processo de impeachment, porém, nesse período, a ex-presidenta Dilma e o vice-presidente Michel Temer enfrentaram problemas de cunho econômico e relativos à governabilidade e iniciou-se um processo de impopularidade política que impactou profundamente o segundo mandato.

Para Possenti (2016), que analisa o processo de impeachment, é possível pensar que o início do declínio do mandato de Dilma Rousseff pode ter começado com a reeleição – 26/10/2014 –, porque o resultado foi, de certa forma, inesperado, especialmente porque, até a abertura das urnas do Norte do país, a vitória do outro candidato, Aécio Neves (PSDB) era dada como certa. Nas palavras do autor, “a derrota não foi aceita com a naturalidade desejada nas democracias. Foi contestada em diversas instâncias. A reação foi reforçada pelas medidas econômicas tomadas no começo do segundo mandato, que fizeram com que muitos eleitores de Dilma se frustrassem” (POSSENTI, 2016, p. 1076).

Do contexto de insatisfação por parte da população em relação à reeleição presidencial, houve polarização nas ruas, na sociedade e nas redes sociais, pois as causas das manifestações já não eram as mesmas. Parte do movimento se dizia agora em prol “do Brasil”, convocando um forte apelo à nacionalização e se definia contra “todos os partidos do Brasil”, produzindo uma onda de protestos – como o painelço –, e novamente, um grupo da população volta às ruas, agora com predominância das cores verde e amarelo – em clara referência às cores da bandeira do Brasil – e coreografia²², dessa vez pedindo o processo de impeachment e o fim da corrupção. O processo de impedimento de mandato de Dilma Rousseff revelou, como já mencionado, uma profunda disputa política e ideológica e se configurou, metaforicamente, como uma arena de embates entre dois polos, que trouxe em cada polo uma posição e atitude sobre o evento social, totalmente antagônica. Em um polo se estabeleceu a ex-presidenta Dilma e aliados que denunciaram o processo aberto e aceito pela Câmara dos Deputados como um golpe parlamentar e o assumiram como um ataque à democracia por refutarem a denúncia de suposto crime de responsabilidade fiscal cometido pela ex-presidenta; no outro polo, estabeleceram-se os apoiadores do impeachment, que rechaçaram a perspectiva de golpe e encontraram respaldo

²² Vídeo extraído do Youtube da coreografia da música criada para a manifestação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GB27IGAb0Jw>.

no fato de o Supremo Tribunal Federal (STF) considerar legal o pedido de impedimento da continuidade do mandato. Dessa forma, o Brasil tornou-se uma arena de embate político e ideológico, que reverberou na situação social e se instaurou nos discursos, em que alguns sujeitos filiaram-se ao discurso do impeachment, produzindo um movimento social e também discursivo, como, por exemplo, o chamado Movimento Pró-impeachment, e outros se firmaram no discurso de que foi golpe parlamentar e lutaram a favor da democracia. Nesse sentido, em meio ao processo condensado em palavras reveladoras de posições ideológicas, o Brasil dividiu-se em dois polos de bandeiras, partidos, posições ideológicas, cores, manifestações, sentimentos e discursos.

O desfecho desse acontecimento político, jurídico, social, jornalístico e ideológico, conhecemos bem, e em trinta e um de agosto de 2016, dez meses após a aceitação do processo de impedimento da continuidade do mandato democraticamente eleito da então presidenta, o plenário do Senado condenou Dilma Rousseff à perda de seu cargo, com 61 votos a favor da condenação, contra 20 votos contrários à condenação, sob a acusação de ter cometido crime de responsabilidade fiscal – as chamadas pedaladas fiscais.

É do contexto social acima descrito, que o evento discursivo emanou, na interação discursiva, e se constitui, por seu caráter particular e individual, como um evento novo e irrepetível (BAKHTIN (2016[1952-53]), que se estabeleceu a partir da materialidade da carta divulgada, dentro de uma notícia publicada no Portal G1²³, de autoria da jornalista política Andreia Sadi, da GloboNews Brasília.

Dessa forma, não conseguimos revelar de que maneira a carta chegou ao conhecimento da jornalista. Apenas há especulações de que a carta pode ter sido vazada, inclusive propositalmente, ou simplesmente alguém (de dentro do governo, da mídia) resolveu divulgar. No entanto, necessitamos, antes disso, destacar que o gênero do discurso carta, emergiu de um evento discursivo primeiro – uma enunciação anterior – que se deu quando o vice-presidente da República Michel Temer, em um determinado horário, redigiu a carta para ser entregue à Dilma, com um caráter pessoal, endereçada à ex-presidenta. Detalhes sobre quando e como, tampouco tempo e espaço não conseguimos recuperar. O que conseguimos é recuperar a materialidade discursiva da carta, quando esta se ressignifica e se torna pública, ao tornar-se uma notícia política, veiculada no portal de notícias G1.

Nesse sentido, destacamos que a esfera de produção, circulação e recepção desse gênero, em sua enunciação primeira, é a esfera política, compreendendo, como aponta Brait (2006), as

²³ Reportagem na íntegra disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/leia-integra-da-carta-enviada-pelo-vice-michel-temer-dilma.html>.

esferas como instâncias organizadoras e estabilizadoras no que se refere à produção, circulação e recepção dos gêneros do discurso em diferentes campos da sociedade, afinal o locutor, que realiza seu projeto de dizer, é o vice-presidente da República Michel Temer, que assume como interlocutora imediata a “*senhora Presidente*”, ou seja, Dilma Rousseff, que detinha o maior cargo público do Poder Executivo. Assim como o discurso preponderante mobilizado na carta é o discurso político, em que o locutor assume ao longo do desenvolvimento da carta o tema político e as estratégias de governança. Destacamos que, embora o discurso preponderante seja político, sabemos que um sujeito não ocupa apenas um espaço social, mas sim, diversos espaços e transita entre esferas sociais, como destaca Faraco (2009, p. 121). Os sujeitos podem ser assumidos como “feixes de relações sociais: constituem-se e vivem nestes feixes que são múltiplos [...], são seres marcados por profunda e tensa heterogeneidade”. Porém, o sujeito, nesse evento discursivo, assume a esfera política no seu projeto de dizer.

Novamente reiteramos que o caráter da unicidade e irrepitibilidade do evento discursivo também é revelador de relações dialógicas, pois, ainda que os sujeitos sejam os mesmos, as escolhas lexicais sejam as mesmas, o texto seja o mesmo, sempre será uma nova possibilidade de dizer e de significar e, dessa forma, convocará outras atitudes responsivas ativas e outros interlocutores. No caso da materialidade discursiva da carta que foi publicada pelo portal de notícias G1, sabemos que constitui uma nova interação discursiva, advinda de outra esfera de produção, circulação e recepção da carta, que se estabeleceu na esfera jornalística. Dessa forma, ganhou uma nova significação devido à possibilidade ampla de leitura por diversas pessoas, e essa leitura ampliou a própria noção de direcionamento. Para além da “*senhora Presidente*”, a interlocutora imediata instituída na materialidade da carta, o direcionamento dessa carta se ampliou a todos os possíveis leitores que tiveram acesso ao conteúdo do portal de notícias e puderem interagir, responder, criticar, concordar e analisar esse gênero, isto é, estabeleceram relações dialógicas geradoras de sentido. Nesse sentido, a esfera jornalística, com discurso informativo, opinativo, um discurso que visa à divulgação da realidade social, estabelecendo uma forma de interpretar o mundo, ressignifica a materialidade da carta, exatamente pela possibilidade de torná-la pública. Em suma, o evento discursivo sai do Palácio do Planalto para tomar a imprensa nacional e circular em toda a sociedade. A mudança da esfera de circulação revela que o discurso, por ser uma prática social, jamais pode ser visto como estático, ele está em constante movimento. Ao levarmos em conta a prática discursiva, podemos ver a dinâmica que engloba o discurso na comunicação discursiva.

A situação social, portanto, não pode ser pensada somente como uma causa externa de um gênero discursivo. A situação social se integra ao gênero como parte constitutiva essencial

da estrutura de sua significação, revelando, dessa forma, que é na situação social que o gênero se realiza como um evento de interação social e como evento mantém sempre uma conexão próxima com a situação social. Como corrobora Brait (2013), o momento do acontecimento – a interação – bem como a situação social que a envolve, constitui a relação entre sujeitos, fazendo da interação social o fundamento semântico de todo o discurso. Isto é, compreender o evento discursivo oriundo da materialidade da carta e todas as relações dialógicas constitutivas dele passa pela compreensão da situação social – processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff e instabilidade política, econômica e social que tal evento implicou – da qual emergiu a carta.

Após a contextualização da situação social, como um aspecto ligado à exterioridade dos gêneros discurso, no que se refere a sua dupla orientação da realidade, na seção posterior, debruçamo-nos à análise e à interpretação do gênero discursivo carta, a partir dos elementos constitutivos da arquitetônica do gênero, a estrutura triádica: construção composicional, conteúdo temático e estilo.

4.2 A ARQUITETÔNICA DO GÊNERO DO DISCURSO: A TRÍADE CONSTITUTIVA

Filiamo-nos, ao longo deste estudo, à Teoria Dialógica do Discurso e à Teoria dos Gêneros do Discurso, do Círculo Bakhtiniano, e isso implica compreender a linguagem em perspectiva dialógica. Isto é, assumimos a concepção dialógica da linguagem, que tem como objeto de estudo o discurso, e dessa forma se constitui entre os falantes de uma determinada esfera de atuação humana, por meio de enunciados, que se tornam estáveis nos gêneros discursivos.

A partir dessa abordagem – dialógica – a linguagem não pode ser estudada fora da sociedade, uma vez que o enunciado concreto, como unidade real da comunicação, que se estabiliza nos gêneros de discurso, só se realiza na interação discursiva e na relação entre sujeitos e discursos (BAKHTIN, 2016[1952-53]). Ou seja, a interação discursiva instaura-se como condição para viver em sociedade e se concretiza nos gêneros. Nessa perspectiva, os gêneros discursivos são assumidos como formas de apreender a vida, sendo compreendidos para além de formas isoladas da língua, mas sim como possibilidade de concretização de um dizer, de uma determinada esfera de atividade humana, em uma interação discursiva, como nos revela Bakhtin: “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (2016[1952-53], p. 16).

O gênero, portanto, é uma prática social por excelência, e situado na realidade. Realiza-se sempre em uma interação discursiva, convertendo-se em um evento discursivo. Para compreendermos o evento discursivo – a carta de Temer a Dilma, debruçamo-nos à análise e à interpretação do gênero discursivo carta, a partir dos elementos constitutivos da arquitetura do gênero – a estrutura triádica – construção composicional, conteúdo temático e estilo, visto que esses elementos internos do gênero são constitutivos e indissociáveis e garantem relativa estabilidade na comunicação discursiva.

Sobre os aspectos da interioridade e exterioridade, Medviédev (2016[1928]) postulou que o gênero se constitui de uma dupla orientação na realidade, em que na primeira ligada a uma orientação de exterioridade, um gênero entra em um espaço e tempo real, “ocupa certo lugar, que é concedido pela vida, como corpo sonoro real. Esse corpo está disposto entre as pessoas que estão organizadas de determinadas formas” (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 195). A segunda orientação, por sua vez, está ligada à interioridade, pressupõe que cada gênero “é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui certos princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus de extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela” (MEDVIÉDEV, 2016[1928], p. 196). Em síntese, a realidade interna está ligada aos elementos de forma e conteúdo e a realidade externa está ligada às relações que o gênero estabelece com a realidade em que está inserido e todas as relações de sentido que estabelece, isto é, as relações dialógicas implicadas nos gêneros. Nessa perspectiva, compreender um evento discursivo implica compreender o gênero nessa dupla orientação na realidade. Sublinhamos, portanto, que neste momento interessa-nos a orientação interna dos gêneros, pois, na seção anterior exploramos a relação externa – a situação social que instaurou a interação discursiva, e na seção seguinte manteremos a perspectiva da relação externa, ao analisarmos enunciados concretos.

Ao definir que os gêneros do discurso “são tipos *relativamente estáveis* de enunciados” (BAKHTIN, 2016 [1952-53], p. 12, grifo do autor), Bakhtin esclarece que é por meio dos enunciados – orais e escritos – concretos e únicos que efetuamos o uso da língua, ou seja, a língua mobilizada na interação discursiva e convertida em discurso. Tais enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. A seguir, analisamos a construção composicional da carta de Temer a Dilma.

4.2.1 A construção composicional: o aspecto da forma está consolidado no gênero discursivo carta e suas variações

No que se refere à construção composicional da materialidade da carta que analisamos, apresenta os elementos constitutivos do gênero, como o elemento introdutório, a partir da marca linguística de data e local específicos: “*São Paulo, 07 de Dezembro de 2.015*”, marcando, dessa forma, um tempo e espaço de escritura da carta; também apresenta um vocativo: “*senhora Presidente*”, sublinhando dessa forma a quem se dirige a carta, porém, não menciona o nome próprio, refere-se, em verdade, à autoridade do País, ao sujeito público; além disso, nessa carta, o autor, na introdução, insere uma espécie de epígrafe “*Verba volante, scripta manent - (As palavras voam, os escritos permanecem)*”, como se antevisse um possível questionamento, sobre o porquê de enviar um texto escrito e não dizer e argumentar sobre tal conteúdo durante uma reunião entre os sujeitos dessa interação, ou seja, revelando o motivo da escolha desse gênero e não de outro. Em seguida, há o desenvolvimento da carta, ao longo de sessenta e oito linhas, em que o locutor desenvolve seu argumento sobre o conteúdo temático a ser abordado. Nessa parte, ele elenca onze fatos que constituem o desenvolvimento de sua argumentação, visto que a carta se dá, no desenvolvimento, exclusivamente por argumentação. Por fim, o desfecho da carta com sua despedida: “*Respeitosamente*” e sua assinatura “*L TEMER, A Sua Excelência a Senhora Doutora DILMA ROUSSEFF, DO. Presidente da República do Brasil, Palácio do Planalto*”. Evita na assinatura inserir seu nome próprio, mantendo seu sobrenome, como é conhecido publicamente.

A construção composicional, como elemento interno constitutivo dos gêneros do discurso, estabelece-se como o modo de organização e de estruturação do gênero, é a maneira como se dá a organização da materialidade do texto. Na carta analisada, evidenciamos que a estrutura específica apresenta local e data – tempo e espaço –, nomeia um destinatário – vocativo, que é um interlocutor direto; apresenta o desenvolvimento do tema abordado; apresenta uma despedida e tem a assinatura de quem a produziu – o locutor, isto é, instaura um autor. Essa construção composicional está consolidada no gênero discursivo carta e suas variações.

Na seção seguinte, exploramos o segundo elemento constitutivo da arquitetônica da concepção de gênero do discurso, o conteúdo temático.

4.2.2 O conteúdo temático da carta: para além do “desabafo”

O segundo elemento constitutivo da arquitetura da concepção de gênero do discurso na perspectiva Bakhtiniana que analisamos é o conteúdo temático, que diz respeito ao domínio de sentido do qual o gênero se ocupa. Salientamos que não se trata somente do assunto específico de um enunciado, mas sim, do tema eleito a partir do gênero discursivo mobilizado e que se constitui de alguns assuntos. Visto que, um amplo tema pode abordar diversos assuntos, em diferentes enunciados. Na carta em análise, olhamos para o conteúdo temático a partir do desenvolvimento da carta, que contém os assuntos organizados por itens, que se consolidam na sua construção argumentativa.

Sobre o conteúdo temático, revela-se um tema em primeiro plano na carta que se configura no sentimento de desconfiança que o locutor sente na relação estabelecida com “*a senhora Presidente*”, durante o primeiro mandato e o primeiro ano do segundo mandato – 2011 a 2015 – e anuncia em palavras fortes que “*sempre tive ciência da absoluta desconfiança da senhora e do seu entorno em relação a mim e ao PMDB*”, e o locutor continua anunciando que tal desconfiança “*era incompatível com o que fizemos para manter o apoio pessoal e partidário do governo*”. Porém, esse tema em primeiro plano culmina em uma temática maior que é a temática política.

O locutor apresenta onze fatos importantes ligados especialmente às formulações políticas e econômicas do Executivo – que se constituem de diferentes assuntos e acontecimentos – que corroboram esse sentimento de desconfiança. Tais fatores reveladores de desconfiança e descrença em sua aptidão para articulação política são listados na carta. No primeiro item, o locutor afirma que passou “*os quatro primeiros anos de governo como vice decorativo. A Senhora sabe disso. Perdi todo protagonismo político que tivera no passado e que poderia ter sido usado pelo governo. Só era chamado para resolver as votações do PMDB e as crises políticas*”. Nesse trecho, o locutor assume que viveu o primeiro mandato sem função relevante, sem possibilidade concreta de intervenção mais profunda no processo de governança, a não ser como mediador entre o PMDB e o PT, e os demais partidos. Nesse item, ao citar a perda de protagonismo, claramente o locutor está falando sobre o protagonismo que ele, como político e presidente nacional do PMDB no período – atual MDB –, tinha no que se refere a grandes articulações entre outros políticos e líderes, e como representante do partido, visto que a história já mostrou quanto o partido PMDB realizou articulações ao longo de muitos governos presidenciais. É um partido de liderança no cenário político brasileiro. Inclusive, nesse período, o presidente da Câmara dos Deputados foi o deputado Eduardo Cunha²⁴, do PMDB, quem

²⁴ Eduardo Cunha (PMDB-RJ) exerceu o cargo de deputado federal até setembro de 2016, período em que atuava como Presidente da Câmara dos Deputados, quando teve seu mandato cassado pelo plenário da Câmara dos

acatou e deu início ao processo de impedimento de governo do mandato de Dilma Rousseff, culminando com o impeachment. E por sua vez, Renan Calheiros, também PMDB, era o então presidente do Senado. Em síntese, o assunto desse item foi a perda do protagonismo político do locutor durante o primeiro mandato, culminando na sensação de ter sido um vice decorativo.

No segundo item, o locutor segue desenvolvendo sua perspectiva de “*absoluta desconfiança da senhora e do seu entorno em relação a mim e ao PMDB*” e sentencia: “*Jamais eu ou o PMDB fomos chamados para discutir formulações econômicas ou políticas do país; éramos meros acessórios, secundários, subsidiários*”. Nesse item dois, o locutor, na instância de um “*nós*”, de um discurso coletivo, realiza uma queixa de que eles – sujeito e partido – eram meros acessórios no governo, reiterando que eram secundários, apenas ocupavam seus cargos, ainda que o PMDB fosse de grande importância para o primeiro mandato e, por consequência, para o segundo também. À imprensa, Temer anunciou em alguns momentos que as eleições elegeram o presidente e o vice-presidente, e que o vice era governo também. Ou seja, não era apenas um governo do PT e da Dilma Rousseff, mas do PMDB, que perdia, de certa forma, o protagonismo político, ao assumir um cargo de vice-presidência do Brasil. O assunto repete-se nesse segundo item, quando novamente o locutor assume que perderam, ele e o PMDB, o protagonismo durante o primeiro mandato e também no primeiro ano do segundo.

Já no terceiro item da carta, o locutor apresenta uma situação crucial, no sentido de desvalorizar seu cargo e seu desempenho de estrategista político, ao dizer que “*A senhora, no segundo mandato, à última hora, não renovou o Ministério da Aviação Civil onde o Moreira Franco fez belíssimo trabalho elogiado durante a Copa do Mundo. Sabia que ele era uma indicação minha. Quis, portanto, desvalorizar-me. Cheguei a registrar este fato no dia seguinte, ao telefone*”. Nesse fragmento, o locutor relembra que a ex-presidenta Dilma reviu a decisão de manter Moreira Franco, do PMDB, no Ministério da Aviação Civil, cargo que ele ocupava até 2013. Quem assumiu o cargo de ministro foi Eliseu Padilha, também do PMDB e que também tinha ligações com o vice Michel Temer. Ao lembrar esse fato, ele afirma que tal atitude acabou por desmerecê-lo e desvalorizá-lo e que a ex-presidenta já sabia disso, afinal, ela havia tratado desse tema em conversa ao telefone entre os dois. Nesse item, o assunto é estratégia de política administrativa, a partir da escolha de qual ministro aliado convocar para o Ministério de Aviação.

No item quatro, o locutor apresenta mais uma situação que gerou descrédito na confiança concedida a ele, e mais, talvez uma retaliação por suas ações políticas, que ele chamou de episódio

Deputados, tornando-o inelegível até o final de 2026. Em outubro de 2016, tornou-se réu na Operação Lava-Jato e foi preso preventivamente. Em março de 2017, foi condenado a 15 anos e quatro meses de prisão pelo crime de corrupção passiva, lavagem de dinheiro e evasão de divisas.

Eliseu Padilha: *“No episódio Eliseu Padilha, mais recente, ele deixou o Ministério em razão de muitas “desfeitas”, culminando com o que o governo fez a ele, Ministro, retirando sem nenhum aviso prévio, nome com perfil técnico que ele, Ministro da área, indicara para a ANAC. Alardeou-se a) que fora retaliação a mim; b) que ele saiu porque faz parte de uma suposta conspiração”*. Nesse item, o locutor cita a decisão de Eliseu Padilha, também do PMDB, de se demitir do cargo de Ministro da Aviação, no dia 03 de dezembro de 2015, importante lembrar que foi um dia após o presidente da Câmara dos Deputados aceitar o pedido de impeachment contra a ex-presidenta Dilma. Vale informar que Eliseu Padilha também era um dos ministros próximos ao vice e tal ação culminou em um início de ruptura entre os PMDB e PT e, em consequência, o início da saída do PMDB do governo como base aliada. Novamente, o assunto preponderante é uma estratégia política, a qual o vice não aprovou e considerou uma retaliação a ele, por se tratar de uma indicação do partido e por ele não ser consultado previamente quanto a tal ação.

No quinto item, o locutor expõe sua atitude não titubeante ao assumir a coordenação política em um momento decisivo para a economia brasileira, quando a ex-presidenta Dilma Rousseff convoca ajuda: *“Quando a senhora fez um apelo para que eu assumisse a coordenação política, no momento em que o governo estava muito desprestigiado, atendi e fizemos, eu e o Padilha, aprovar o ajuste fiscal. Tema difícil porque dizia respeito aos trabalhadores e aos empresários. Não titubeamos. Estava em jogo o país. Quando se aprovou o ajuste, nada mais do que fazíamos tinha sequência no governo. Os acordos assumidos no Parlamento não foram cumpridos. Realizamos mais de 60 reuniões de líderes e bancadas ao longo do tempo solicitando apoio com a nossa credibilidade. Fomos obrigados a deixar aquela coordenação”*. Nesse item, o locutor expõe que ficou atuando como articulador político do governo entre abril e dezembro de 2015, buscando tratativas que potencializassem alianças para o governo, no entanto, com o início do processo de impeachment, é sabido que o vice encerra as atividades, pois segundo mencionado nesse item, os acordos assumidos para a aprovação do pacote de ajuste fiscal havia encerrado. É importante ressaltar que, nesse momento, o PMDB já abandonava o governo, almejando um percurso sozinho de governo, quando o processo de impeachment acabasse, que, como sabemos, se concretizou um ano após, com o vice assumindo o cargo de Presidente da República. Novamente, o assunto passa por formulações estratégicas e políticas para governar o país.

No item seis, o locutor trata do sentimento de ser ignorado pelo governo durante negociações e articulações entre o Planalto, Assembleia e Câmara dos Deputados: *“De qualquer forma, sou Presidente do PMDB e a senhora resolveu ignorar-me chamando o líder Picciani e seu pai para fazer um acordo sem nenhuma comunicação ao seu Vice e Presidente do Partido. Os dois ministros, sabe a senhora, foram nomeados por ele. E a senhora não teve a menor preocupação em eliminar*

do governo o Deputado Edinho Araújo, deputado de São Paulo e a mim ligado". Aqui, o locutor cita uma ação realizada pela interlocutora em outubro de 2015, quando a então presidenta Dilma realiza uma reforma ministerial, em que se reduziu o número de ministros de 39 para 31, no período o PMDB ganha sete pastas, mas os novos nomes foram indicados pelo líder do partido na Câmara dos Deputados, no período Leonardo Picciani (PMDB-RJ), e pelo Presidente da Assembleia do Rio de Janeiro Jorge Picciani (PMDB-RJ). Dessa forma, ela não optou por convocar o vice-presidente da República, que se refere a si próprio em terceira pessoa, que também era presidente nacional do PMDB, nem tão pouco líderes ligados a ele. O assunto em pauta novamente passa pelas formulações estratégicas e políticas para governar o país, que não foram realizadas pelo e com o locutor.

No item sete, o locutor se assume um democrata que dialoga com a oposição e, por isso, recebeu críticas: *"Democrata que sou, converso, sim, senhora Presidente, com a oposição. Sempre o fiz, pelos 24 anos que passei no Parlamento. Aliás, a primeira medida provisória do ajuste foi aprovada graças aos 8 (oito) votos do DEM, 6 (seis) do PSB e 3 (três) do PV, recordando que foi aprovado por apenas 22 votos. Sou criticado por isso, numa visão equivocada do nosso sistema. E não foi sem razão que em duas oportunidades ressaltai que deveríamos reunificar o país. O Palácio resolveu difundir e criticar"*. Ao se definir como um democrata que dialoga com a oposição, considera-se, como já sabido, um grande articulador político e afirma que essa foi sua conduta durante todos os 24 anos que passou como parlamentar. E não aceita que "o Palácio" – referindo-se indiretamente a Dilma e ao PT –, tenha divulgado e o criticado por tais ações, que buscavam reunificar o país. No entanto, o que ele argumenta está ligado a jantares e reunião que o vice concedeu durante o ano de 2015 a aliados e opositores, os quais eram divulgados na imprensa nacional, gerando um mal-estar político, afinal tais reuniões já revelavam possíveis articulações que posteriormente converteram-se em apoio durante o mandato de Temer.

No item oito, o locutor cita um momento em que não foi convidado à reunião com o vice-presidente de um país importante para estratégias políticas e econômicas brasileiras: *"Recordo, ainda, que a senhora, na posse, manteve reunião de duas horas com o Vice-Presidente Joe Biden - com quem construí boa amizade - sem convidar-me o que gerou em seus assessores a pergunta: o que é que houve que numa reunião com o Vice-Presidente dos Estados Unidos, o do Brasil não se faz presente? Antes, no episódio da "espionagem" americana, quando as conversas começaram a ser retomadas, a senhora mandava o Ministro da Justiça, para conversar com o Vice-Presidente dos Estados Unidos. Tudo isso tem significado absoluta falta de confiança"*. Nesse item, o locutor narra outro momento importante da agenda do Executivo no âmbito da diplomacia, o encontro entre a ex-presidenta do Brasil e o ex-vice-presidente dos Estados Unidos, Joe Biden,

no qual o vice não foi convidado a participar, mesmo tendo construído uma boa amizade com o político americano. Esse momento, nas palavras do locutor, significou “*uma absoluta falta de confiança*” nele e na sua função no Executivo. Novamente, o assunto abordado é a falta de confiança (e ressentimento, talvez?) sentida pelo locutor por não ter sido convidado a participar de tratativas políticas.

No item nove, o locutor relembra um vazamento que também gerou desconfiança: “*Mais recentemente, conversa nossa (das duas maiores autoridades do país) foi divulgada e de maneira inverídica sem nenhuma conexão com o teor da conversa*”. O locutor pontua uma situação comentada na imprensa nacional em 2015, quando conversa entre ambos foi divulgada pelos veículos de comunicação, culminando em grande especulação acerca da possível ruptura entre o PMDB e o PT.

Já no item dez, o locutor cita um programa importante para ele: “*Até o programa "Uma Ponte para o Futuro", aplaudido pela sociedade, cujas propostas poderiam ser utilizadas para recuperar a economia e resgatar a confiança foi tido como manobra desleal*”. Nesse item, o locutor cita o projeto que o PMDB e ele apresentaram em outubro de 2015 com medidas para retomar a economia brasileira. Segundo informações da imprensa do período, nem o PT nem a ex-presidenta foram citados no documento do projeto original, revelando uma postura adotada pelo PMDB, que revelaria posteriormente sua atitude e perspectiva de governança. Nesse ponto, o locutor assume como assunto a perspectiva do PMDB e dele em relação às estratégias e políticas para governar o país, que não foram aceitas pela ex-presidenta Dilma e pelo PT, por serem consideradas desleais.

E no item onze, o locutor encerra seus argumentos de que as atitudes da ex-presidenta do país gerou para com ele ausência de confiança: “*O PMDB tem ciência de que o governo busca promover a sua divisão, o que já tentou no passado, sem sucesso. A senhora sabe que, como Presidente do PMDB, devo manter cauteloso silêncio com o objetivo de procurar o que sempre fiz: a unidade partidária*”. Nesse último item de desenvolvimento, o locutor assume que o PMDB – e ele – tem a noção de que o governo busca dividir as forças do partido aliado, o próprio PMDB, o que nos remete a uma reiteração do item seis, e da tentativa do governo de conseguir votos do PMDB no Congresso por meio de negociação com outros aliados, que não necessariamente possuíam relação direta com o vice-presidente. Além disso, o locutor reitera sua vontade de unificar o partido e os partidos aliados.

Em síntese, após percorrermos os onze itens, constituídos de diferentes assuntos, mas que culminam em formulações políticas e econômicas que se tornaram, na perspectiva do locutor, fatores reveladores de desconfiança, revela-se uma temática maior que é a temática política. É sobre a

política nacional que o locutor constrói seu plano de dizer, porém assume o tema a partir do que ele anunciou como sentimento de desconfiança que sente na relação estabelecida com “*a senhora Presidente*”, durante o primeiro mandato e o primeiro ano do segundo mandato – 2011 a 2015. O locutor, dessa forma, ao se dizer vítima de desconfiança, procura mostrar-se como vítima nesse processo, e mais, parece querer se fazer ver como um sujeito leal e competente como articulador político, sobretudo ao partido ao qual está vinculado e aos apoiadores desse partido, porém, ao ser vítima de desconfiança, parece querer fazer-se ver pela sociedade como alguém que esteve à sombra da presidenta, isto é, longe de qualquer protagonismo nas decisões de Dilma Rousseff.

Na próxima seção, analisamos o terceiro elemento da estrutura triádica do gênero, o estilo.

4.2.3 O estilo na carta: o locutor realiza escolhas no seu projeto de dizer na interação

Como terceiro elemento da estrutura triádica do gênero, está o estilo. O estilo está ligado à seleção que o locutor realiza de formas linguísticas para que haja compreensão responsiva ativa pelo seu interlocutor, ou seja, que seu enunciado possa ser compreendido durante o evento discursivo. O estilo, dessa forma, está marcado na escolha da materialidade linguística, que por meio de enunciados concretos estabilizados em gêneros do discurso se inserem no fluxo da comunicação discursiva e passam de formas linguísticas para formas discursivas. O estilo está ligado diretamente à proposta do sujeito que se torna locutor na interação e realiza escolhas dentre as múltiplas possibilidades de combinações para dizer – seu plano comunicativo.

Na perspectiva da Teoria Dialógica do Discurso, o estilo está ligado ao enunciado e às formas típicas dos enunciados, ou seja, aos gêneros discursivos. Para Bakhtin (2016[1952-53]), o enunciado reflete em todas as esferas da comunicação a individualidade do sujeito que diz, e dessa forma possui um estilo individual, oriundo de cada sujeito. No que diz respeito ao gênero, no entanto, o autor afirma que nem todos os gêneros são unanimemente propícios ao estilo individual, sendo que os mais propícios são os literários, do discurso artístico, com maior possibilidade de individualidade e de criação. Ou seja, todo enunciado convoca um estilo individual, pois carrega a individualidade do falante, que se estabelece nas suas escolhas dos elementos linguísticos, revelando sua subjetividade, mas também carrega um estilo genérico, filiado a construções composicionais específicas, em que tal reflexo de individualidade se torna mínimo, sendo mais propícios em gêneros discursivos ligados a certa forma padronizada, como, por exemplo, documentos oficiais, em que o estilo individual não faz parte do enunciado. E há

ainda gêneros discursivos em que o estilo genérico instaurado pelo conteúdo temático e pela construção composicional mescla-se com a individualidade do falante, que realiza escolhas dentro do estilo posto, como, por exemplo, as cartas, e pode no desenvolvimento assumir escolhas pessoais.

Outro aspecto importante a se destacar refere-se ao indissolúvel vínculo entre o estilo, a construção composicional e o conteúdo temático. Os três influenciam-se e são influenciados por cada esfera de produção, recepção e circulação dos gêneros, uma vez que cada esfera produz gêneros apropriados a suas especificidades. Ao estabilizar tais gêneros, imprime por consequência uma temática, uma estrutura e estilo próprio. Como explica Bakhtin (2016[1952-53]), a estrutura triádica dos gêneros está ligada a uma dada função na interação discursiva, seja científica, política, artística, cotidiana, etc. A isso, somam-se as condições específicas das esferas de comunicação para existir, daí surge um determinado gênero, com relativa estabilidade, dentro do fluxo da comunicação discursiva.

Há ainda outro aspecto significativo no que se refere à noção de estilo de um gênero discursivo, ligado ao tipo de relação existente entre os sujeitos participantes do evento discursivo, tanto entre locutor e interlocutor imediato quanto ao interlocutor presumido e o superdestinatário que cada gênero pressupõe e instaura na interação. Isso significa dizer que a posição social que o interlocutor ocupa e ainda o relacionamento que se estabelece entre os parceiros da comunicação discursiva, seja mais íntimo ou mais formal, seja um familiar ou estabelecido em uma posição de hierarquia, influencia no estilo do gênero, pois cada escolha linguística será realizada a partir da temática a ser desenvolvida no dizer, na estrutura que compõe esse gênero e no estilo que será instaurado para que aconteça uma comunicação discursiva eficiente. É a própria noção de palavra – enunciado – como ato bilateral, conforme aponta Volóchinov, “ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 205, grifo do autor).

Ao pensarmos no estilo que compõe a carta em análise, podemos iniciar convocando o locutor, que se instaura como vice-presidente, um dos mais altos cargos do Poder Executivo, e se dirige à Presidenta da República, o mais alto cargo do Poder Executivo. Na carta, o locutor usa o vocativo “*senhora Presidente*”, e segue somente com “*senhora*” para assinalar a quem essa carta se dirige em primeira instância. Os sujeitos envolvidos nessa interação discursiva imediata são pessoas públicas, ocupam cargos políticos e possuem um papel ativo na nossa sociedade, pois são os representantes democraticamente eleitos. Dessa forma, não podemos pensar que a carta foi escrita por Michel Temer, pessoa física, à Dilma Rousseff, pessoa física, mas sim na instauração de um sujeito autor que se revela ao longo da materialidade linguística

como um eu, que é vice, e um nós, pois representa o PMDB, que escreve uma carta em tom de “desabafo” à “*senhora Presidente*” para tratar de política.

Essa interlocução previu um estilo próprio ao gênero. Ao se dirigir a essa interlocução imediata, o locutor mobiliza formas linguísticas com maior nível de formalidade, se comparado à linguagem utilizada no cotidiano das conversas informais. O que isso revela é que a linguagem informal demonstra maior liberdade quanto às regras gramaticais, de organização e de léxico. A linguagem formal, por sua vez, apresenta características opostas, isto é, voltada às normas gramaticais, tem um cuidado apurado com o léxico e com a construção textual, e torna-se uma linguagem aceita em todos os ambientes sociais. Ainda que a carta seja assumida pelo locutor como “*uma carta pessoal. É um desabafo que já deveria ter feito há muito tempo*”, não segue a tradição das cartas pessoais, escritas em tom informal, como aconteceria entre interlocutores mais íntimos, como as cartas pessoais entre familiares. O estilo desse gênero não é pessoal, ou não somente, nem informal, tampouco coloquial, ao contrário, é formal, pois está situado na esfera do discurso político e também jornalístico. O estilo na carta analisada é influenciado pela esfera de produção – política – desse gênero.

Ainda sobre o estilo da carta, o sujeito assume, em alguns momentos, uma posição discursiva de primeira pessoa, por meio do pronome do caso reto *eu* ou do oblíquo tônico *mim*; em outros momentos assume a posição discursiva de terceira pessoa, ou *eu* mais o partido PMDB, instaurando um *nós*. Ao assumir a primeira pessoa discursiva, o sujeito se revela como o vice-presidente, que precisa escrever em tom de desabafo à chefe do país e, ao assumir a pessoa discursiva nós, se instaura como político de carreira, que é filiado e presidente nacional de um partido, o PMDB. Aqui, ele se consolida como um representante de um coletivo social que é um partido político, trazendo consigo sua situação social.

Para ilustrar, na introdução da carta o locutor anuncia: “*Por isso lhe escrevo. Muito a propósito do intenso noticiário destes últimos dias e de tudo que me chega aos ouvidos das conversas no Palácio*”. Aqui, o vice diz que escreve pelo que escutou e viu que circulou na imprensa nacional acerca dos acontecimentos do momento – abertura do processo de impeachment – e segue anunciando que “*não é preciso alardear publicamente a necessidade da minha lealdade. Tenho-a revelado ao longo destes cinco anos*”, mas ainda sim escreve uma carta para ilustrar sua lealdade. E escreve, pois tem ciência de que a “*senhora*” tem desconfiança, “*em relação a mim e ao PMDB. Desconfiança incompatível com o que fizemos para manter o apoio pessoal e partidário ao seu governo*”. O locutor, nesse trecho, mobiliza um nós, para dizer que ele não é um só, ele traz consigo um partido aliado e que também governa. Que ele representa o PMDB no governo, ou seja, não se trata somente de uma carta pessoal, também é uma carta institucional, pois o locutor assume a

posição do partido político. Essa escolha de ora ser um locutor como um eu, ora ser uma instância como *nós* está diretamente ligada à proposta do sujeito nessa interação discursiva de se assumir como uma pessoa pública, que ocupa um cargo de prestígio, que representa uma parcela de eleitores brasileiros, mas também que fala como representante máximo do PMDB, e dessa forma se filia ao discurso e posição do partido, com isso revela não estar sozinho, não fala unicamente por si.

O estilo mobilizado nesse gênero discursivo em análise é um estilo genérico, que está intimamente ligado à estrutura triádica da carta – construção composicional e conteúdo temático –, porém houve espaço para um estilo mais individual do falante, ao, por exemplo, iniciar a carta, após a data e o vocativo, com uma epígrafe em latim “*Verba volant, scripta manent*” (*As palavras voam, os escritos permanecem*), convocando uma expressão latina, advinda do tradição clássica dos estudos em Direito – o qual sabemos que Michel Temer possui – e também como forma de justificar a escolha por escrever uma carta. Além disso, a escolha de ora assumir-se sujeito em primeira pessoa do singular, ora assumir a primeira pessoa do plural mostra que a individualidade desse locutor se constrói na generalidade do estilo, imprime ao gênero uma assinatura, uma autoria, e se distancia do sujeito pessoa, estabelecendo uma espécie de duplicidade de estilo, que a carta em análise permitiu.

Em suma, a estrutura triádica constitutiva dos gêneros discursivos, em sua orientação interna não pode ser pensada de forma dissociada, pois todos os elementos são constitutivos entre si e influenciam-se mutuamente, em que cada gênero do discurso apresenta um tema com uma função comunicativa do gênero, o que determina, por consequência, sua construção composicional e seu estilo. Assim, a construção composicional constituída pela materialidade linguística segue o formato de cada gênero, mas sempre de modo a atender às necessidades expressivas de cada locutor, ou sua individualidade de falante. De semelhante forma, o estilo e o conteúdo temático atendem às imposições do gênero, no entanto, reiteramos que o estilo não se reduz somente ao gênero discursivo mobilizado na interação, também apresenta peculiaridades próprias de cada sujeito envolvido no evento discursivo – locutor e interlocutor.

Após realizarmos a análise da estrutura triádica constitutiva da arquitetura do gênero discursivo, encaminhamo-nos, na seção seguinte, à análise das relações dialógicas geradoras de sentidos instauradas no evento discursivo.

4.3 AS RELAÇÕES DIALÓGICAS GERADORAS DE SENTIDOS INSTAURADAS NO EVENTO DISCURSIVO

A Teoria Dialógica do Discurso assume a perspectiva dialógica e enunciativa da linguagem, em que o enunciado concreto na interação discursiva é mobilizado como a “real unidade da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 28). Nessa perspectiva, o discurso – a língua em sua integridade concreta e viva – só existe nos enunciados, que são proferidos por determinados falantes, de distintas esferas da atividade humana, dentro de uma situação comunicativa, e fora dessa forma, não pode existir. Como define o teórico russo: o “discurso sempre está fundido em forma de enunciado” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 28).

Ao assumir a instância discursiva, o Círculo Bakhtiniano prevê que todo discurso – escrito ou falado – constitui apenas uma parte de uma comunicação verbal ininterrupta, constante e responsiva; e é o enunciado concreto que se estabelece como um elo na cadeia da comunicação discursiva. Isto é, um enunciado sempre convoca os enunciados anteriores e sempre suscita respostas a enunciados posteriores, dessa forma se configurando como o elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo de atividade humana. Nesse sentido, nosso objetivo nesta seção, é analisar os enunciados concretos, oriundos e constitutivos do evento discursivo, que se materializam na carta. Reiteramos que, ao assumirmos as partes isoladas da carta, por sua vez, estamos interessados em enunciados concretos, que individualmente representam relações dialógicas que geram sentidos e potencializam a compreensão a esse evento discursivo.

Nesta seção, objetivamos analisar doze enunciados concretos extraídos da materialidade discursiva da carta, reveladores de relações dialógicas geradoras de sentidos que potencializam a compreensão do evento discursivo.

Iniciamos a análise dos enunciados concretos, abordando a relação intrínseca entre sujeitos na interação discursiva. Afinal, os sujeitos participantes do evento de interação discursiva têm papel central no processo de construção de enunciados concretos. O locutor – eu – e o interlocutor(es) – outro(s) – são condição à realização, ao instaurarem uma peculiaridade intrínseca aos enunciados concretos, isto é, a relação de orientação e direcionamento. Tal peculiaridade é revelada por Volóchinov (2017[1929]) que assume que: “*a palavra é orientada para um interlocutor*” e mais “*é orientada para quem é esse interlocutor*” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 204-205, grifo do autor).

É na relação de pessoalidade que se instaura a noção de direcionamento; sob a perspectiva da Teoria Dialógica do Discurso, como postula Bakhtin (BAKHTIN, 2016[1952-53]), é possível instaurar um destinatário que pode ser um interlocutor direto do diálogo cotidiano – que chamamos aqui de interlocutor imediato –, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um

público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os adversários e inimigos, etc., – que chamamos de interlocutor presumido ligado à coletividade –, e ainda pode ser um outro totalmente indefinido, não concretizado – o superdestinatário (BAKHTIN, 2016[1952-53]). Tal noção é de grande relevância à compreensão deste evento discursivo.

No que se refere ao nosso autor do enunciado, o locutor, ele se coloca ora na instância de um “*eu*”, e ao fazer uso do sujeito simples assume que é o vice-presidente do Brasil, ou no seu desabafo “*vice decorativo*”, e ora na instância de um “*nós*”, ao mobilizar um sujeito composto, “*eu e o PMDB*”, e oscila entre ser “*eu*” e ser o “*nós*”, para escrever sua carta de desabafo, como evidenciamos no enunciado concreto (1).

“*Esta é uma carta pessoal. É um desabafo que já deveria ter feito há muito tempo*”.

Tal enunciado revela que o desejo de “dizer” do locutor é de “um bom tempo”, e resolve fazer por meio de uma carta dita pessoal, endereçada a “*senhora Presidente*”. No entanto, quando o locutor, que é vice-presidente da República, digita uma carta endereçada à Presidenta da República, isto é, estabelece como parceiros da comunicação os dois representantes mais importantes do Poder Executivo, dificilmente a carta será somente pessoal. Assim, é improvável que somente os dois tenham acesso ao conteúdo, pois toda comunicação entre sujeitos é importante, entre sujeitos públicos, da esfera política, importa sobremaneira à sociedade como um todo. Ou seja, ainda que o locutor não tivesse certeza de uma possível divulgação da carta, era possível prever que a interação discursiva por ele instaurada interessaria à imprensa e viraria notícia, como aconteceu, e produziu um novo evento discursivo. Tal é a importância dos protagonistas que, devido a essa nova interação, temos acesso à materialidade discursiva e podemos compreender um pouco melhor sobre a situação social e política do período. Disso, destacamos que a interlocutora imediata é a “*senhora Presidente*”, que está marcada na materialidade linguística, porém ela, como sujeito social, representante desse “feixe de relações sociais”, é representante de uma coletividade que se estabelece por ser do Partido dos Trabalhadores (PT), está ligada à aliança com o PMDB – partido do vice –, e também está ligada ao corpo ministerial e dos funcionários do Palácio do Planalto durante o mandato, ou seja, aqui se estabelece os interlocutores presumidos da carta, ainda que o locutor não mencione explicitamente na materialidade carta, o conteúdo temático – anteriormente analisado – interessa, sobremaneira, a esse coletivo.

Para construir seu projeto de dizer, isto é, seu “*desabafo*”, o locutor se apresenta mobilizando três diferentes posições, que podem ser compreendidas a partir de distintos enunciados concretos,

constituídos de diferentes discursos que se engendram na construção do sentido do todo da materialidade da carta. Ou seja, constrói seu projeto de dizer convocando distintos discursos, que se completam, se confirmam e respondem a enunciados que estão na sociedade, estabelecendo, assim, relações dialógicas geradoras de sentido (BAKHTIN, 2016[1952-53]). Analisamos, a partir de agora, cada diferente posição discursiva, selecionando doze enunciados concretos que se complementam e produzem sentido.

Um primeiro discurso mobilizado diz respeito ao posicionamento do locutor de não se considerar digno de confiança pela presidenta do Brasil e pelo seu entorno, durante os quatro anos do primeiro mandato em que governaram juntos, como pode ser evidenciado no enunciado concreto (2).

“Sempre tive ciência da absoluta desconfiança da senhora e do seu entorno em relação a mim e ao PMDB. Desconfiança incompatível com o que fizemos para manter o apoio pessoal e partidário ao seu governo”.

Nesse enunciado o locutor afirma ter absoluta certeza de que há desconfiança por parte da presidência de sua ação, ainda que ele e o PMDB – atual MDB – mostrassem apoio pessoal e partidário à presidenta e a seu partido, o PT. Ao longo da carta, conforme exposto na seção anterior, o locutor apresenta onze fatos importantes ligados especialmente às formulações políticas e econômicas do Executivo e, dentre eles, alguns revelam ações e estratégias no âmbito da administração e governabilidade que o vice-presidente realizou durante o primeiro mandato que, na ótica do locutor, não recebeu o devido valor, tampouco foi respaldado pela então Presidenta Dilma Rousseff e sua equipe de governo. Aqui, ele não fala sozinho, ele fala como uma autoridade do partido – no período era presidente nacional do PMDB – e convoca no seu projeto de dizer a voz do partido que constitui a base governamental do primeiro mandato, e do segundo mandato, ao menos do primeiro ano, após isso, o partido assume, como evidenciamos, a governança do país, visto que o vice-presidente assumiu como presidente interino e, posteriormente, como presidente da República.

Em outro enunciado concreto (3), o locutor desenvolve a perspectiva da ausência de confiança:

“Tudo isso tem significado absoluta falta de confiança”

Ao dizer que *“Tudo isso tem significado absoluta falta de confiança”*, o locutor cita, por exemplo, o caso em que ele não foi convidado a participar de uma reunião com o então vice-presidente dos Estados Unidos da América, e não teve a possibilidade de interagir com o líder de

prestígio mundial, ainda que eles estivessem estabelecido, segundo consta no desenvolvimento carta, certa relação amigável em ocasião anterior, revelando novamente ao seu interlocutor que o sentimento reinante no “*desabafo*” é de desconfiança.

Tal perspectiva – absoluta falta de desconfiança – defendida pelo locutor está em todo o desenvolvimento da carta, sendo reiterado inclusive no desfecho, quando o locutor encerra com o enunciado concreto (4) abaixo:

“finalmente, sei que a senhora não tem confiança em mim e no PMDB, hoje, e não terá amanhã. Lamento, mas esta é a minha convicção”.

Nesse enunciado, o locutor, mobilizando “*nós*”, fala novamente pelo e como PMDB, e é taxativo ao revelar que ele sabe que o interlocutor – “*senhora Presidente*” – não tem confiança, nele como vice-presidente, tampouco como presidente e líder do partido. Ele não é apenas o vice-presidente, mas também um líder político com experiência de mais de 24 anos no Parlamento, e assume a desconfiança como sua convicção.

Ao assumir o discurso da desconfiança intrínseca na relação entre o locutor e o interlocutor, construído nos enunciados concretos acima citados, podemos interpretar que o locutor assume um posicionamento de vitimização ao longo do “*desabafo*”. Na perspectiva da vitimização, implica que ele foi impossibilitado de atuar efetivamente e de contribuir no processo de governabilidade do Brasil. O que tal sentido revela é que, ao ser tornar uma vítima, não teve poder de decisão, tampouco pode ser culpabilizado por atitudes do governo que foram consideradas equivocadas e impopulares à sociedade, e outras consideradas ilegais, como as pedaladas fiscais, que se tornaram crimes de responsabilidade fiscal e configuraram provas substanciais para abertura do processo de impeachment contra a presidenta Dilma Rousseff. Nessa perspectiva, o discurso de vitimização, derivado da convicção da ausência de confiança em relação a ele e ao PMDB, parece-nos confirmar uma tentativa de assumir um discurso de defesa de suas atitudes, ou das não atitudes, durante os quatro anos do primeiro mandato e o primeiro ano do segundo mandato. Ao assumir tal discurso, o locutor nos parece responder aos discursos que circulam socialmente, especialmente, entre os eleitores frustrados da chapa Dilma-Temer das eleições de 2014, que veem seus candidatos, ou melhor, sua candidata eleita sofrendo processo de impeachment devido ao crime fiscal – as tais pedaladas –, e sendo culpada por tais ações. Ou seja, na esfera discursiva, esses enunciados se conectam como respostas, pois todo enunciado é “repleto de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de um dado campo da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 57).

Tais relações de sentidos que se estabelecem nesses enunciados concretos e se instauram no plano discursivo, instituem, na carta, um direcionamento; afinal, como nos aponta Bakhtin (2016[1952-53]), é na fronteira entre duas consciências, dois sujeitos, no mínimo, que o enunciado existe. Sobre o direcionamento instaurado nos enunciados concretos, temos a “*senhora Presidente*”, interlocutora imediata nomeada na carta, mas também se estabelece aqui uma interlocução presumida, que se dá com outros políticos, em destaque ao próprio partido PMDB, que são aliados do locutor e em alguns momentos estão juntos no momento do “*desabafo*” do locutor, e outros que não, pois, conforme nos revela a situação social e política do período, com a abertura do processo de impeachment, agravou a ruptura na base política – PMDB e PT – e no próprio partido, isto é, nem todos os políticos do PMDB eram aliados do vice-presidente.

Percebe-se a ocorrência de um direcionamento presumido aos aliados da presidenta do Brasil no período, como podemos ilustrar no trecho em que o locutor revela que sentia a desconfiança “*da senhora e do seu entorno*”. Ou seja, podemos assumir como entorno os Ministros que compunham a equipe de governo, os políticos do Partido dos Trabalhadores que compunham a base aliada que possibilitava a governabilidade e afinava o diálogo entre os poderes Legislativo e Executivo e, ainda, os demais integrantes do entorno que o locutor chamou de integrantes do “*palácio*”. Inclusive, no início da carta, o locutor apresenta um dos motivos para escrevê-la: “*Por isso lhe escrevo. Muito a propósito do intenso noticiário destes últimos dias e de tudo que me chega aos ouvidos das conversas no Palácio*”.

Sequenciando a análise dos enunciados concretos, outro discurso mobilizado na carta diz respeito à posição de isenção de responsabilidade em que o locutor se coloca. Logo no início da carta está o enunciado concreto (5):

“*Passei os quatro primeiros anos de governo como vice decorativo*”.

Certamente um dos enunciados mais significativos à compreensão do evento discursivo, pois que relações de sentidos implicam na escolha lexical “*decorativo*”, que tem como conceito de “que decora, que ornamenta, que serve para enfeitar, embelezar, ornamental” (DICIO, 2019). Isto é, nesse enunciado o locutor assume ter tido um papel meramente ornamental, no que se refere à atuação nas ações políticas do governo, assumindo-se como um objeto decorativo. E defende tal discurso ao longo do desenvolvimento da carta, em que apresenta e argumenta sobre onze fatos em que ele não pode atuar com protagonismo devido, mas sim apenas realizar mínimas interferências, quase nulas.

Porém, na perspectiva do locutor, não foi somente ele quem agiu como “*vice decorativo*”, o PMDB também teve tal atitude durante o período de mandato, como fica claro no enunciado concreto (6):

“Éramos meros acessórios, secundários, subsidiários

Aqui, o locutor, na instância do “*nós*” define que eles eram, nesse momento, apenas políticos secundários, realizando um papel de coadjuvância no governo e, dessa forma, não tinham relevância e liderança, tampouco protagonismo político. Ao se assumir como mero acessório, o locutor convoca o discurso da isenção de responsabilidade e de possíveis culpas, as quais recaiam sobre a presidenta Dilma Rousseff naquele período.

Ao se isentar de responsabilidade política no governo, uma possibilidade de interpretação repousa na necessidade de o locutor se assumir idôneo, tanto ele, quanto seu partido, e que essa idoneidade fosse respaldada pela interlocutora imediata, talvez, mas também fosse respaldada pela sociedade brasileira em um todo, também pelo Poder Judiciário – que realiza o processo de julgamento de impeachment – e ainda pelo Poder Legislativo, que tem função importante no processo de governabilidade.

Ainda sobre o discurso de isenção de responsabilidade assumido pelo locutor, podemos dizer que tal discurso se estabelece em relação responsiva com uma parcela da sociedade, que assume o discurso de apoio ao impeachment, e que rechaça a perspectiva de golpe – o chamado Movimento Pró-impeachment. Afinal, ao se assumir idôneo, o locutor, vice-presidente, ainda está apto para governar e representar os eleitores brasileiros. Dessa forma, esse enunciado se estabelece como uma resposta a esses enunciados anteriores, constitui-se como “reflexo de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 57).

Há ainda mais uma análise das relações dialógicas estabelecidas no evento discurso a ser desenvolvida, que se estabelece como outro discurso constitutivo do evento discursivo, que está ligado à postura de confiabilidade, capacidade e competência do locutor, como político de profissão. Ao realizar o “*desabafo*”, o locutor constrói uma argumentação em defesa de como ele é um político capaz, como ele pode ser confiável nos momentos cruciais, e como ele é competente, ainda que não seja digno de confiança pela presidenta do Brasil, e ainda que ele tenha sido apenas um “*vice decorativo*”. O enunciado concreto (7) expressa uma posição de lealdade intrínseca ao locutor:

“Desde logo lhe digo que não é preciso alardear publicamente a necessidade da minha lealdade.”

Porém, tal enunciado soa bastante contraditório com o projeto de dizer empreendido pelo locutor, que escreve uma carta e envia à presidenta do país, via funcionário do Palácio do Planalto. Além disso, vale refletir sobre qual o objetivo de iniciar uma carta desabafo, que em seu desenvolvimento potencializa o discurso de ausência de confiança entre eles e de isenção de responsabilidade no que se refere a estratégias políticas que se tornaram impopulares durante o mandato, mas necessita assumir-se leal à chapa do governo. Novamente, faz-se necessário refletir para quem o locutor se dirige e diz ser leal, tanto que nem precisar alardear publicamente, embora o faça.

Em outro enunciado concreto (8), o locutor mobiliza o discurso de autoridade, da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 para comprovar de fato sua lealdade institucional:

“Lealdade institucional pautada pelo art. 79 da Constituição Federal. Sei quais são as funções do Vice. À minha natural descrição conectei aquela derivada daquele dispositivo constitucional”.

Vale ressaltar que o artigo 79 prevê que o vice-presidente “Substituirá o Presidente, no caso de impedimento, e suceder-lhe-á, no de vaga, o Vice-Presidente” (BRASIL, 1988). Ou seja, o locutor se assume leal ao Poder Executivo, apto a convocar a Constituição e revela estar pronto para assumir o cargo de presidente da República, em caso de impedimento. Nesse enunciado, o locutor deixa claro que ele está disponível, conforme prevê a lei, para cumprir seu dever. Isto é, o locutor diz claramente ao interlocutor imediato, mas também aos interlocutores presumidos, que ele já pensa sobre a condenação do impeachment e sobre a possibilidade de ele se tornar presidente.

Sobre tal possibilidade vale ressaltar que, no período de afastamento da ex-presidenta Dilma Rousseff, Michel Temer assumiu como presidente interino durante o julgamento e em 31 de agosto de 2016 assumiu como presidente, cumprindo seu cargo até 31 de dezembro de

2018. Nesse período, foi amplamente criticado em manifestações²⁵ sociais, sendo chamado de “Temer golpista”, além de várias manifestações com gritos de “Fora Temer”.

Dessa forma, depreendemos que o locutor mobiliza tal discurso de competência política, materializado em alguns enunciados concretos, como resposta ao discurso que circulou fortemente na sociedade de que ele possa ter contribuído, juntamente com outros políticos nacionais para arquitetar o chamado “golpe”²⁶. Dessa forma, essa construção se estabelece como uma refutação a esse discurso, que poderia interferir em seus planos futuros de governabilidade. Como definiu Volóchinov (2017[1929]) um enunciado concreto é sempre orientado para discursos anteriores, realizados na mesma esfera, aqui a política, e dessa forma todo enunciado “participa de uma grande discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e critica possíveis, busca apoio e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2017 p. 219).

Ainda no que se refere ao discurso de competência, visando refutar tais discursos que circulavam socialmente, o locutor expõe suas habilidades políticas, como explicitado no enunciado concreto (9).

“Democrata que sou, converso, sim, senhora Presidente, com a oposição. Sempre o fiz, pelos 24 anos que passei no Parlamento”.

Ou seja, o locutor se coloca com uma habilidade de construir diálogos tanto com a situação, quanto com a oposição, instaurando-se como um grande articulador, inclusive, durante os 24 anos

²⁵ Alguns jornais publicaram notícias e reportagens sobre o tema, como por exemplo: <https://www.politize.com.br/manifestacoes-fora-temer-entenda/>; <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/46437-manifestacao-fora-temer-em-sao-paulo/>; <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/05/1884977-manifestacao-anti-temer-reune-centenas-de-pessoas-na-av-paulista.shtml>.

²⁶ Durante o processo de julgamento do impeachment, em março de 2016, áudios de conversas entre o então Ministro do Planejamento e senador licenciado Romero Jucá (PMDB) com o então ex-presidente da Transpetro Sérgio Machado foram vazados à imprensa nacional. Em síntese, o teor das conversas revela uma tentativa de criar um pacto para “estancar a sangria”, que representava a Operação Lava Jato. Dentre toda a conversa, um trecho é muito importante e envolve o então presidente interino Michel Temer, que nós citamos aqui, extraídos do jornal *Folha de São Paulo*:

“Jucá – Você tem que ver com seu advogado como é que a gente pode ajudar. [...] Tem que mudar o governo pra poder estancar essa sangria. [...]

Machado – Rapaz, a solução mais fácil era botar o Michel. [...]

Machado – É um acordo, botar o Michel, num grande acordo nacional.

Jucá – Com o Supremo, com tudo.

Machado – Com tudo, aí parava tudo. [...]”.

Link para o texto na íntegra: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1774018-em-dialogos-gravados-juca-fala-em-pacto-para-deter-avanco-da-lava-jato.shtml>. Acesso em: 02 nov. 2019.

em que atuou como parlamentar. Dessa forma, possibilita uma leitura de que só não atuou com maior ênfase na articulação política do mandato, pois não foi digno de confiança – eis sua convicção.

Em outro enunciado concreto (10), ele complementa o discurso de competência política, e ao seu caráter de articulador político:

“Tenho mantido a unidade do PMDB apoiando seu governo usando o prestígio político que tenho advindo da credibilidade e do respeito que granjeei no partido”

Aqui o locutor assume seu papel de mediador, isto é, responsável pela união entre PMDB e PT e ainda de demais partidos aliados, afinal, além de ser o vice-presidente da República, parlamentar de carreira, é o presidente nacional do partido PMDB, e possui grande prestígio político, capaz de dialogar com a oposição e trabalhar na manutenção da unidade partidária. Dessa forma, ele apresenta uma das suas maiores habilidades políticas, ser um articulador. Novamente, o locutor se coloca em uma posição de político capaz, confiável e competente, e que só não atuou mais por culpa da “presidenta”. Com isso se isenta de qualquer reponsabilidade, porque não recebeu a devida aprovação e confiança que lhe eram cabidas para se tornar um verdadeiro protagonista durante o mandato.

A construção do discurso de político competente, confiável, com habilidades em estabelecer diálogos com aliados e oposição, reforça o que depreendemos sobre se estabelecer como uma resposta aos discursos críticos que circularam socialmente em relação ao locutor que ao responder tais vozes sociais, tenta, talvez, refutar tais discursos críticos, e busca, provavelmente, angariar apoio político e popular. Isso porque os enunciados estão sempre constituindo interação entre sujeitos participantes da situação discursiva (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

Outro enunciado concreto (11) que merece nossa leitura atenta diz respeito à forma como o locutor nomeia seu interlocutor imediato, que é:

“senhora Presidente”

O locutor usa duas vezes ao longo da carta tal vocativo. Importante destacar que, durante o primeiro mandato, e mesmo antes, Dilma Rousseff já mencionava desejo, se fosse eleita, de ser chamada pelo substantivo feminino presidenta para designar o cargo. Com a eleição, ela assume como a primeira mulher a presidir o Brasil, e prefere ser assim designada. Aproveita a situação para sancionar a Lei nº 12.605, de 3 de abril de 2012, que determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas (BRASIL, 2012). Apesar do desejo

expresso e sancionado, alguns órgãos da mídia não aderiram a essa nomenclatura, e como evidenciamos na carta, tampouco seu vice-presidente.

Para ilustrar que Temer não assumiu o uso do termo “presidenta”, relembramos que em 2016, a nova direção Empresa Brasileira de Comunicação, após receber ordem do presidente interino – Michel Temer – anunciou que “Por orientação da gerência executiva, informamos que a TV Brasil passa a adotar a forma presidente, independentemente do gênero. Deixamos, portanto, de usar presidenta”. Não foi apenas uma escolha linguística e gramatical de uso, revela relações ideológicas mais intrínsecas manifestadas via linguagem, pois tal escolha ideológica se confirma com a decisão de Michel Temer ao assumir como presidente de formar uma equipe ministerial sem mulheres, por exemplo, formando um ministério somente masculino. Segundo aponta a linguista Florence Carboni (2016)²⁷, com a “exótica” determinação compulsória de proibir essa flexão, o vice Michel Temer, que se apoderou da presidência pela força do impeachment, pretende alçar-se também à autoridade linguística discricionária. Aqui tal enunciado reforça, no fluxo discursivo, com um discurso presente na sociedade brasileira de que a política nacional, em reflexo à sociedade, é machista. Ao não assumir tal uso do substantivo feminino “presidenta”, o locutor vai confirmar que sim, tal ação pode ser reveladora do machismo profundo na política brasileira, construindo assim uma atitude responsiva de confirmação de discurso sociais, abrindo espaço para que outros enunciados sejam mobilizados para criticar tal postura, isto é, estabelecendo relações dialógicas (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

Outro aspecto que ainda destacamos desse enunciado é o uso do pronome de tratamento “*senhora*”, mobilizando-o, inclusive, por mais dez vezes, no desenvolvimento da carta. Porém, conforme postulam as gramáticas normativas de língua portuguesa, o pronome de tratamento adequado é “Vossa Excelência”, visto que “se emprega para Presidente da República, ministros, governadores, senadores, deputados e as mais altas patentes militares” (CUNHA, 2016, p. 172). O que nos levar a considerar que, ainda que o estilo empregado pelo locutor seja formal, conforme anteriormente elucidado, o locutor aqui mobiliza a língua de forma bastante informal, como se não tivesse ciência do pronome de tratamento oficial a ser utilizado, talvez em uma tentativa de deslegitimação da interlocutora, que é mulher e detinha, no período, o cargo mais importante do Executivo.

Ainda, ao mobilizar o enunciado “*senhora*” é possível estabelecer relação direta com os poetas medievais que chamavam suas amadas de “minhas senhoras” nas poesias – cantigas de amor – de sua época. Ou seja, ao selecionar um pronome pouco usual, um tanto informal, nesse

²⁷ Para ler o artigo “Temer não gosta da presidenta”, de Florence Carboni (2016) na íntegra: <http://www.correiocidadania.com.br/politica/11725-07-06-2016-temer-nao-gosta-da-presidenta>.

contexto de diálogo entre vice-presidente e presidenta, parece-nos que o locutor dialoga com sua interlocutora como se fossem pessoas comuns e não como os dois maiores representantes do Poder Executivo, e representantes políticos. Tal escolha, leva-nos a assumir que a escolha do locutor pelo enunciado carrega consigo um discurso machista, que atinge a sociedade brasileira como um todo, e também a esfera política. Essa relação se encora, no que postula o Círculo de Bakhtin, que todo discurso dialoga com discursos que o precedem e o sucedem, formando um elo da cadeia da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

Outro enunciado concreto (12) que analisamos é o que assume papel de epígrafe da carta:

“Verba volant, scripta manent (As palavras voam, os escritos permanecem)”

O provérbio latino pode ser interpretado como um aconselhamento, em que ficam os acordos e contratos escritos, mas os pronunciamentos e os discursos voam e se esvaem no fluxo da temporalidade, são esquecidos. Tal enunciado pode revelar grande sentido na compreensão do evento discursivo, pois aqui o locutor assume uma esfera social à qual ele também pertence, a esfera jurídica. Sabemos que Michel Temer atuou na área do Direito Constitucional, convocando uma citação que é mobilizada na interação jurídica – expressões latinas compõem os gêneros do discurso político. E conforme apontam De Paula e Oliveira: “[...] como signo ideológico, seus sentidos referenciam a pontos de vista pertencentes a classes ou grupos sociais que organizam a linguagem a partir de seus valores e que lhe inserem uma lógica discursiva, reflexo e refração de suas vozes” (DE PAULA; OLIVEIRA, 2019, p. 358). Os valores que estão em jogo aqui representam classes sociais distintas, a de quem escreve, Michel Temer, cultura letrada e formal, usando inclusive citação em latim, e a de quem lê, que pode identificar-se com essa cultura ou refutá-la (pensamos aqui em grande parte dos eleitores de Dilma, por exemplo).

Ainda há outro aspecto: a escrita da carta, diferentemente de um texto falado, permanecerá; assim, o uso da epígrafe em latim acaba revelando uma possível intencionalidade do locutor para que a carta permaneça, seja lida, seja lembrada. Nesse ponto, questionamo-nos sobre a divulgação da carta, se foi proposital ou intencional, embora não possamos comprovar a intencionalidade do locutor.

Em síntese, depreendemos que todos os discursos evocados nestes 12 enunciados concretos estão em relação dialógica entre si e com a situação social, pois então participando e construindo discussões ideológicas, por meio de respostas, confrontos de posicionamentos, debate, confirmação, aceitação, negação e refutação de outros discursos, ou seja, como postulou

o Círculo Bakhtiniano, estão construindo diálogos entre sujeitos, discursos, enunciados que ganham sentido nessa interação discursiva (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

Além disso, reiteramos que o enunciado concreto, como objeto de estudo da linguagem, na perspectiva do Círculo Bakhtiniano, não deve ser estudado isoladamente. O momento de seu acontecimento – a enunciação, aqui o evento – bem como a situação social que a envolve, constitui a relação entre sujeitos, fazendo da interação social o fundamento semântico de todo o discurso. Dessa forma, precisamos alocar os enunciados analisados no evento discursivo, que foi instaurado com a divulgação da materialidade da carta no portal de notícias G1, e posteriormente replicado a outros veículos de comunicação, e dessa forma refletir sobre as relações que se estabelecem quando nesse evento a noção de direcionamento se amplia e ressignifica com a inserção dos leitores na interação discursiva. Afinal, todos os leitores daquela notícia e daquele Portal de notícias puderam ler e interpretar a carta em tom de desabafo do locutor, naquele tempo e espaço, mas também ainda podem ler e interpretar o dito atualmente, ou seja, a carta está conectada ao fluxo discursivo e, por conseguinte, à grande temporalidade, não possui fronteiras de espaço e tempo. Dessa forma, instaura um direcionamento mais amplo e complexo, que é o superdestinatário, que é outro indeterminado, pois como mensurar a totalidade de leitores da carta que estabeleceu relações dialógicas com os enunciados? O que sabemos é que esse coletivo representa uma grande parcela do povo brasileiro – eleitores, apoiadores, opositores – representantes de diferentes expressões ideológicas.

4.3.1 O locutor em relação ao (s) outro (s): a construção conjunta das relações geradoras de sentidos

Ao instaurar estes outros parceiros na interação discursiva, que são presumidos, e ainda este “terceiro” indeterminado, que se concretiza na coletividade social, que relações de sentidos estabelecem com o discurso de vitimização que o locutor apresenta nos enunciados analisados? Esses parceiros instaurados no evento discursivo – presumidos e os integrantes do superdestinatário – concordam com o sentimento de desconfiança que o locutor exprime? Refutam o discurso de vitimização, afinal a função do vice-presidente é contribuir à governabilidade, porém não ser o protagonista? Aceitam o discurso de isenção de responsabilidade, defendido ao longo da materialidade carta pelo locutor? E, por fim, o que significa um vice-presidente desabafar sobre os cinco anos de mandato, em caráter pessoal, uma semana após a aceitação pela Câmara dos Deputados do processo de impeachment contra a então Presidenta Dilma Rousseff? Impossível é precisar todas as atitudes responsivas que tal

interação discursiva mobilizou, mas é possível mensurar algumas relações de sentido presumidas neste contexto.

Por exemplo, o locutor, ao se assumir como uma vítima, resultante da ausência de confiança concedida pela então presidenta da República e “pelos seus”, durante os quatro anos do primeiro mandato, convoca interlocutores que aceitem o argumento e possam acreditar que realmente não teve interferência no que aconteceu durante o governo e atuou como um “*vice decorativo*”. Além disso, ao se considerar no seu cargo como “decorativo”, o discurso mobilizado é o de isenção de responsabilidade sobre todas as ações do governo, ou seja, daqui podemos compreender que ele direciona seu discurso para quem está julgando o processo de impeachment, mas também direciona à população, em especial, aos que acreditam que a então presidenta Dilma é culpada e deve ser condenada.

Aqui, novamente o locutor estabelece relações dialógicas que compactuam com o seu discurso, e não visa um discurso de refutação. E, por fim, o locutor revela-se como um político capaz, confiável e competente, e que pela performance que sempre teve como articulador político com a situação e com a oposição, por ser o mediador e unificador dos partidos da base governamental e por ter experiência de 24 anos no Parlamento, parece-nos querer deixar claro que se sente pronto para assumir o governo do país, quando o impeachment acontecer.

Quando pontuamos as relações de sentido advindas dos enunciados analisados que se estabilizam no gênero discursivo e na interação discursiva instaurada, temos uma carta em tom de desabafo, em que o locutor revela ao seu interlocutor imediato “*senhora Presidente*”, estar chateado com sua atuação durante o mandato como vice, mas também revela aos seus interlocutores presumidos e ao superdestinatário que está aliviado por tal ausência de protagonismo, pois assim não se considera responsável pelos problemas do governo e ação impopulares, e sente a necessidade de escrever e apontar quão capaz e confiável ele pode ser na sua atuação política. E diz isso quando ele tem a informação de que um processo de impeachment foi instaurado na semana anterior à escrita da carta. Logo, as relações dialógicas geradoras de sentido se potencializam com a possibilidade de ampliação de interlocução, o que mostra que os discursos mobilizados na materialidade discursiva da carta são mais complexos do que apenas um simples “*desabafo*” de uma “*carta pessoal*”.

Ao situarmos o gênero discursivo como prática social e situada, que emana da interação discursiva, que se constitui das relações de sentido entre discursos, sujeitos e enunciados, compreendemos que a carta em análise converte-se em uma carta aberta. E é especialmente a possibilidade de direcionamento que corrobora nossa afirmação, afinal os enunciados analisados contribuem à compreensão de que o tema abordado está ligado à relação de desconfiança entre os representantes do poder Executivo. Temos de considerar que tal situação passa por situações

políticas e todas públicas e que, de uma forma ou outra, interessam para além do locutor e da interlocução imediata, pois interessam sobremaneira a toda a sociedade brasileira.

Em síntese, nesta seção, selecionamos doze enunciados concretos oriundos da materialidade discursiva da carta, dentro dessa interação discursiva, instituindo o evento discursivo que ora analisamos. Reiteramos que, ao assumirmos as partes isoladas, por sua vez, estamos interessados em enunciados concretos, que individualmente representam relações dialógicas que geram sentidos e potencializam nossa compreensão a esse evento discursivo. Na seção seguinte, voltamo-nos à discussão da análise e interpretação realizada ao longo deste capítulo, culminando na seção de discussão da compreensão do evento discursivo.

4.4 SENHORA PRESIDENTE, SERÁ QUE ESTA É UMA CARTA PESSOAL?: DISCUSSÃO DA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO EVENTO DISCURSIVO

Finalizamos a análise e interpretação do nosso *corpus*: o evento discurso – a carta de Temer a Dilma, divulgada pela imprensa em sete de dezembro de 2015. Por isso, interessa-nos realizar uma discussão, a fim de estabelecer os pontos essenciais desenvolvidos ao longo da análise e interpretação, com vistas à compreensão do evento discursivo. Importante destacar que, quando voltamos nosso olhar à carta, à situação social e à interação discursiva da qual a carta emanou e na qual se instaurou, estabelecemos uma hipótese importante – seria esta carta não uma carta pessoal, mas uma carta aberta? Nesta seção, buscaremos compreender o evento discursivo e encontrar uma possibilidade de resolução para essa questão norteadora.

Um dos primeiros pontos essenciais no que se refere a nossa compreensão é de que a linguagem não pode ser estudada fora da sociedade, pois os enunciados concretos, estabilizados em gêneros do discurso, só se realizam na interação discursiva. Isto é, a interação discursiva é condição para viver e interagir em sociedade. Nessa perspectiva, os gêneros discursivos são assumidos como formas de apreender a vida, sendo compreendidos para além de formas isoladas da língua, mas sim como possibilidade de concretização de um dizer, de uma determinada esfera de atividade humana, em uma interação discursiva. O gênero, portanto, é social e situado na realidade (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

Nesse primeiro ponto, repousa um aspecto de grande relevância à compreensão do próprio conceito de gênero discursivo, uma vez que tal conceito se realiza em uma dupla orientação na realidade abarcando a totalidade do gênero, postulado por Medviédev (2016[1928]), em que os gêneros se constituem de uma dimensão de interioridade, ligada aos elementos internos e constitutivos da arquitetura do conceito de gênero – construção

composicional, conteúdo temático e estilo – e uma dimensão de exterioridade, ligada à vida, em que o gênero se situa em um espaço e tempo reais, que se constitui de relações dialógicas geradoras de sentidos, que pressupõe sujeitos – locutores, interlocutores, direcionamento – em determinadas condições histórico-sociais-culturais e situações instauradas por atividades específicas de esferas de produção, circulação e recepção do agir humano. As duas dimensões estão intrinsecamente conectadas, pois a estrutura triádica de um gênero está sempre conectada à situação social, à interação e aos sujeitos envolvidos; assim como é a situação social e o direcionamento que estabilizam e condicionam qual gênero será adequado a cada interação.

A análise da dimensão da interioridade desse gênero do discurso nos faz refutar a perspectiva de que esta carta seja uma carta pessoal, ou somente uma carta pessoal. Afinal, quando elencamos cada elemento da estrutura triádica, temos a evidência de que é uma carta social, com tema de relevância social, com estilo mais apropriado a todas as esferas de atividade humana, não apenas das interações íntimas e pessoais. Além disso, apresenta uma estrutura composicional de uma carta que pode ter sido entregue envelopada seguindo a regra das cartas enviadas pelos sistemas de envio de correspondências – a qual não podemos precisar como chegou ao seu destinatário – e ainda pode ter sido publicada em caráter aberto e na íntegra dentro de uma matéria jornalística política, como aconteceu.

Outro aspecto de relevância à compreensão do evento discursivo que analisamos está ligado à dimensão de exterioridade, que está ligada à vida, em que o gênero se situa em um espaço e tempo reais, em determinadas condições histórico-sociais-culturais e situações instauradas por atividades específicas de esferas de produção, circulação e recepção do gênero, compreendendo as esferas como instâncias organizadoras e estabilizadoras no que se refere aos gêneros do discurso em diferentes campos da sociedade. Sobre esse aspecto, destacamos que a esfera de produção, circulação e recepção desse gênero, em sua enunciação primeira, é a esfera política, visto que, o locutor que realiza seu projeto de dizer é o vice-presidente da República, Michel Temer, no período presidente nacional do então PMDB, que assume como interlocutora imediata a “*senhora Presidente*”, ou seja, Dilma Rousseff, que detinha o maior cargo público do Poder Executivo: o cargo de presidente. Assim como o discurso preponderante na carta é o discurso político, em que o locutor assume ao longo do desenvolvimento da carta, o tema político, revezando ações e estratégias de governabilidade.

Importante observar que a carta foi divulgada pelo portal de notícias G1, constituindo, assim, uma nova interação discursiva, advinda de outra esfera de produção, circulação e recepção, passando, desse modo, da esfera privada para a esfera jornalística, pública. Dessa forma, ganhou uma nova significação devido à possibilidade ampla de leitura por diversas

pessoas. A ampliação do público de leitura da carta ampliou a própria noção de direcionamento, afinal, para além da “*senhora Presidente*”, a interlocutora imediata instituída na materialidade da carta, atingiu a todos os possíveis leitores que tiveram acesso ao conteúdo do portal de notícias e puderem interagir, responder, criticar, concordar e analisar esse gênero, isto é, estabelecer relações dialógicas geradoras de sentido. O evento discursivo, portanto, sai do Palácio do Planalto para tomar a imprensa nacional e ser recepcionado por toda a sociedade. Tal mudança revela que o discurso, por ser uma prática social, jamais pode ser visto como estático, ele está em constante movimento. Assim, ao levarmos em conta a prática discursiva, podemos ver a dinâmica que engloba o discurso na comunicação discursiva.

Ainda na dimensão da exterioridade constitutiva do conceito de gêneros do discurso, na perspectiva do Círculo Bakhtiniano, convocamos a situação social na qual imergiu a interação social. O evento discursivo – a carta de Temer a Dilma, divulgada à imprensa em sete de dezembro de 2015, está marcada na temporalidade por ter sido escrita e divulgada apenas cinco dias após a aceitação do processo de impedimento da continuidade do mandato da então presidenta Dilma Rousseff. Esse foi o momento crucial do qual emanou a carta, pois, nesse período, instaurou-se uma instabilidade na coalisão entre PT e PMDB, e segundo especulações jornalísticas, a instabilidade também estava presente entre presidenta e vice-presidente. O rumo da chapa eleita era incerto, as alianças políticas no Senado e na Câmara dos Deputados estavam comprometidas. E o vice-presidente resolveu escrever em meio à instabilidade política, econômica e social que se instaurou no Brasil. Quando alocamos a carta em sua dupla orientação, interna, com seu conteúdo temático – tema político –, sua estrutura composicional – clássica dos gêneros epistolares da correspondência – e seu estilo – formal, situado no discurso de um sujeito político – e sublinhamos que a emergência desse sujeito em dizer se deu depois de uma turbulência no Poder Executivo, com a instabilidade política e social causada pelo impacto do processo de impeachment, reiteramos nossa perspectiva de que essa carta é essencialmente social, com tema de relevância social coletiva, que extrapola o cunho pessoal, anunciado pelo locutor. Afinal, o locutor passa a limpo o período de governo, por meio de fatos significativos de cunho político e administrativo, reflete sua posição e suas atitudes, em meio ao período de maior turbulência no governo, em que ele também poderia ser prejudicado e abalado pelo processo. Ou seja, a situação social instaurou e integrou o projeto de dizer do sujeito autor.

Assim como a situação social instaurou a interação entre os sujeitos imediatos envolvidos e pressupôs outros sujeitos participantes – afinal, todo gênero sempre pressupõe resposta e atitude responsiva ativa e institui o gênero a ser mobilizado nessa interação, ou seja,

a situação social não pode ser pensada somente como uma causa externa de um gênero discursivo. A situação social, nesse sentido, é parte constitutiva e essencial da estrutura de sua significação. Revelando, dessa forma, que é na situação social que o gênero se realiza como um acontecimento, como uma prática social e situada na realidade, e, portanto, fora disso não há condição de existir.

Outro ponto de suma importância à compreensão do nosso *corpus* revela-se nas relações dialógicas, constitutivas dos enunciados concretos que se materializaram no gênero do discursivo e instauraram tal interação na instância discursiva. Isto é, ao assumirmos a instância discursiva, assumimos que todo discurso – escrito ou falado – constitui apenas uma parte de uma comunicação verbal ininterrupta, constante e responsiva. São os enunciados concretos, que instauram o discurso como realidade fundamental da interação discursiva e estabelecem relações dialógicas que potencializam nossa compreensão sobre o evento discursivo, pois as relações dialógicas são relações de sentido entre discursos, entre sujeitos participantes da interação discursiva, e ainda entre enunciados que já foram ditos, ou que serão ditos em atitude responsiva ativa (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

O enunciado concreto como realidade fundamental da interação discursiva, portanto, não deve ser estudado isoladamente. O momento de seu acontecimento – a enunciação, aqui o evento – bem como a situação social que a envolve, constitui a relação entre sujeitos, fazendo da interação social o fundamento semântico de todo o discurso.

Dessa forma, precisamos alocar os enunciados analisados no evento discursivo, oriundos da materialidade da carta publicada no portal de notícias G1, e posteriormente replicado a outros veículos de comunicação, e dessa forma refletir sobre as relações dialógicas que suscitam. Desse modo, recuperamos doze enunciados concretos que permitem compreender o projeto de dizer do locutor, isto é, “*seu desabafo*”.

Uma das primeiras relações de sentido que se estabelecem no evento discursivo é o discurso de que o locutor assume um posicionamento de vitimização ao longo da carta. Vítima da desconfiança durante os quatro anos de mandato. Nessa perspectiva, o discurso de vitimização, derivado da convicção da ausência de confiança em relação a ele e ao PMDB, parece-nos confirmar uma tentativa de assumir um discurso de defesa de suas atitudes, ou das não atitudes, durante os quatro anos do primeiro mandato, e o primeiro ano do segundo mandato. Ao mobilizar o discurso de vítima, o locutor convoca atitudes responsivas que corroborem seu posicionamento, afinal, se ele não foi digno de confiança, não poderia ter culpa no que estava acontecendo naquele momento.

Tal leitura é corroborada quando o locutor assume o discurso de que foi “*vice decorativo*” e, dessa forma, mobiliza uma posição de isenção de responsabilidade sobre o que estava acontecendo

política e socialmente. Desse modo, diz-se idôneo e busca construir uma relação de confirmação e aceitação tanto da interlocutora imediata, quanto da interlocução presumida que o enunciado sempre institui.

O locutor mobiliza três discursos – vitimização, isenção de responsabilidade e competência para governar –, pois ele está em relação com o outro. Isto é, tais enunciados foram direcionados a um interlocutor imediato – a ex-presidenta Dilma –, porém, com a situação social na qual os enunciados emanaram, ampliou-se o direcionamento. Essa ampliação de direcionamento²⁸ se deu com a divulgação da carta, em que muitos leitores do portal (e das redes sociais, onde a carta circulou) puderam ter acesso ao conteúdo, puderam ler, refletir, responder e estabelecer relações dialógicas geradoras de sentido.

Ainda sobre a relação de direcionamento constitutiva dos enunciados concretos, e instaurada na interação discursiva, tem um grande impacto no evento discurso que analisamos. Afinal, com a divulgação da carta, o direcionamento se ressignificou, e o interlocutor que antes era presumido, nessa interação, torna-se o interlocutor imediato, ou seja, todos os leitores do portal, sujeitos sociais, eleitores e tiveram acesso ao discurso mobilizado na carta. É a esses interlocutores a quem o locutor se dirige agora para abordar o tema político, e em consequência, para se dizer vítima de ausência de confiança pelo governo Dilma, para se assumir como isento de responsabilidade sobre o que acontecia no país – um profundo descontentamento de uma parte da população no governo do PT e um impeachment em julgamento –; e mais, para se mostrar como um político idôneo, competente e capaz para assumir a liderança e governar como Presidente da República.

²⁸ Nesse momento, vale a pena mencionar a quantidade de cartas abertas que foram publicadas na época, na mídia on-line, sobretudo, endereçadas a Michel Temer, constituindo uma das características das relações dialógicas nos enunciados concretos que é a responsividade, oriunda do direcionamento do gênero discursivo em análise. Ao ser repleto de responsividade, todo enunciado é, antes de tudo, uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo: enquanto reposta rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, e dessa forma, todo enunciado é “repleto de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de um dado campo da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 57). O que ressaltamos é que a carta tornou-se social, circulou por diferentes esferas e ampliou seu direcionamento, aqueles interlocutores ditos presumidos e superdestinatário, se tornam locutores, ao tomarem uma posição axiológica e instauem uma nova interação discursiva, visando a Michel Temer como interlocutor imediato, estabelecendo a responsividade concreta. Elencamos quatro cartas abertas, que valem nossa leitura, a saber: carta aberta ao presidente Michel Temer, escrita conjuntamente pela Associação Procure Saber, formada por músico e artistas e o grupo de Ação Parlamentar Pró-música (GAP), em 13 de maio de 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/em-carta-aberta-ao-presidente-michel-temer-artistas-pedem-volta-do-ministerio-da-cultura-19297597>; carta aberta a Michel Temer, escrita por Márcia Tiburi, professora e filósofa, em 30 de novembro de 2016, publicada na *Revista Cult*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/carta-aberta-a-michel-temer/>; carta aberta ao presidente Michel Temer, de um produtor de Rialma, escrita por Lizandro de Miranda, produtor de melancia, em 26 de maio de 2018. Disponível em: <http://www.jornalpopulacional.com.br/noticia/8400-carta-aberta-ao-presidente-michel-temer-de-um-produtor-de-rialma.html>; carta aberta ao presidente da república, escrita conjuntamente por diversos órgãos ligados à Ciência, Tecnologia e da Educação superior, em 28 de agosto de 2017. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/images/of_sbpc-181_-_carta_conjunta_ao_presidente_da_republica.pdf.

Sobre o direcionamento, Bakhtin ajuda-nos a compreender a importância dessa noção, ao revelar que é próprio do gênero carta uma aguda sensação do interlocutor, do destinatário a quem ela visa. Ela se assemelha inclusive à réplica do diálogo, pois em primeira perspectiva se destina a um ser determinado, leva em conta as suas possíveis reações, sua possível resposta (BAKHTIN, 2013). Isto é, parece-nos claro assumir que o locutor, ainda quando escreveu uma carta “*pessoal*” em tom de “*desabafo*”, já previa o alcance que a carta alcançaria, e construiu todo seu projeto de dizer a fim de se defender, se proteger e se assumir como competente e confiável, buscando, nesse projeto de dizer, construir uma base sólida de identificação e, por conseguinte, de adesão ao seu discurso.

Ao finalizarmos nossa leitura e análise com vistas à compreensão do evento discursivo, retomamos a questão que dá título a esta seção “Senhora Presidente, será que esta é uma carta pessoal?”, que reflete a hipótese que norteou nosso estudo ao longo dessa dissertação, do título até o presente momento. Para construirmos nossa resposta, temos que considerar a situação social na qual o evento emanou; também temos que considerar a esfera de produção, circulação e recepção que se estabeleceu com a divulgação da carta à imprensa nacional, e que produziu um novo evento discursivo a partir da materialidade da carta, oriunda da enunciação primeira a qual não temos como recuperar e precisar. Ainda é importante considerar a relação de pessoalidade que se estabeleceu nesse evento discursivo, em que o locutor – o vice-presidente da República, pessoa pública e representante popular, presidente nacional do PMDB, parlamentar de carreira, advogado de formação acadêmica – direciona o evento ao interlocutor imediato – “*senhora Presidente*”, pessoa pública, ocupante do cargo mais alto do poder público – e, mais importante, considerar a noção de direcionamento dos gêneros discursivos, pois um gênero sempre é direcionado ao interlocutor imediato, que pode ser nomeado ou não, mas também a interlocutores presumidos, que estabelecem relações de sentidos, que se consolidam no conteúdo que é explorado, ou nos discursos que são mobilizados. Ainda, o gênero do discurso sempre instaura um superdestinatário, que é ligado à grande historicidade e ao fluxo discursivo, no qual o gênero se instaura como um elo na comunicação discursiva. Por fim, há outra noção de grande importância à compreensão do evento discursivo que se estabelece nas relações dialógicas geradoras de sentidos, que se materializam nos enunciados concretos e constituem a interação discursiva (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

Dessa forma, podemos concluir que, nessas circunstâncias, Excelentíssima Senhora Presidenta, esse evento discursivo se concretiza como uma carta aberta, uma grande carta resposta a toda a sociedade brasileira. Essa carta aberta visou responder à esfera política, em que o locutor buscou responder ao PT, ao seu partido PMDB, ao PSDB – partido de oposição

durante as eleições –, ainda aos representantes políticos que se estabeleciam como aliados e opositores na dinâmica da política partidária brasileira. A carta, Excelentíssima Senhora Presidenta, também foi uma grande resposta à esfera jornalística, que construiu uma narrativa em prol do impeachment e em oposição à chapa de Dilma (PT) e Temer (PMDB), noticiando diariamente o processo de ruptura da aliança estabelecida nas eleições de 2014. Então, sim, a carta também foi uma grande resposta ao discurso jornalístico.

A carta estabeleceu-se, também, como uma grande carta resposta aos eleitores brasileiros, Excelentíssima Senhora Presidenta, pois cerca de 54 milhões votaram em Dilma e Temer, isto é, um total de 51,64% dos votos válidos no segundo turno foi destinado a eles, logo, responder a esses eleitores respalda uma tentativa de angariar apoio popular em um momento tão turbulento quanto o que o Brasil passou em 2015. Pois, governar sem apoio partidário e popular gera maior dificuldade e amplia as críticas. Ainda, a carta estabeleceu-se como uma resposta aos discursos opositores, de insatisfação com o governo vigente, alguns legitimados por não concordarem com a dinâmica política mobilizada pelo governo Dilma e Temer; já outros ligados à insatisfação de eleitores que não queriam mais a hegemonia da “esquerda”, representada pelo PT, e por não aceitarem e concordarem com o resultado obtido nas urnas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim deste estudo que se estabelece como um elo no grande fluxo da comunicação discursiva, como um enunciado responsivo ao evento discursivo que lemos, interpretamos e analisamos. Nossa resposta foi buscar compreender tal evento e suas relações de sentidos estabelecidas com a sociedade, os sujeitos, a política, os posicionamentos ideológicos defendidos. De maneira breve, assumimos que o *corpus* revelou-se potente para compreender um pouco mais da situação social, política e discursiva do Brasil de 2015, que reverbera ainda hoje na sociedade.

Ao longo desta dissertação, assumimos como tema e delimitação o estudo do gênero do discurso como prática social, inserido na interação discursiva e constituído de relações dialógicas geradoras de sentido, instaurando-se, dessa forma, como evento discursivo. A pesquisa dedicou-se, pois, à compreensão de um evento discursivo, a carta do então vice-presidente Michel Temer, endereçada à ex-presidenta Dilma Rousseff, e divulgada à imprensa em sete de dezembro de 2015. Tal evento se estabeleceu como *corpus* para análise.

Nessa perspectiva, voltamos nosso olhar à carta e à situação social, isto é, à interação social da qual a carta emanou e também instaurou e estabelecemos duas questões que nortearam o estudo: Como a teoria dos gêneros dos discursos pode contribuir para a compreensão de um evento discursivo específico? E que relações dialógicas emergem de uma carta de um vice-presidente à presidenta do país, divulgada à imprensa? Também derivamos um problema de pesquisa que complementou o norte do estudo: Seria esta carta não uma carta pessoal, mas uma carta aberta?

A fim de alcançar as questões norteadoras e o problema de pesquisa, estabelecemos como objetivo geral compreender o evento discursivo – a carta, do então vice-presidente Michel Temer, escrita à ex-presidenta Dilma Rousseff e divulgada à imprensa em sete de dezembro de 2015, a partir da mobilização de noções e princípios teóricos da perspectiva linguística e dialógica, constitutivos da arquitetônica da Teoria Dialógica do Discurso e da Teoria dos Gêneros do Discurso. Para alcançar o objetivo norteador, elencamos como objetivos específicos: a) revisar a Teoria dos Gêneros do Discurso sob a perspectiva do Círculo Bakhtiniano, a fim de mobilizar o conceito de gênero do discurso como prática social com vistas à compreensão do evento discursivo; b) resgatar noções e princípios da Teoria Dialógica do Discurso do Círculo Bakhtiniano, a fim de compreender o evento discursivo carta de Temer a Dilma; c) mapear noções e princípios da Teoria Dialógica do Discurso e da Teoria dos Gêneros do Discurso, que constituirão constructos teórico-metodológicos que permitam a análise,

interpretação e compreensão do evento discursivo; d) analisar, como gênero discursivo, a carta do então vice-presidente Michel Temer, escrita à ex-presidenta Dilma Rousseff.

Nessa configuração procuramos responder nestas considerações finais às duas questões norteadoras do estudo e ao problema de pesquisa, que sintetizam nosso percurso teórico e analítico com vistas à compreensão do evento discursivo.

A primeira questão norteadora – Como a teoria dos gêneros dos discursos pode contribuir para a compreensão de um evento discursivo específico? –, nos faz refletir sobre a Teoria dos Gêneros do Discurso e sua potencialidade na compreensão deste evento e de tantos outros eventos discursivos oriundos de práticas discursivas de diferentes esferas. Dessa forma, podemos assumir que tais conceitos têm sua potencialidade ao possibilitar uma leitura mais completa dos textos, ao situá-los como formas de apreender a vida, pois o gênero, nessa perspectiva, só se realiza na interação social. Isto é, essa perspectiva contribui para que possamos assumi-los não apenas como uma “fórmula mágica”, ou seja, apenas na sua estrutura triádica – conteúdo temático, construção composicional e estilo.

A Teoria dos Gêneros do Discurso desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin pressupõe que se leve em consideração outros elementos de grande relevância aos gêneros, como: contexto de produção, circulação e recepção do gênero; a esfera de atividade humana em que está ancorado o discurso que se materializa nos gêneros; a perspectiva espaço-temporal em que se situa o gênero com acontecimento social; os sujeitos envolvidos na interação; o direcionamento; as relações dialógicas constitutivas dos enunciados; ou seja, tudo o que se refere à produção, circulação e recepção de um gênero do discurso, em uma determinada interação discursiva.

Compreendermos que a Teoria dos Gêneros do Discurso vinculada à Teoria Dialógica do Discurso, de perspectiva linguístico-filosófica do Círculo Bakhtin, possibilita, portanto, estudar os gêneros do discurso como prática social e situada, que emerge das relações de interação, que se realizam nas relações dialógicas geradoras de sentido. Dessa forma, estudar os gêneros é compreender as relações dialógicas geradoras de sentidos entre os textos, os discursos ditos, entre os sujeitos envolvidos na interação discursiva; é compreender quem diz, por que diz e, mais importante, para quem diz. É nessa constatação que repousa a potente contribuição da Teoria dos Gêneros do Discurso para a compreensão do *corpus* deste estudo, mas também de tantos outros dizeres que estão aí para serem compreendidos.

A outra questão norteadora – Que relações dialógicas emergem da carta do vice-presidente à presidenta do país, e divulgada à imprensa? – nos leva à compreensão de que a perspectiva dialógica da linguagem se constrói na tessitura de inter-relações entre sujeitos,

discursos, sentidos, que são mobilizados no evento da interação discursiva e se estabilizam em gêneros do discurso.

Quando pensamos nas relações dialógicas que emergem de uma carta de um vice-presidente à presidenta do país, e divulgada à imprensa – configurando o evento discursivo que analisamos – uma primeira relação dialógica evocada neste evento discursivo repousa no aspecto importante e constitutivo de todo o enunciado que é direcionamento, ou seja, a inter-relação entre sujeitos que são constitutivas da interação. Dessa forma, o locutor sempre instaura na interação um interlocutor imediato, que é um sujeito social e interativo, logo, nunca somente um sujeito individual, mas um sujeito em relação e com isso instaura um interlocutor presumido e ainda estabelece um superdestinatário.

No evento discursivo analisado, a peculiaridade constitutiva é ser uma carta escrita por Temer, o vice-presidente do Brasil, para Dilma Rousseff, presidenta do Brasil, e divulgada à imprensa nacional. Afinal, esse locutor – sujeito público, político, representante e presidente de um partido político – PMDB – instaura no seu projeto de dizer como interlocutora imediata nomeada na carta, Dilma Rousseff – mulher, economista, política e presidenta da República – maior cargo do Poder Executivo –, representante do PT.

Quando a carta é divulgada pela imprensa, a interação amplia-se e instaura uma interlocução presumida nessa interação, isto é, esses interlocutores imediatos se ligam a todas as características que constituem esses sujeitos como sociais. Logo temos como interlocutores presumidos o PMDB, o PT, o corpo ministerial e demais cargos que compõem a equipe de governo do mandato, assim como os presidentes do Poder Legislativo do período, e também a imprensa nacional de maneira geral, o jornalismo político e, ainda, os leitores do portal de notícias que tiveram acesso à carta e a população eleitora que teve acesso ao conteúdo da carta.

Além disso, dessa interlocução emana sempre, na perspectiva da Teoria Dialógica do Discurso, o superdestinatário, que se instaura como o grande outro que estabelece relações de sentidos no fluxo da comunicação discursiva, que podemos citar que esteja ligado à sociedade brasileira como um todo, e, pensando nisso, falamos da população de 2015 – data do evento discursivo –, e da população de 2020 – como nós que aqui estamos lendo, interpretando e estabelecendo relações de sentido ainda hoje com esta carta e produzindo enunciados responsivos. A temporalidade não impede a interação entre esse evento discursivo e o ano de 2020, pois o evento discursivo está no fluxo da comunicação ininterrupta. Destacamos, portanto, que o direcionamento instaurado nessa interação discursiva, a partir da carta, constitui uma das relações dialógicas mais significativas à compreensão do evento discursivo.

Ainda sobre as relações dialógicas emergidas da carta escrita por Temer a Dilma, destacamos as relações entre os discursos mobilizados pelo interlocutor que compõem a tessitura do evento discursivo, a partir de enunciados concretos que se estabilizaram no gênero discursivo carta.

O locutor escreve uma carta dita “pessoal” em tom de “desabafo” e mobiliza três discursos – vitimização, isenção de responsabilidade e competência para governar. Revelando – prevendo talvez – o quanto o texto alcançaria, e constrói todo seu projeto de dizer a fim de se defender, se proteger e se assumir como competente e confiável, buscando, nesse projeto de dizer, construir uma base sólida de identificação e, por conseguinte, de adesão ao seu discurso. As relações de sentidos que se estabelecem nesse evento discursivo nos revelam que essa carta não pode ser somente pessoal, ainda que fosse um desabafo, ela repousa no social e lá ganha significação. Ao assumir um discurso de que ele foi uma vítima de desconfiança, isentando-se de responsabilidade e definindo-se como político competente, o locutor procura mostrar-se como vítima nesse processo, e mais, busca se fazer ver como um sujeito leal e competente como articulador político, sobretudo, ao partido ao qual está vinculado e aos apoiadores desse partido. Porém, ao ser vítima de desconfiança, esteve à sombra da presidenta, isto é, longe de qualquer protagonismo nas decisões de Dilma Rousseff. Dessa forma, define-se como não culpado no que diz respeito ao processo de governabilidade, afinal, ele foi apenas um “vice decorativo”. Tudo isso dito uma semana após o início do processo de impeachment contra o mandato de Dilma ser aceito.

Tais discursos mobilizados pelo locutor não interessam somente à interlocutora imediata, eles assumem um status social, que interessa a todos os brasileiros – ou deveria interessar –, pois a carta que Temer escreve tem um conteúdo temático de cunho político e de estratégias de governabilidade durante o governo de 2011-2014, mais o ano de 2015. O locutor passa a limpo o período em que a ex-presidenta e o vice, ele, governaram. E pelas relações de sentidos apreendidas nos discursos analisados é que afirmamos que a carta extrapola o pessoal e atinge o social.

Há ainda outro ponto de grande importância da nossa compreensão do evento discursivo e que se vincula ao nosso problema de pesquisa – Seria esta carta não uma carta pessoal, mas uma carta aberta? – no que se refere ao gênero discursivo mobilizado no evento.

Após o percurso de análise e interpretação do *corpus* com vistas à compreensão do evento discursivo constatamos que para compreendê-lo temos de considerar a situação social na qual o evento emanou como elemento constitutivo e gerador de sentido; temos de considerar esfera de produção, circulação e recepção da interação primeira e da interação que emanou com a

divulgação à imprensa, pois as esferas condicionam e influenciam os elementos internos e constitutivos dos gêneros do discurso – conteúdo temático, construção composicional e estilo; ainda a relação de pessoalidade e direcionamento que se estabelece é de grande importância, afinal um gênero nunca é direcionado somente ao seu interlocutor imediato, ou seja, quem diz nunca dirá somente ao interlocutor imediato na interação, sempre instaurará os interlocutores presumidos e o convocará o superdestinatário, que estão ligados ao projeto de dizer empreendido pelo locutor; e, sobretudo, às relações dialógicas estabelecidas entre discursos e enunciados mobilizados na carta que geram o verdadeiro sentido do evento discursivo.

Quando consideramos esses elementos, tanto internos e externos que estão ligados ao gênero discursivo carta, oriundos da interação discursiva, concluímos que a resposta que encontramos ao nosso problema de pesquisa é de que esse evento discursivo se concretiza em um gênero discursivo carta aberta, e não – somente – de uma carta pessoal. Ao se instaurar como carta aberta se estabelece como uma grande carta resposta à sociedade brasileira.

Dessa forma, ainda que os elementos internos da tríade constitutiva apresentem certa regularidade entre os gêneros carta de maneira geral, especialmente o elemento estrutura composicional, quando assumimos o gênero como prática social e situada, e nos voltamos à situação social, a relação de pessoalidade, ao direcionamento, e às relações dialógicas, temos maior propriedade para definir e conceituar um gênero. Conforme evidenciado ao longo deste estudo, o conceito de gênero discursivo está ligado sempre a uma dupla orientação na realidade, nunca será somente forma ou somente conteúdo, sempre será esse todo que se realiza na interação discursiva.

Por fim, é muito importante ressaltarmos que, devido ao objetivo proposto, a metodologia assumida para realização do estudo, as questões norteadoras que guiaram nosso estudo, assumimos uma perspectiva de análise e interpretação do *corpus*, porém sabemos que nossa análise é apenas uma possibilidade dentre tantas outras possíveis. Visto que os enunciados concretos sempre convocam outros enunciados já ditos e sempre suscitam respostas futuras, conectando-se no fluxo discursivo. Eis o inacabamento constitutivo dos gêneros.

Haveria, ainda, outras questões a serem exploradas a partir desse evento discursivo, como a grande relação de responsividade estabelecida ao longo dos anos, reverberando em uma grande quantidade de outras cartas abertas escritas ao Michel Temer, que apenas citamos no estudo; a grande relação de responsividade que emanou das redes sociais, gerando uma produção de discursos de humor e ironia, por meio de memes, etc. Enfim, outros caminhos são possíveis para aprofundar a compreensão desse evento discursivo. Que possamos, a partir dessa primeira atitude responsiva ativa, provocar outras atitudes responsivas e outras relações

dialógicas geradoras de sentido para que outros estudos da Área de Linguística e da Análise Dialógica do Discurso possam emanar e dizer. Afinal, é na emergência de dizer que os gêneros vivem.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Retórica*. 2.ed. rev. Lisboa: INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005. Coleção Biblioteca de Autores Clássicos. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/aristoteles_-_retorica2.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.

ARISTÓTELES. *Poética*. Porto Alegre: Globo, 1966. (Biblioteca dos séculos).

BAKHTIN, Mikhail M. O discurso em Dostoiévski. In: _____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução direto do russo, notas e posfácio de Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p. 207-310.

BAKHTIN, Mikhail M. O discurso no romance. In: _____. *Questões de Literatura e estética: a teoria do romance*. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 2010, p.71-210.

BAKHTIN, Mikhail M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: _____. *Questões de Literatura e estética: a teoria do romance*. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 2010, p.13-70.

BAKHTIN, Mikhail M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução do russo Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins, 2011. p. 307-336.

BAKHTIN, Mikhail M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail M. Peculiaridades do gênero, do enredo e da composição das obras de Dostoiévski. In: _____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução direto do russo, notas e posfácio de Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p.115-206.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin – outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. *Bakhtin – conceitos-chave*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 61-78.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria H. C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *ALFA: Revista de Linguística*. v. 56, n. 2, 2012, p.371-401. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5531>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Casa Civil, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 set. 2019.

BRASIL. *Lei nº 12.605, de 3 de abril de 2012*. Casa Civil, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112605.htm. Acesso em: 20 set. 2019.

BRUM, Eliane. El Pais – Opinião. *Tupi or not to be*: Em nome de Deus e do New York Times, a disputa do impeachment e dos Brasis, 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/25/opinion/1461595521_717873.html. Acesso em: 25 jul. 2019.

CARBONI, Florenci. *Temer não gosta da presidenta*. 2016. Disponível em: <http://www.correiocidadania.com.br/politica/11725-07-06-2016-temer-nao-gosta-da-presidenta>. Acesso em: 20 nov. 2019.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Org. Cilene da Cunha Pereira. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre: L&PM, 2016.

DE PAULA, Luciane; OLIVEIRA, Fábio Augusto A. de. O signo “resistência” nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil. *Entreletras*. Tocantins, Araguaína. v. 10, n.2, jul./ dez., 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/6999/15969>. Acesso em: 15 dez. 2019.

DOMINGUEZ, Michelle. Do sistema à ação, do homogêneo ao heterogêneo: movimentos fundantes dos conceitos de dialogismo, polifonia e interdiscurso. *Bakhtiniana*, São Paulo, v.8, n., p. 05-20, jan./jun., 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/13799/11687>. Acesso em: 05 jun. 2019.

FARACO, Carlos A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, Carlos A. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. 1.ed. 2.reimp. São Paulo: Contexto, 2013. p.95-112.

FGV-DAPP. *Análise evidencia a divisão política nas redes sobre o impeachment*, 2016. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/analise-evidencia-divisao-politica-nas-redes-sobre-impeachment/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

FIORIN, José L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GRILLO, Sheila. Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do século XX. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. (Círculo de Bakhtin); tradução, notas e glossário de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkona Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2017, p.7-79.

GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina V. Glossário. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. (Círculo de Bakhtin); tradução, notas e glossário de Sheila Camargo

Grillo e Ekaterina Vólkona Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2017, p.353-368.

LEITE, Ana Maria de C. *Cadeias referenciais em textos do gênero carta aberta: um projeto didático para a educação de jovens e adultos*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, 2014. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1322129. Acesso em: 25 jul. 2019.

MACHADO, Irene A. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chaves*. 5.ed. 1.reimp. São Paulo: Contexto, 2013, p. 151-166.

MACHADO, Irene A. Os gêneros e a ciência dialógica do texto. In: FARACO, Carlos A.; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de; BRAIT, Beth. et al. *Diálogos com Bakhtin*. 4.ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007, p. 193-230.

MEDVIÉDEV, Pável N. Os elementos da construção artística. In: _____. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkona Américo. 1.ed. 1.reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016, p.193-207.

MORSON, Gary S.; EMERSON, Caryl. Metalinguística: o diálogo da autoria. In: _____. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008, p.137-186.

MORSON, Gary S.; EMERSON, Caryl. 7. Teoria dos Gêneros. In: _____. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008, p. 287-322.

OLIVEIRA, Jean R. *A carta aberta como instrumento de ação social: uma proposta de intervenção à luz do letramento*. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Programa de Pós-graduação Profissional em Letras. Universidade Estadual da Paraíba, 2018. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEPB_f941976da99488a5405cbfc4116883d8. Acesso em: 25 jul. 2019.

PIRES, Vera Lúcia; SOBRAL, Adail Ubirajara. Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov. *Bakhtiniana*, São Paulo, v.8, n., p. 205-219, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/13785/11709>. Acesso em: 05 jun. 2019.
PLATÃO. *A república*. 3ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

PORTAL G1. *Leia a íntegra da carta enviada pelo vice Michel Temer a Dilma*, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/leia-integra-da-carta-enviada-pelo-vice-michel-temer-dilma.html>. Acesso em: 08 jul. 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2019.

RENFREW, Alastair. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de Marcos Marcionilo. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. 32ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2010, p.22.

SILVA, J. Q. G. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

Disponível em:

http://www.letas.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/romulo/UM%20estudo%20sobre%20o%20g%C3%AAnero%20carta%20pessoal%20de%20JANE%20QUINTILIANO.pdf.

Acesso em: 01 jul. 2019.

TEZZA, Cristóvão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Edição digital: Amazon KDP, Tovo Textos, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. A interação discursiva. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. (Círculo de Bakhtin); tradução, notas e glossário de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkona Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2017, p.201-226.

VOLÓCHINOV, Valentin. O problema da relação entre a base e a superestrutura. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. (Círculo de Bakhtin); tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkona Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2017, p.103-114.

VOLÓCHINOV, Valentin. A interação discursiva. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. (Círculo de Bakhtin); tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkona Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2017, p.201-226.

VOLÓCHINOV, Valentin. Duas tendências do pensamento filosófico-linguístico. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. (Círculo de Bakhtin); tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkona Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2017, p.143-172.

VOLÓCHINOV, Valentin. Língua, linguagem e enunciado. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. (Círculo de Bakhtin); tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkona Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2017, p.173-200.